

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

IMAGEM CORPORAL: ATITUDES, MEMÓRIAS, ASSOCIAÇÕES E
CRENÇAS ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS DE ACADÊMICOS DA 3ª IDADE
ADULTA MAIORES DE 70 ANOS

Voluntária: Kátia Chomiczuk Miguel Garcia – Acadêmica de Educação Física
Colaboradora: Aliane Augustinho de Castro - Acadêmica de Educação Física
CNPq – PIB - SA / 003 / 2007

MANAUS
2008

IMAGEM CORPORAL: ATITUDES, MEMÓRIAS, ASSOCIAÇÕES E
CRENÇAS ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS DE ACADÊMICOS DA 3ª IDADE
ADULTA MAIORES DE 70 ANOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB - SA / 003 / 2007
IMAGEM CORPORAL: ATITUDES, MEMÓRIAS, ASSOCIAÇÕES E
CRENÇAS ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS DE ACADÊMICOS DA 3ª IDADE
ADULTA MAIORES DE 70 ANOS

Voluntária: Kátia Chomiczuk Miguel Garcia – Acadêmica de Educação Física
Colaboradora: Aliane Augustinho de Castro - Acadêmica de Educação Física

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa – DFT-FEF-UFAM

MANAUS
2008

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudo e Pesquisa em Ciência da Informação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Núcleo de Estudos Integrados do Desenvolvimento Adulto e se caracteriza como sub projeto do projeto de pesquisa Bibliotecas Digitais.

FICHA CATALOGRÁFICA

GARCIA, Kátia Chomiczuk Miguel.
Imagem Corporal: atitudes, memórias, associações e crenças
através de fotografias de acadêmicos da 3ª idade adulta maiores de
70 anos / Kátia Chomiczuk Miguel Garcia.

Orientadora: Rita Maria dos Santos Puga Barbosa
Manaus: PIBIC, 2008.

1. Educação Permanente 2. Imagem Corporal 3. Educação Física
Gerontológica

RESUMO

A Imagem Corporal é a representação mental de nosso corpo em nossa mente. É o reflexo de todas as experiências vividas. O estudo da Imagem Corporal de acordo com Schilder (1999), deve ser realizado nas dimensões fisiológica, libidinal e sociológica. A fotografia é uma imagem eternizada, que se remete ao passado; é um documento que catalisa informações. Essa imagem perpetuada está registrada na mente de quem compartilhou o momento, sendo assim, a fotografia pode ser utilizada como um conteúdo da memória. A memória é o arquivo da mente, socializado através da linguagem e revela associações, atitudes e crenças. Essa revelação se desenvolve através das percepções, das emoções, dos interesses pessoais e do contexto social e histórico. O corpo da pessoa idosa passa por mudanças e adaptações no aspecto biopsicosocial e quanto mais esse corpo existe mais experiências vividas ele absorve no eu-corporal. Este trabalho buscou estudar a Imagem Corporal de adultos idosos participantes do Programa Idoso Feliz Participa Sempre – Universidade da 3ª Idade Adulta da Universidade Federal do Amazonas (PIFPS-U3ªIA-UFAM) maiores de 70 anos de idade; investigando os elementos atitudes, memórias, associações e crenças através de fotografias por eles selecionadas, de maior significância, que são momentos vividos e eternizados através de imagens. Foram sujeitos desta pesquisa 26 idosos, sendo 22 do sexo feminino e 4 do sexo masculino, que foram abordados individualmente a partir de entrevista semi-estruturada, contendo 6 perguntas, através de 3 fotografias selecionadas pelo sujeito. Os dados foram gravados em áudio através de dispositivo mp3, transcritas, e através de análise de conteúdo segundo Bardin (1991). Foi realizado o grupamento das categorias e subcategorias. Os resultados encontrados sobre o porque da seleção da fotografia foram: por motivo de viagem; porque queriam lembrar; por motivo de festa; por causa da família; por felicidade e por representar muito aquele momento. Quanto à imagem da fotografia os idosos descreveram como: feliz; destacaram as roupas usadas; por ser uma imagem bonita; por estarem bem na foto; por ser uma festa e pela importância da imagem. Com relação ao que lembravam da fotografia ficou cunhado: a família; as paisagens; as alegrias; a saudade e o PIFPS-U3ªIA-UFAM. Sobre lembranças boas ou ruins a maioria preferiu ter lembranças boas. Sobre o significado da fotografia na vida dos idosos, destacou-se: a lembrança; a felicidade; o estudo; um momento bom e que a lembrança significava muita coisa. A propósito da percepção deles ao ver a imagem do passado, pronunciaram-se: diferentes; alegres; com vontade de voltar; sobre a aparência física e que se viam bem. À medida que os idosos adquiriam confiança com a pesquisadora os aspectos da memória fluíram com naturalidade e com riqueza de detalhes, revelando elementos de atitudes, crenças e associações. Consideramos que o trabalho realizado pelos idosos, o “relembrar”, surtiu em aspectos positivos, mesmo que outrora sentimentos ruins tenham sido expostos; foram reavaliados com outras percepções vividas e reconstruídos em seu eu-corporal. Desta forma o que foi revelado, foram experiências significativas da história de vida desses idosos, compartilhados e socializados oralmente através de fotografias.

Palavras-chave:

Educação Permanente, Imagem Corporal e Gerontologia.

ABSTRACT

The Corporal Image is the mental representation of our body in our mind. It is the reflex of all of the lived experiences. The study of the Corporal Image in agreement with Schilder (1999), it should be accomplished in the physiologic dimensions, libidinal and sociological. The picture is an eternalized image, which it is sent to the past; it is a document that catalyzes information. That perpetuated image is registered in the mind of who shared the moment, being like this, the picture can be used as a content of the memory. The memory is the file of the mind, socialized through the language and it reveals associations, attitudes and faiths. That revelation grows through the perceptions, of the emotions, of the personal interests and of the social and historical context. The senior person's body goes by changes and adaptations in the aspect biopsicosocial and the more that body exists more lived experiences he absorbs in the I-corporal. This work looked for to study the participant senior adults' of the Happy Senior Program Corporal Image Participates Always - University of the 3rd Adult Age of the Federal University of Amazon (PIFPS-U3^aIA-UFAM) larger of 70 years of age; investigating the elements attitudes, memoirs, associations and faiths through pictures for them selected, of larger significance, that are lived moments and eternalized through images. They were subject of this research 26 senior, being 22 female and 4 male, that they were approached individually starting from semi-structured interview, containing 6 questions, through 3 pictures selected by the subject. The data were recorded in audio through device mp3, transcribed, and through content analysis according to Bardin (1991). It was accomplished the group of the categories and subcategories. The results found on the because of the selection of the picture they were: because of trip; because they wanted to remind; because of party; because of the family; for happiness and for acting a lot that moment. As for the image of the picture the seniors described as: happy; they detached the used clothes; for being a beautiful image; for they be well in the picture; for being a party and for the importance of the image. Regarding that they remembered the picture it was coined: the family; the landscapes; the happiness; the longing and PIFPS-U3^aIA-UFAM. About memories good or bad most uttered to have good memories. On the meaning of the picture in the seniors' life, he stood out: the memory; the happiness; the study; a good moment and that the memory meant a lot of thing. Concerning the perception of them when seeing the image of the past, they were pronounced: different; cheerful; with will of returning; on the physical appearance and that they saw each other well. As the seniors acquired trust with the researcher the aspects of the memory flowed naturally and with wealth of details, revealing elements of attitudes, faiths and associations. We considered that the work accomplished by the seniors, "recalling", it produced in positive aspects, even if formerly bad feelings have been exposed; they were revalued with other lived perceptions and rebuilt in it I-corporal one. In this way that was revealed, they were significant experiences of the history of life of those senior ones, shared and socialized vocally through pictures.

Word-key:

Remain Education, Corporal image, Gerontological.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Quantificação das idades dos idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino)	56
Tabela 2 – Grau de escolaridade dos idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino)	57
Tabela 3 – Naturalidade dos idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino)	57
Tabela 4 – Estado civil entre os idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino)	58
Tabela 5 – Religião entre os idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino)	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias e subcategorias encontradas como resultado da entrevista com os gerontes	75
Quadro 2 – Apresentação dos elementos atitudes e crenças reveladas nas entrevistas pelos idosos	107
Quadro 3 - Apresentação do elemento associações reveladas nas entrevistas pelos idosos	107

LISTA DE FIGURAS

Figuras de 1 a 7	59
Figuras de 8 a 14	60
Figuras de 15 a 17	61
Figuras de 18 a 23	62
Figuras de 24 a 38	63
Figuras de 39 a 45	65
Figuras de 46 a 51	66
Figuras de 52 a 57	67
Figuras de 58 a 61	68
Figuras de 62 a 64	69
Figuras de 65 a 69	70
Figuras de 70 a 73	71
Figuras de 74 a 77	72
Figuras de 78 a 81	73

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	13
2 – METODOLOGIA	16
2.1 – Abordagem metodológica	16
2.2 – Campo de pesquisa	16
2.3 – Sujeitos da pesquisa	18
2.4 – Instrumento	19
2.5 – Procedimentos	20
3 – LOCALIZAÇÃO TEÓRICA	23
3.1 – O corpo	23
3.1.1 – O que é corpo	23
3.1.2 – O corpo e a imagem corporal	24
3.2 – Imagem Corporal	25
3.2.1 – O que é?	25
3.2.2 – A imagem corporal pode ser desenvolvida?	29
3.3 – Memória	30
3.4 – Associações, Atitudes e Crenças	38
3.5 – Fotografias	43
3.6 – O idoso	46
3.6.1 – Termos utilizados	46
3.6.2 – Processo de envelhecimento	48
3.6.3 – Qual o objetivo da atividade física para o idoso	51
3.6.4 – Situação demográfica atual no Brasil	54
4 – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	56
4.1 – Sujeitos da pesquisa: localização e situação sociodemográfica	56
4.2 – Balanço das fotografias selecionadas pelos idosos	58
4.2.1 - Religiosidade	59
4.2.2 - Passeios	60
4.2.3 - Festas	62
4.2.4 – Eventos promovidos pelo PIFPS-U3 ^a IA	63
4.2.5 – Fotos com filhos, netos e bisnetos	65
4.2.6 - Formaturas	66
4.2.7 – Com os irmãos	67
4.2.8 - Sozinhos	68
4.2.9 – Com a família	70
4.2.10 – Festa de casamento	71
4.2.11 – Marido e a esposa	72
4.2.12 – Com a mãe	72
4.2.13 – Com amigos	73
4.3 – Especificação das categorias	74
4.4 – Caracterização das categorias e das subcategorias	76
4.4.1 – Por que selecionou	76
4.4.1.1 – Viagem	76
4.4.1.2 – Lembrar	77

4.4.1.3 – Festa	78
4.4.1.4 – Família	79
4.4.1.5 – Felicidade	80
4.4.1.6 – Representou muito	81
4.4.2 – A imagem da fotografia	82
4.4.2.1 – Feliz	82
4.4.2.2 – Roupas	83
4.4.2.3 – Bonita	84
4.4.2.4 – Bem	85
4.4.2.5 – Festa	85
4.4.2.6 – Importante	86
4.4.3 – O que mais lembra a fotografia	86
4.4.3.1 – Paisagens	87
4.4.3.2 – Alegrias	87
4.4.3.3 – Família	89
4.4.3.4 – Saudade	90
4.4.3.5 – PIFPS-U3 ^ª IA	91
4.4.4 – A fotografia o que lembra de bom e/ou ruim	92
4.4.4.1 – Bom	92
4.4.4.2 – Ruim	95
4.4.4.3 – Bom e ruim	96
4.4.5 – Significa na sua vida	97
4.4.5.1 – Felicidade	97
4.4.5.2 – Lembranças	97
4.4.5.3 – Estudo	99
4.4.5.4 – Muita coisa	99
4.4.5.5 – Momento bom	101
4.4.6 – O que percebe em você quando vê essa fotografia	102
4.4.6.1 – Me vejo bem	102
4.4.6.2 – Alegre	102
4.4.6.3 – Aparência Física	103
4.4.6.4 – Diferente	105
4.4.6.5 – Vontade de voltar	106
4.5 – Levantamento das atitudes, crenças e associações	106
4.5.1 – Atitudes	107
4.5.2 – Crenças	110
4.5.3 – Associações	114
5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	126
APÊNDICES	130
PARECER DO CEP - UFAM	134
AGRADECIMENTOS	135

1 – INTRODUÇÃO

Este estudo envolverá fotografias entre três assuntos que são de áreas diferentes originalmente, mas que perfeitamente podem ser associados: a imagem corporal, o envelhecimento de idosos maiores de 70 anos e a educação física gerontológica.

A fotografia é um instrumento que favorece a permanência do contato visual com imagens que aconteceram e ficaram registradas num papel especialmente confeccionado para este fim.

A imagem corporal é estudada em primeira pessoa (eu) e busca desvendar a representação mental da pessoa, logo envolvendo o tempo passado e o atual.

O estudo da Imagem Corporal ganhou grande impulso no início do século XX com os trabalhos expressivos de Paul Schilder. Estudos que transcorreram em quase três décadas e culminaram na fundamentação das três dimensões da Imagem Corporal: a fisiológica, a libidinal e a social. Apontaram ainda explicações para a Imagem Corporal não tão somente doente, mas saudável e que poderia adoecer causada pelo desequilíbrio das três dimensões em qualquer fase da vida.

Dentro dos estudos de Schilder; memórias, associações, crenças e atitudes estão bastante presentes e servem elementos como chaves para decifrar a imagem corporal. E ainda hoje Schilder continua sendo a principal referência no estudo da imagem corporal.

Para descrever sobre as três dimensões os trabalhos de Imagem Corporal podem ser desenvolvidos em diversas áreas do conhecimento como: a Medicina, a Psicologia, a Psiquiatria e Educação Física.

Na Educação Física os estudos da imagem corporal encontraram grande repercussão e vêm se fixando em função da mesma ter como foco o corpo e mente de modo integrado favorecendo extremamente as pesquisas no setor.

O envelhecimento é um fenômeno que vem aumentando em todos os países do mundo, influenciando e direcionando profissionais para o seu estudo, ao ponto que sejam esclarecidas novas facetas desta etapa do ciclo vital.

O estudo da Imagem Corporal de Idosos pode proporcionar uma melhor compreensão sobre o tema, também corroborando com outros trabalhos já realizados. A imagem corporal está em constante desenvolvimento, de acordo com as experiências e percepções do corpo, do ambiente, tornando deste modo, interessante, pois o eu corpo que envelhece sofre transformações e adaptações fisiológicas, psicológicas e sociais.

Os programas de atenção aos idosos têm se debruçado sobre a educação física gerontológica, com bons resultados no biológico psicológico e social dos participantes.

Importante destacar a associação imagem corporal, o idoso e Educação Física Gerontológica, componentes desta pesquisa.

Os sujeitos pesquisados são Acadêmicos da Universidade da 3ª Idade Adulta da Universidade Federal do Amazonas (PIFPS-U3ªIA) os quais participam de um programa de educação para o envelhecimento cujo núcleo é a Educação Física Gerontológica.

No Brasil, os programas para idosos têm atingido ótimos resultados de aderência, haja vista a presença das Faculdades de Educação Físicas nas Universidades, exemplo notório das Universidades da 3ª Idade, um fenômeno em todo território nacional.

As atividades físicas para idosos são um meio pelo qual, prazerosamente, a imagem corporal pode ser estudada e desenvolvida; uma oportunidade de experiência e percepção corporal do “eu” do idoso.

O diferencial desta pesquisa em nosso contexto é a delimitação da faixa etária superar os 70 anos. Sendo assim, o “eu” idoso pode ser investigado através de elementos como atitudes,

associações e crenças registradas em suas memórias, bem como suas relações, resgatadas e reveladas perante imagens fotográficas do seu passado.

Este trabalho tem como objetivo geral estudar a imagem corporal de adultos idosos participantes do Programa de Envelhecimento do PIFPS-U3^aIA da UFAM, maiores de 70 anos. E Especificamente investigar os elementos atitudes, memórias, associações e crenças que acadêmicos da 3^a Idade Adulta maiores de 70 anos, através de fotografias por si selecionadas, as quais fazem parte de sua imagem corporal registrada de algum lugar de seu passado e refletem no que são naquele momento representando hoje.

Encontraremos como partes deste trabalho a metodologia detalhada da aplicação da pesquisa, de modo que seja possível sua reprodução em outra ocasião.

Foi elaborada uma localização teórica que esclarece os fundamentos do fenômeno estudado, tais como: O corpo, O corpo e a imagem corporal, Imagem Corporal, O que é, a Imagem Corporal pode ser Desenvolvida, Memórias, Associações, Atitudes e Crenças, Fotografias, O idoso, Termos utilizados, Processo de Envelhecimento, O Objetivo da Atividade Física para o Idoso e Situação Demográfica Atual no Brasil.

Os resultados serão apresentados no capítulo quatro e constará de cinco subitens: indicadores sociodemográficos, balanço das fotografias selecionadas, especificação das categorias, caracterização das categorias e subcategorias e o levantamento das atitudes, crenças e associações além daquelas apresentadas nas subcategorias.

Por fim apresentaremos as considerações finais, seguidas das referências e apêndices e da cópia do parecer do comitê de ética.

2 – METODOLOGIA

2.1 – Abordagem metodológica

A metodologia empregada será através de pesquisa de campo, do tipo da pesquisa de campo será a exploratória com procedimentos específicos para coleta de dados, na qual obteremos resultados qualitativos e quantitativos ao categorizar os resultados do objeto de estudo (LAKATOS, 2006).

De acordo com Minayo (1994) o conjunto de dados quantitativos e qualitativos se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

O instrumento utilizado será a “entrevista semi-estruturada”, que apresenta um roteiro de perguntas específicas e permite ao entrevistador liberdade para realizar outras perguntas, além das contidas no roteiro, para melhor explorar a questão (ANDER-EGG apud LAKATOS, 2006).

2.2 – Campo de Pesquisa

O Programa Idoso Feliz Participa Sempre-Universidade da 3ª Idade Adulta da Universidade Federal do Amazonas (PIFPS-U3ªIA-UFAM), foi introduzido em 1993. Vem sendo construído ao longo de seu funcionamento até o presente, com a participação conjunta de coordenadores, professoras e acadêmicos da Faculdade de Educação Física, bem como dos idosos que estão inseridos como acadêmicos da 3ª Idade Adulta.

O Programa tem como objetivos:

- ❑ Educar para o envelhecimento;
- ❑ Oportunizar aos idosos um contato com a universidade na condição de universitário;
- ❑ Desenvolver a prática motora em gerontes facilitando sua nova identidade;

- ❑ Promover o estágio acadêmico em Educação Física Gerontológica;
- ❑ Auxiliar a especialização em Educação Física em gerontologia Social.

O PIFPS-U3^aIA, funciona no Centro de Esportes da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas, com prédio e uma quadra coberta doados pela Prefeitura Municipal de Manaus, além de utilizar as quadras cobertas, o complexo aquático, a sala de musculação e a área verde da Faculdade de Educação Física para suas atividades letivas.

O programa é composto dos projetos como:

- ❑ Disciplinas do PIFPS-U3^aIA;
- ❑ Grupo de Dança Gerontológica (*Gerontocoreographic Fame*);
- ❑ Festival Folclórico dos Acadêmicos da Idade Adulta do Amazonas (FFATIAM);
- ❑ Boletim Unimotrisaúde em Sociogerontologia;
- ❑ Feira de Motricidade e Arte Popular (FEMAP);
- ❑ Eventos de Esportes Gerontológicos: JAE;
- ❑ Excursões e Intercâmbio/participação em eventos.

As disciplinas são oferecidas em sistema de matrícula anual, com carga horária de 60 horas, exigindo o mínimo de 75% de frequência e 5,0 pontos para aprovação. Inicialmente o Programa ofertava apenas três disciplinas com apenas uma turma para cada (1993). Em 2003 foram registradas catorze disciplinas com duas turmas cada. Atualmente são oferecidas as disciplinas de: Gerontovoleibol, Caminhada Ecológica, Musculação Gerontológica, Técnicas de Auto percepção, Gerontocoreografia, Educação Física Gerontológica, Dança de Salão, Inclusão Digital Gerontológica, Condicionamento, Hidromotricidade e Natação Gerontológica nível I (iniciantes) e nível II (avançado).

As turmas são distribuídas nas seguintes faixas etárias: turma I (45 a 59 anos) e turma II (acima de 60 anos). O acadêmico monta seu horário de acordo com seu interesse ou da disponibilidade de vagas, matricula-se recebendo um documento de confirmação, recebe uma carteira de identificação para usar como crachá durante o ano. Sua frequência é registrada em diário de classe pelo (a) professor (a) responsável pela disciplina. Na próxima matrícula, recebe o histórico escolar alusivo ao período cursado, com a respectiva nota média e frequência no programa. Caso precise se ausentar das aulas deve preencher ficha de afastamento com o prazo. Em situações mais graves que impeçam seu retorno naquele ano, deve fazer trancamento de disciplinas, o que garante seu retorno no ano seguinte. Os evadidos ficam suspensos de matrícula por um ano, pois ocuparam uma vaga.

2.3 – Sujeitos da Pesquisa

Foram levantados nos arquivos de 2007 do Programa Idoso Feliz Participa Sempre-Universidade da 3ª Idade Adulta (PIFPS-U3ªIA), os acadêmicos maiores de 70 anos de idade, de ambos os sexos, residentes na cidade de Manaus, de qualquer tipo de formação escolar, religião, estado civil ou naturalidade. Após o levantamento, os idosos foram abordados e convidados a participar da pesquisa voluntariamente podendo, a qualquer momento, desistir da participação da mesma.

Aqueles que aceitaram, irão assinar TCLE (Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE (Apêndice 1), e um Termo de Consentimento de Divulgação de Imagem (Apêndice 2) preenchido no dia da entrevista. Na ocasião do convite foi marcada uma reunião com os acadêmicos da terceira idade, na qual foram prestadas informações sobre o procedimento a ser efetuado durante a pesquisa com os mesmos. Durante a reunião foi explicado que os acadêmicos

deverão escolher três (3) fotografias de maior significância para a eles, podendo estas ser de qualquer época (infância, mocidade, casamento, nascimento filhos, realizando atividade física, passeando, etc.) estando acompanhados ou não, mas que estejam inseridos na imagem da mesma.

Os sujeitos da pesquisa serão 30 (trinta) idosos pertencentes ao PIFPS-U3^aIA, maiores de 70 anos, de ambos os sexos, residentes na cidade de Manaus, de qualquer tipo de formação escolar, religião, estado civil ou naturalidade, que aceitaram participar do projeto de pesquisa. A amostra poderá variar para mais ou para menos, dependendo do nível de aceitação e interesse por parte dos idosos em participar da pesquisa.

A delimitação da amostra por acadêmicos maiores de setenta (70) anos de idade se deve ao fato que, estes têm uma história de vida, uma vivência significativa a ser relatada através da linguagem oral auxiliada por imagens de fotografias. Este método envolve também o trabalho da memória que irão realizar, resgatando essas vivências de seu passado (distante e/ou mais recente), de verbalizar as suas crenças, suas atitudes e de como outros fatos estão associados a esta imagem fotográfica.

Esta rememória pode, em alguns casos, fazer reflorar sentimentos tristes e/ou amargos do passado, mas que poderão ser dialeticamente uma volta benéfica para uma reelaboração de algum fato vivenciado nesta época.

2.4 – Instrumento

Para cada fotografia selecionada pelos idosos, foram realizadas entrevistas semi-estruturada através de seis perguntas (apêndice 3).

Esta entrevista foi submetida a três professores da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas para ser validado pelos mesmos, ou seja, para avaliar se estas

perguntas estavam claras e objetivas para a compreensão dos idosos; do que obtivemos pareceres unânimes quanto à clareza das questões apresentadas.

Além deste método, foi realizado um piloto de entrevista para também avaliar a compreensão das perguntas, com três idosos integrantes da amostra levantada, os quais, se necessário, serão entrevistados novamente com as perguntas reformuladas. As entrevistas piloto foram realizadas na segunda quinzena de novembro. Destas entrevistas obtivemos um resultado satisfatório pela compreensão das perguntas e estamos estruturando os recursos audiovisuais para proceder as demais entrevistas da amostra e proceder à análise dos dados.

De acordo com Lakatos (2006, p. 167), é suficiente realizar a mensuração em 5% ou 10% do tamanho da amostra, dependendo do número absoluto dos processos mensurados.

As entrevistas estão ocorrendo nas instalações do PIFPS-U3^aIA, em dia e hora previamente marcados, sendo esta entrevista realizada em sala climatizada, individual, utilizando recursos audiovisuais e anotações por parte da acadêmica pesquisadora. As entrevistas ocorrerão preferencialmente no mesmo horário que cursam as disciplinas nas quais estão matriculados, objetivando não causar transtornos aos mesmos com deslocamentos fora de sua rotina diária.

2.5 – Procedimentos

Foi realizado no mês de setembro, o levantamento de idosos maiores de 70 anos matriculados no ano de 2007 no PIFPS-U3^aIA, encontramos um total de 67 (sessenta e sete).

Destes 67 idosos, foram contatados 35 (trinta e cinco), dos quais 32 (trinta e dois) aceitaram participar e apenas 03 (três) não optaram pela não participação. Dos 03 (três) idosos convidados que não quiseram participar, 01 (um) justificou sua não participação porque não tinha nenhuma fotografia.

Na ocasião do convite à participação da pesquisa os idosos foram instruídos sobre a forma iria ser procedida à mesma e, além disto, foi marcada uma reunião, com todos, na segunda quinzena do mês de outubro. A reunião foi realizada em uma sala climatizada, na qual receberão novamente informações e instruções sobre a pesquisa e de qual seria o papel deles na mesma, que no caso, selecionar três fotografias de maior significância em suas vidas, de forma que estivessem inseridos na imagem. No dia da reunião foram anotados em uma planilha os telefones para contato dos idosos bem como os dias da semana que os mesmos estão no programa, participando das disciplinas na qual são matriculados, com o objetivo de facilitar a data da entrevista com os mesmos.

As entrevistas iniciaram a partir da segunda quinzena do mês de novembro/2007. Com um auxílio de um cronograma, foram agendadas individualmente de forma a tender os dias de aula dos participantes. Foi previsto para cada entrevista o tempo de uma hora de duração, e agendadas duas entrevistas por dia, as quais foram realizadas em sala climatizada. Devido ao recesso letivo na primeira quinzena de dezembro/2007 da universidade da terceira idade, as entrevistas foram retomadas na segunda quinzena de fevereiro/2008 e terminadas no final do mês de março.

Com o decorrer do tempo alguns idosos que aceitaram participar do trabalho de pesquisa adoeceram e se ausentaram no período em que estavam sendo realizadas as entrevistas, o que resultou em um decréscimo de nossa amostra inicial. Desta forma o total de participantes da pesquisa foi de 26 idosos, sendo 22 do sexo feminino e 4 do sexo masculino.

Ao iniciar os procedimentos da entrevista, a pesquisadora esclareceu novamente os idosos, os quais assinaram o TCLE (Apêndice 1), e um Termo de Consentimento de Divulgação de Imagem (Apêndice 2). Após, os dados dos participantes foram registrados no Roteiro das Perguntas e em seguida as entrevistas foram realizadas e gravadas em dispositivo MP3.

As fotografias selecionadas foram cedidas temporariamente pelos idosos e foram escaneadas e arquivadas no computador e após esse procedimento foram devolvidas aos seus proprietários.

As entrevistas foram ouvidas exaustivamente e transcritas para facilitar a identificação das palavras-chaves e executar a classificação das subcategorias. Para a análise das entrevistas foi utilizada a análise de conteúdo, onde, Bardin (1991), descreve a análise de conteúdo como a interpretação empírica abstraída das falas dos sujeitos.

A classificação total das subcategorias só foi possível após a transcrição e análise da última entrevista, pois foram destacadas falas dos idosos participantes a conforme a apresentação da categoria e subcategoria. Foram expostos nos resultados do trabalho os relatos sobre os elementos atitudes, crenças e associações reveladas pelos entrevistados.

3 – LOCALIZAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão trabalhados a partir de referências bibliográficas os seguintes pontos: corpo; imagem corporal; memória; associação, atitudes e crenças; fotografia e sobre os processos de envelhecimento e o objetivo da atividade física para os mesmos.

3.1 – O corpo

3.1.1 - O que é corpo?

Um dos objetos de estudo da Educação Física é o corpo humano, seus movimentos, sua relação com o espaço e com o tempo, com o outro corpo e com contexto social e econômico em que este corpo está inserido. Mas este corpo, composto por sistemas complexos interligados existe individualmente, é único, tem sentimentos e é intelectual, e através de suas percepções e vivências ele age e reage de formas diferentes e está sempre em evolução.

Encontramos concepções sobre o corpo, sobre a dualidade entre ele e a alma, Medina (2005, p. 49) traz várias indagações sobre como compreender o corpo se basta defini-lo, ou se aprendemos mais sobre ele vivendo-o, ou precisamos falar dele, ou senti-lo. Ele cita o filósofo Descartes (1596-1650): “Penso, logo existo”, nesta definição o homem era fundamentalmente espírito; cita também Merleau-Ponty (1908-1961): “Eu sou meu corpo”, nesta definição diferente de Descartes, Merleau-Ponty diz que “existo, logo penso”.

Damásio (1996), em sua obra “O erro de Descartes”, contesta as afirmações dualistas do filósofo baseado no conhecimento de seus pacientes neurológicos afetados por danos cerebrais; e com sua visão inovadora afirma que os sentimentos e emoções são uma percepção direta de nossos estados corporais e constituem um elo essencial entre o corpo e a consciência.

Desta forma o corpo é definido em abordagens e perspectivas diferentes, Tavares (2003, p. 35) cita algumas afirmações: “o corpo existe como uma entidade física”; [...] ”o corpo delimita um espaço e um tempo”; [...] “a perspectiva psicossocial do corpo é profunda e concreta. As identificações vão muitas além do plano das idéias, mas abarca o plano de apropriação do corpo do outro (inclusive na questão do gênero)”.

O corpo entendido apenas como matéria física não pode explicar todas as ações e interações deste corpo, consigo, com outros corpos e com o meio em que está inserido. Em uma dimensão sócio-antropológica do corpo, Marcel Mauss citado por Fonseca e Mendes (1987, p. 87), faz sua contribuição para este entendimento, para ele, “o corpo torna-se um instrumento ao dispor do homem”. Esta perspectiva de Marcel Mauss quer revelar de como a ação do corpo em elaboração de ferramentas, utensílios, toda inovação tecnológica o auxiliou para libertar o próprio corpo para novas descobertas, dentre elas descobrir o próprio corpo, o corpo no mundo e a compreensão do mundo no corpo.

De acordo com Fonseca e Mendes (1987, p. 88), Freud tenha sido o primeiro autor a tratar uma concepção psicanalítica do corpo, das relações do corpo com a formação da personalidade; e uma de suas frases mais conhecidas é “O eu é antes de tudo um eu corporal”.

Fonseca e Mendes (1987, p. 88), dizem que “sem a relação eu corpo não seria possível à relação eu-mundo e a relação eu-outros [...]”.

3.1.2 - O corpo e a imagem corporal

Nos estudos sobre Imagem Corporal encontramos conceitos relacionados ao corpo e a imagem corporal.

Para Tavares (2003, p. 36), “a delimitação do que é minha identidade corporal passa pela determinação do que pertence e do que não pertence ao meu ‘Eu Corporal’”. A autora expressa que existe um esboço físico formado pelo organismo biológico (que é o corpo); e complementa dizendo que “as sensações corporais existem. Mas existem também outras referências, como o que dizem que sou, o que gostariam que eu fosse, o que penso que eu deveria ser e o que eu gostaria de ser”.

Barbosa (2003, p. 50), cita os estudos de Schilder e argumenta que todas as experiências vivenciadas pelo corpo ficam assinaladas como em um “álbum existencial”, sendo assim essas vivências que de alguma forma não tenham sido bem resolvidas poderão “[...] produzir incapacidade e distorções em relação ao mundo exterior”.

3.2- Imagem Corporal

3.2.1 - O que é?

A Imagem Corporal, de acordo com Tavares (2003, p. 27), “[...] é a maneira pela qual nosso corpo aparece para nós mesmos. É a representação mental do nosso próprio corpo. A abordagem da imagem corporal incrementa a convergência de intervenções motoras e psíquicas na busca do desenvolvimento da pessoa”.

Barbosa (2003, p. 48) cita vários outros conceitos por diferenciados autores, dentre eles:

- Gorman (1969), Imagem Corporal “[...] é o conceito de uma pessoa sobre seu corpo, o qual tem sido formado pelas interações e combinações, perceptuais consistindo em todo presente e passado de experiências sensoriais e combinações de todas as experiências e memórias”.

- McCrea, Summerfield e Rose (1982), dizem que Imagem Corporal “[...] refere-se ao corpo como uma experiência psicológica e foco de sentimentos, atitudes individuais em direção a si próprio, concerne às experiências individuais e subjetivas com seu corpo e a maneira pela qual estão organizadas”.
- Dolto (1984), fala que Imagem Corporal “[...] é a síntese de vida de nossas experiências emocionais, é cada momento, memória inconsciente de tudo vivido, relacional e ao mesmo tempo é atual, vivem em situação dinâmica”.
- Barros (2001), diz que “somos nós mesmos relacionando-nos com o mundo e com as pessoas numa unidade corporal e, construindo, assim, uma nova imagem a cada momento. Simboliza nosso ser”.
- Tavares (2001) que diz que imagem corporal “É uma experiência em primeira pessoa, uma experiência muito especial, no sentido em que o objeto corresponde a nosso eu, dentro de aspectos conscientes e inconscientes [...]”.

Paul Schilder foi um marco nos estudos sobre Imagem Corporal. Em sua obra composta por três capítulos detalhados em suas dimensões: fisiológica, libidinal e sociológica; descreve como estão intimamente ligados na formação da imagem corporal, e de como não podemos estudar a imagem do corpo separado destas três dimensões.

Na dimensão fisiológica ele destaca a composição do corpo humano que pode ser observado externamente como olhos, cabelos, etc., como também os sistemas do organismo; as reações químicas e as trocas energéticas necessárias para o funcionamento do corpo humano.

Barbosa (2003, p. 51), destaca dentro deste estudo, “[...] a esfera fisiológica, que é evidenciada como a relação entre dados proprioceptivos, as percepções e as intenções motoras;

destaca-se a importância da formação de imagens pelo cérebro, através do contato com o mundo”.

Na dimensão libidinal, Schilder integraliza os conhecimentos fisiológicos e somáticos aos psicológicos, e influenciado pela Psicologia da Gestalt, cujo fundamento principal baseia-se no fato de que a percepção é formada a partir das experiências pelas quais passamos e que desencadeiam nosso comportamento.

Barbosa (2003), destaca nesta dimensão que Schilder em seu estudo,

“[...] apresenta o corpo como um álbum existencial, no qual ficam marcados, de alguma forma, todos os acontecimentos pertinentes à vida do ser humano que o possui. Partindo deste pressuposto, infere que qualquer perturbação na unidade eu-corpo gera problemas para o ajustamento com a realidade, com a autonomia, podendo assim, produzir, incapacidade e distorções em relação ao mundo exterior” [...]; e que “a Imagem Corporal se constrói fundamentalmente a partir de nossas relações e percepções com tudo aquilo que nos é externo, modificando-se dinamicamente a partir de nossas subseqüentes vivências”. (BARBOSA, 2003, p. 52).

Na dimensão sociológica Schilder afirma que além das relações sociais entre pessoas, as imagens corporais destas pessoas também se interagem. Barbosa (2003, p. 52), destaca dentro da dimensão sociológica da Imagem Corporal de Schilder que os corpos quando estão pertos, além da aproximação entre o espaço, também ocorre uma “inter-relação de Imagens Corporais”. Dessa forma a relação com outro ser, de acordo com a autora “podemos nos ver nos outros ou nos identificarmos com algo do outro”. De acordo com a autora, ao compartilhar emoções, sentimentos no convívio social, essa inter-relação gera um complemento com o outro ser.

Schilder (1999) define a imagem do corpo humano como “a figuração de nosso corpo formada em nossa mente”.

A definição de imagem corporal pode ser melhor entendida nas palavras de Tavares :

“A Imagem Corporal reflete a história de uma vida, o percurso de um corpo, cujas percepções integram sua unidade e marcam sua existência no mundo a cada instante. Percepções que se concretizam em um corpo. Nossa história é, antes de mais nada, a história de nossas experiências perceptivas. Cada estímulo existe para nós à medida que corporalmente o vivenciamos. E cada um de nós o vivencia de acordo com nossas possibilidades fisiológicas, características pessoais e circunstâncias sócias e ambientais”. (TAVARES, 2003, p. 20).

Schilder (1999), diz que podemos brincar com nossa imagem corporal mudando-a de forma e tamanho, para isto utilizamos roupas e acessórios; da mesma maneira que agregamos roupas ao nosso corpo ao tirá-las também mudamos nossa imagem corporal; o autor complementa dizendo que “os seres humanos são cercados e cerceados por suas imagens corporais. Uma das razões da transformação e do uso de roupas é o desejo de superar a rigidez da imagem corporal”.

Tavares (2003, p. 76) faz algumas conclusões sobre a obra de Paul Schilder e diz que “[...] para ele a imagem corporal é resultado de um esforço contínuo e nunca é estática ou completa”.

As linhas de investigação sobre Imagem Corporal são variadas, de acordo com Barbosa (2003, p. 54):

“[...] o estudo da Imagem Corporal, originalmente, tratava de desvios e distorções. O avanço e as descobertas levaram os pesquisadores a uma ampliação no seu campo de pesquisa, considerando inclusive o aspecto preventivo. Então se passou a se investigar o corpo saudável e as suas alterações, classificadas como doenças ou não, tornando o estudo rico e diversificado”.

Thompson, Penner e Altabe (1990) apud Barbosa (2003, p. 54), catalogaram maneiras de estudar a Imagem Corporal através da avaliação de aspectos da aparência, os quais são:

- Modelos de estimativa do corpo.
- Procedimentos do ajustamento da imagem, figura/silhuetas.
- Questionários de medidas (cognitivas, escalas multidimensional, medidas de estima e satisfação corporal, escalas de ansiedade, miscelânea).

De acordo com Barbosa (2003, p. 44), Paul Schilder, que consolidou os fundamentos conceituais para o estudo da Imagem Corporal e foi o precursor da avaliação da Catexe Corporal, “partindo das observações sobre memórias, crenças, associações, atitudes e sentimentos de seus pacientes sobre o próprio corpo”; usando como instrumento um questionário subjetivo.

Desta forma o uso de fotografias possibilita segundo Ferreira apud Leal (1995, p. 417), “o mapeamento de um conjunto de representações, expressas no discurso verbal e não verbalizado”. Este conjunto de representações referido pelo autor se inicia logo na seleção destas fotografias pelos idosos, pois dentre várias fotos pessoais que estão guardadas e até esquecidas nas gavetas, serão lembradas e revividas novamente.

3.2.2 - A Imagem Corporal pode ser desenvolvida?

A imagem corporal não é estática ou está completada quando atingimos um determinado número de anos em nossa existência, ela está sendo sempre renovada de acordo com nossas experiências, interagindo entre o físico, o psíquico e o social. Sendo assim a Imagem Corporal está em constante desenvolvimento, a cada relação com outro indivíduo, com o ambiente, com o meu próprio corpo, com minhas memórias, com meus sentimentos, com aquilo que acredito ou aquilo que passei a acreditar.

Sendo assim a imagem corporal é desenvolvida a cada instante em que vivemos, de acordo com Tavares (2003, p. 79) esse desenvolvimento pode ocorrer em aspectos distintos como: “[...] aumentar a percepção de partes do corpo; reconhecer e valorizar as sensações corporais; gostar mais do corpo; ter mais satisfação com o corpo; reconhecer o corpo como ele é realmente; ou descobrir as possibilidades do corpo ampliando as possibilidades de ação”.

“A possibilidade de o indivíduo reconhecer pela vida a fora sua presença real e sentir que é reconhecido e valorizado pela sua singularidade é ponto-chave para o desenvolvimento de uma identidade corporal integrada e positiva” (TAVARES, 2003 p. 84); para isto é preciso que as atividades realizadas sejam prazerosas não estando vinculadas a qualquer tipo de recompensa tardia, prevalecendo o fazer que lhe promova bem estar.

3.3 – Memória

“A memória é a capacidade de registrar, manter e evocar os fatos já ocorridos. A capacidade de memorizar relaciona-se intimamente com o nível de consciência, com a atenção e com o interesse afetivo” (DALGALARRONDO, 2000, p. 91). O autor distingue os seguintes tipos de memória no campo de estudo da memória biológica:

- Memória genética: contida no material genético (DNA, RNA, cromossomos, mitocôndrias);
- Memória imunológica: conjunto de informações registradas e que podem ser recuperável pelo sistema imunológico;
- Memória cognitiva (psicológica): permite ao indivíduo registrar, conservar e evocar a qualquer momento os dados aprendidos da experiência;
- Memória cultural: costumes, habilidades artísticas, valores, preconceitos, ideologias, estilo de vida, etc.

Sendo que a memória cognitiva (psicológica) é composta de três fases ou elementos básicos: a fase de percepção, registro e fixação; a fase de retenção e conservação e a fase de reprodução e evocação. “Para a formação da unidade de memória, as estrutura límbicas

temporomediais (principalmente hipocampo-mamilares) são fundamentais” (GORDON apud DALGALARRONDO, 2000, p. 91). De acordo com o mesmo autor, “elas atuam principalmente na consolidação dos registros e na transferência das unidades de memória a curto e a médio prazos (intermediária) para a memória a longo prazo (estocagem da memória remota)”.

Para Dalgarrondo (2000, p. 93), a neuropsicologia moderna divide a memória em fases ou tipo quanto ao processo temporal de aquisição e evocação dos elementos mnêmicos:

- Memória imediata ou de curtíssimo prazo: capacidade de reter o material (palavras, números, imagens, etc.) imediatamente após ser percebido;
- Memória recente ou de curto prazo: capacidade de reter a informação por um período curto de tempo (poucos minutos ou meia à uma hora);
- Memória remota ou de longo prazo: capacidade de evocação de informações e acontecimentos ocorridos no passado, geralmente após meses ou anos do evento.

Quanto à distinção entre os tipos específicos de memória, de acordo com a natureza dos elementos memorizados e segundo o processo neuropsicológico envolvido (KANDEL e cols.; MATTOS; GORDON apud DALGALARRONDO 2000, p. 93):

- Memória explícita ou declarante: processo de registrar e evocar de forma consciente e voluntária informações referentes a pessoas e eventos autobiográficos;
- Memória implícita, não declarante ou de procedimento: é um tipo de memória automática ou reflexa, cujo processamento não depende de fatores conscientes e voluntários, ocorrendo de forma lenta, por meio de repetições e múltiplas tentativas, manifesta-se tipicamente por ações motoras e desempenho de atividades e não pode ser expressa por palavras;

- Memória de trabalho (operante ou executiva): termo referente ao amplo conjunto de habilidades cognitivas que permite que informações novas e antigas sejam mantidas ativas a fim de serem manipuladas, com o objetivo de realizar determinada tarefa;
- Memória episódica: é a memória para eventos específicos da experiência pessoal do indivíduo, corresponde a eventos concretos, geralmente autobiográficos, bem circunscritos em um determinado momento e local;
- Memória semântica: refere-se ao aprendizado de palavras e seu significado, na aquisição de conhecimentos compartilhados pelos membros de uma determinada sociedade (“memória cultural”); sendo componente da memória de longo prazo que inclui nossos conhecimentos de objetos, fatos, operações matemáticas, assim como das palavras e seus uso.

De acordo com Dalgarrondo (2000), a contraposição desses dos dois tipos de memória (episódica e semântica) é o que nos faz, por exemplo, lembrar em detalhes de um almoço com pais ou avós no mês passado.

Para a realização deste trabalho de pesquisa nestes dois tipos de memórias que iremos recorrer aos idosos acima de setenta anos de idade à frente de suas fotografias, descrevendo suas atitudes e crenças, o que está associado a estas fotografias, sua experiência de vida naquele momento registrado, como ele se sentia, como ele se via naquele momento.

A memória é entendida como uma “[...] faculdade de reter impressões e conhecimentos adquiridos, e de recuperá-los pela ação da vontade” (XIMENES, 2000, p. 620). De acordo com este autor pode ser também conotado como lembrança ou recordação, além de poder ser grafado

como um verbo transitivo, memorar (trazer à memória); e como um adjetivo, memorável (digno de ser lembrado).

Ecléa Bosi (1987) escreve em sua obra: *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, sobre a memória de substância social; de como esta memória é importante para a história que estudamos na escola, de como ela poder ser diferente para aqueles que a viveram e para aqueles que apenas a estudam através dos livros escolares; de como ela pode ser fragmentada e descontínua. A autora destaca a valorização da memória oral, como um instrumento, cada vez mais deixado pelos cantos, mas que se valorizado, poderia contribuir de forma social e intelectual.

Na obra, Bosi (1987), estudou sobre as memórias através de entrevistas com pessoas de mais de setenta anos de idade, e destaca que os registros alcançados tratam-se tanto de uma memória pessoal como de uma memória social, familiar e grupal. A autora diz que “[...] as memórias contadas oralmente foram transcritas tal como colhidas no fluxo de sua voz”; ou seja, na voz dos entrevistados, o que resultou em histórias ricas em detalhes.

No primeiro capítulo a autora cita Henri Bergson autor de *de Matière et mémoire* (1896) e destaca “[...] a rica fenomenologia da lembrança que ele persegue em sua obra, bem como uma série de distinções de caráter analítico, extremamente sugestivas [...]”. Para a autora a introspecção de Bergson (1896, apud Bosi, 1987, p. 6) em relação à memória o leva a “auto-análise voltada para a experiência da percepção”.

O que percebo em mim quando vejo as imagens do presente ou evoco-as do passado? Percebo, em todos os casos, que cada imagem formada em mim está mediada pela imagem, sempre presente, do meu corpo. O sentimento difuso da própria corporeidade é constante e convive, no interior da vida psicológica, com a percepção do meio físico ou social que circunda o sujeito (BERGSON, apud BOSI, 1987, p. 6).

O texto nos leva a uma reflexão sobre a memória, o corpo, a percepção; uma inter-relação que gera um elo entre os elementos utilizados neste trabalho para o estudo da imagem corporal.

Ainda citando Bérqson, diz que ele “observa também que esse presente contínuo se manifesta, na maioria das vezes, por movimentos que definem ações e reações do corpo sobre o seu ambiente”; estando assim estabelecido uma ligação entre imagem do corpo e ação (BOSI, 1987, p. 6).

Fazendo uma explicação sobre o processo de sensações levadas ao cérebro (aférente) e aqueles que retornam a periferia do corpo (eferente), a autora diz que “nem sempre se cumpre o percurso de ida e volta pelo qual os estímulos externos chegam [...]”; “[...] quando o trajeto é só de ida, isto é, quando a imagem suscitada no cérebro permanece nele, ‘parando’, ou ‘durando’, teríamos, não mais o esquema imagem-cérebro-cérebro-ação, mas o esquema imagem-cérebro-representação”. Desta maneira, o primeiro esquema é o motor e o segundo é perceptivo. Novamente fazendo menção a Bérqson a autora diz que para ele “[...] a percepção e, ainda mais profundamente, a consciência, deriva de um processo inibidor realizado no centro do sistema nervoso; processo pelo qual o estímulo não conduz à ação retrospectiva (BOSI, 1987, p. 6).

Mas, apesar da diferença entre os processos de percepção e os de ação, ambos “[...] dependem de um esquema corporal que vive sempre no momento atual, imediato, e se realimenta desse mesmo presente em que se move o corpo em sua relação com o ambiente” (BOSI, 1987, p. 7).

As lembranças estão na cola das percepções atuais, “como a sombra junto ao corpo”. A memória seria o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (BÉRQSON apud BOSI, 1987, p. 9).

Para Bérqson as lembranças não são apenas percepções puras, mas, “mais rica”, e mais viva, que ele denomina “percepção concreta e complexa”, única e real, pois a percepção pura do

presente, sem sombra nenhuma de memória, seria antes um conceito-limite, do que uma experiência corrente de cada um de nós (BOSI, 1987, p. 9).

Bosi faz distinção entre as duas memórias (memória hábito e lembranças), de acordo com a análise de Bérghson, desta forma, “a memória hábito seria parte de todo o nosso adestramento cultural, incorporando-se às praticas do dia-a-dia”, e “a lembrança pura, quando se atualiza *na* imagem-lembrança, teria uma data certa, refere-se a uma situação definida, individualizada” (BOSI, 1987, p. 11).

Maurice Halbwachs, também citado pela autora Ecléa Bosi (1987, p. 17), é estudioso das relações entre memória e história publica, com as obras: *Les caderes sociaux de la mémoire* (1925) e *La Mémoire Collective* (1950), para este autor “[...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

De acordo com Halbwachs (apud Bosi, 1987, p. 17) “[...] a memória é excepcional”.

Nas palavras de Bosi, os pensamentos de Halbwachs, que diz:

“[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nosso consciente atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é mesma que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmo de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nosso juízos de realidade e de valor”. (BOSI, 1987, p. 17).

Seguindo os pensamentos de Halbwachs, os idosos ao relembrar os momentos eternizados nas fotografias, irão reconstruir essa memória, seus sentimentos, suas crenças, atitudes e associações ligadas a experiência vivenciada no passado.

Mais uma vez a autora reforça seu pensamento dizendo que “[...] o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem” (BOSI, 1987, p. 18).

Sendo assim, como funciona a memória das pessoas idosas, dos velhos? Devido a sua grande experiência vivida, aos longos anos de existência, encontramos com eles possibilidades de verificar a história social, de sua etnia, de seu grupo de sua família; pois já passaram pelas agruras da correria pelas quais os jovens passam, suas dúvidas e medos quanto à profissão e formação de seu núcleo familiar.

Da mesma forma o adulto jovem quando recorre às suas lembranças ele não o faz de forma igual à pessoa idosa por um longo período, para o adulto jovem é uma pausa de sonho; ou seja, “[...] vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. É o momento em que as águas se separam com maior nitidez” (BOSI, 1987, p. 23).

Por outro lado a pessoa idosa quando se lembra do passado “[...] está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado”. De acordo com a autora a pessoa idosa ao despertar as lembranças ela anseia por precisá-la, quando foi e como foi, e se preciso for, ele pergunta a outros idosos que possam confirmar suas memórias; ou ainda faz uso de cartas e anotações (BOSI, 1987, p. 23).

Bosi destaca a coerência do pensamento de Halbwachs:

“[...] o que rege, em última instância, a atividade mnêmica é a função social exercida aqui e agora pelo sujeito que lembra. Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar” (BOSI, 1987, p. 23).

Adiante ela indaga se há uma “espécie de obrigação social”, não incumbida às outras faixas etárias, que é a de “lembrar e lembrar bem”. Essa obrigação social, de “lembrar bem”, está diretamente associada ao que popularmente se chama de “lucidez”, estando assim à pessoa idosa

em bom estado de saúde mental enquanto ela for lúcida. Por outro lado, como manter essa claridade de pensamentos, de memória se a sociedade rejeita seus velhos, não os vêem e não querem os escutar?

Frederic Charle Bartlett, autor de *Remembering* (1932), também é citado por Bosi (1987, p. 27), pois utilizou o conceito de “convencionalização” para um melhor entendimento da memória no processo cultural e histórico, essa convencionalização seria um processo de remodelagem das experiências vividas anteriormente. Bartlett diz que:

A memória das pessoas também dependeria desse longo e amplo processo, pelo qual sempre ‘fica’ o que significa. E fica não do mesmo modo: às vezes quase intacto, às vezes profundamente alterado. [...] Assim, novos significados alteram o conteúdo e o valor da situação de base evocada. No outro extremo, se a vida social ou individual estagnou, ou reproduziu-se quase que só fisiologicamente, é provável que os fatos lembrados tendam a conservar o significado que tinham para os sujeitos no momento em que os viveram”. (BARTLETT, apud BOSI, 1987, p. 27).

O indivíduo, então, conservaria as lembranças, mas poderia alterá-las de acordo com o seu desenvolvimento. De acordo com o autor William Stern:

A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar. De onde resulta uma concepção extremamente flexível da memória: “A lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada” (WILLIAM STERN apud BOSI, 1987, p. 28).

Se a memória é a história da pessoa, que foi vivido apenas por ela, cada indivíduo é único e tem a sua memória, sua experiência de vida, suas percepções, observações, seus sentimentos. Desta forma todas as memórias seriam diferentes. Mas o convívio social, cultural pode moldar essa memória, e apesar de serem diferentes podem convergir para pontos semelhantes e ao verbalizar essas memórias, compartilhar das mesmas lembranças.

A história de um povo, de uma civilização se dá pelos depoimentos daqueles que viveram e testemunharam fatos ocorridos no passado. Nos dias atuais, com o avanço da tecnologia, esses fatos são registrados em imagens, sons, fotos e jornais. A troca de conhecimentos é feita através de computadores e não com nossos pais e avós. A rejeição da sociedade à pessoa idosa é exposta por Bosi.

“[...] a sociedade rejeito o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor e nem reprodutor” (...). “A moral oficial prega o respeito ao velho, mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afasta-lo delicada, mas firmemente dos postos de direção. Que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo” (BOSI, 1987, p. 35).

A memória como função social, o resgate da história de um povo, a manutenção das tradições culturais, da identidade, das brincadeiras, da culinária, enfim do aprendizado para a nossa subsistência, o estágio em uma conversa no final da tarde que aconselha para evitarmos sofrimentos, mas não é compreendida; considerada ultrapassada, pois os tempos são outros, mais modernos. Para Bosi (1987, p. 41), “o velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos”.

Para Néri; et al. (2000, p. 102), “[...] a relação entre gerações centrada na memória oral transmite mais do que apenas informações: transmite sentimentos, sensações, vivências, crenças, comportamentos, atitudes e valores que possibilitam recriar um tempo, um período que, embora não vivido por aquele que ouve, pode ser vivenciado ou recriado pelo grupo”.

3.4 - Associações, Atitudes e Crenças

Associações são ações ou efeitos de associar, unir, ligar a duas ou mais coisas, pessoas, ou idéias (XIMENES, 2000, p. 93).

Acreditamos que associações, atitudes e crenças estão intimamente relacionadas, dentro de um limiar muito pequeno que os separa quanto à definição de cada um.

Como ocorre essa associação? Quando pensamos, sentimos, olhamos, cheiramos, ouvimos, acionamos mecanismos do sistema nervoso central que processam essas informações e emitem uma resposta. Então esta sensopercepção experimentada por cada indivíduo fica memorizada dependendo da importância, do interesse emocional envolvido, do seu empenho e atenção durante o processamento destas informações, do conhecimento anterior já adquirido e da capacidade de compreensão de elementos novos. Quando sentimos cheiro de um bolo assando, é comum observarmos as pessoas dizendo: “tá cheirando casa de mamãe!”, ou “que macarrão gostoso, tá igual o da minha avó!”. Ou quando a experiência não foi agradável, ao sentir o cheiro de um determinado remédio, ou adentrar a um hospital logo nos recorda o acontecido. As associações também podem ocorrer através de recursos audiovisuais: fotos, filmes e músicas.

Antes de associarmos, nós percebemos, mas como acontece esta percepção?

Dentro da Teoria Gestaltista Clássica, referem-se a participação do sujeito e do objeto na percepção. Dependendo da situação percebida o objeto poderá parecer algo que não seja, isto porque a nossa percepção sensorial apresenta variáveis, as quais irei especificar mais adiante.

“Gestalt é considerado um padrão organizado ou um todo organizado, em contraste a uma coleção de partes” (CAMPOS, 1987, p. 211). Nossa percepção visual será concretizada por partes, dependendo do objeto a ser percebido. De acordo com Campos (1987, p. 212), “[...] toda situação é percebida em termos de figura e fundo”, o objeto bem nítido e com formas definidas e o fundo em que está este objeto parecendo vazio, exemplo: um quadro escolar branco com letras em preto.

Bock, Furtado e Teixeira (2001, p. 242), falam sobre atitudes perceptivas, onde a “[...] motivação pessoal, as emoções, os valores, os objetivos, os interesses, as expectativas e outros estados mentais influenciam o que as pessoas percebem”.

O fundamento fisiológico da percepção envolve o sistema nervoso eferente e aferente dentre de longas fibras nervosas que percorrem estes caminhos e depende de quatro operações: detecção, transdução (conversão de energia de uma forma para outra), transmissão e processamento da informação.

Os sistemas sensoriais, de acordo com Bock, Furtado e Teixeira (2001, p. 217), trabalham juntos quando estamos obtendo informações a partir deles, e podem ser agrupados em sentidos que são: visual (visão), auditivo (audição), somato-sensorial (tato, pressão profunda, calor, dor, cócegas, comichão e maciez), químico (paladar e olfato) e o proprioceptivo (sentido vestibular = equilíbrio ou orientação, sentido cinestésico = receptores dos músculos, tendões e articulações).

Quando recebemos informações através dos sentidos, que percebemos a forma, o cheiro, a temperatura, a textura, enfim, tudo que está dentro do contexto desta informação, não fica guardada em nossa memória catalogada em uma ficha com apenas a imagem da figura, mas sim com todas as informações, e quando relembramos do objeto é que o restante das percepções emergem.

Desta forma, as percepções e associações estão diretamente ligadas à memória assim como as atitudes e crenças.

De acordo com Ximenes (2000, p. 97), atitude pode ser entendida como uma forma de postura corporal; comportamento ou uma posição emocional ou intelectual em relação a pessoa (as), fato (os), experiências, etc.

Segundo Himmelfarb & Eagley (1974) apud Davidoff (2001, p. 645), “[...] vários aspectos definem as atitudes. Dizem respeito a objetos, grupos, eventos e símbolos socialmente significativos”.

As atitudes são aprendidas no contexto social em que o indivíduo está inserido e têm uma inter-relação com crenças e sentimentos que se refletem diretamente no comportamento do mesmo.

Crença pode ser entendida como ação ou efeito de crer; uma convicção íntima; acreditar; dar como certo ou verdadeiro; confiar; ter crença (XIMENES, 2000, p. 267). E no decorrer de nossas vidas vamos acreditando em certas verdades ditas por gerações anteriores a nós, verdades estas para aquele determinado grupo social, que envolve aquela cultura específica, durante um determinado tempo; podendo então não ser verdade para outro grupo.

Observe que indivíduos, a partir de uma crença, podem tomar uma determinada atitude. E as crenças e atitudes vão modificando com o passar do tempo; as crendices populares, as lendas urbanas e o folclore transmitem esses elementos que acabam sendo incorporadas na sociedade e em sua cultura.

Várias são as crendices populares, algumas como: não comer manga com leite; que a mulher não pode lavar a cabeça na dieta após ganhar bebê; que o recém-nascido tem muito frio e deve ficar enrolado no cobertor todo o tempo; desvirar o chinelo por que dá azar; riscar a faca em forma de x no chão para não atrair briga dentro de casa; e por aí a fora. E quando ficamos idosos, o que os outros nos fazem acreditar? Que devemos ficar em casa, quietinhos, sem fazer muito esforço, dependentes sem autonomia! Pois esta talvez tenha sido a nossa atitude com os nossos pais e avós: “deixa que eu faço, você não pode mais!”. Mas sabemos que nossas atitudes perante a vida são tomadas de acordo com o que acreditamos ou passamos a acreditar; dependendo de como acredito ser a velhice é assim que eu a vivenciarei.

“Crenças são proposições nas quais o indivíduo deposita alguma confiança, sem que necessariamente possa justificá-las, e que exercem influência sobre o seu comportamento” (FERREIRA apud SILVA, 1999, p. 16). Seguindo este pensamento, as crenças são vivenciadas e entendidas como verdades, mas não podem ser comprovadas ou testadas de alguma forma, as pessoas apenas crêem, não contestam; e suas atitudes corroboram para a sua continuidade.

Para outro autor a definição de crença seria:

“[...] representações cognitivas que são aprendidas por experiência direta, por modelação simbólica e pela influência dos outros, e que desempenham um papel mediador dos comportamentos e cognições. Quando essas crenças são referentes ao próprio eu, tendem a desempenhar um papel regulador e integrador da experiência, do funcionamento psicossocial e do autoconhecimento” (BANDURA apud SILVA, 1999, p. 16).

Silva (1999, p. 16), diz que “[...] crenças e atitudes baseiam-se em quatro atividades: pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros. Deste modo, as crenças envolvem quatro domínios: cognitivo, emocional, comportamental e social”. Para a autora a cognição estaria responsável em organizar e priorizar as informações relacionadas ao meio em que o indivíduo está inserido e sobre ele próprio. O conhecimento sobre as crenças de um indivíduo poderia inclusive facilitar os estudos sobre comportamento.

Em seu trabalho Silva (1999), esclarece que é necessário conhecer o contexto social que se encontra a crença, para melhor compreender, identificar e verificar a interferência deste contexto social onde elas surgem.

Se as crendices mudam de acordo com o contexto social, o que se acredita sobre o envelhecimento também pode ser diferente. Cada povo, cada país, estado ou região apresenta suas particularidades culturais que influenciam no modo de ser de cada um, ensinando valores importantes que possam manter essa sociedade viva. E o que seria para essas sociedades o envelhecer, o estar velho, o que é ser velho? Isso poderia significar “[...] que a velhice é um

conceito historicamente construído que se inscreve ativamente na dinâmica dos valores e das culturas em que o indivíduo está inserido” (BIRMAN apud SILVA, 1999, p. 17).

Ao longo da existência humana, gradativamente e sem que percebamos claramente, as crenças constituem-se em nossas vidas, através das experiências pessoais e em grupo. Para Silva (1999), crenças e atitudes podem ser compreendidas como o resultado da interação do indivíduo, consigo mesmo, com os outros e com a sociedade.

3.5 - Fotografias

De acordo com Leal (1995, p. 436) foi divulgada a invenção da fotografia no ano de 1839, na capital da França, Paris; nesta época o contexto histórico era marcado por transformações tecnológicas. A invenção da fotografia não agradou a todos, pois acreditava que ela não poderia ser considerada arte, principalmente pelos pintores da época, onde as imagens eram imortalizadas através de suas mãos; o autor diz que “[...] a fotografia viria determinar mudanças nos hábitos e na maneira das pessoas olharem o mundo e a si próprias”.

Então após a invenção da fotografia houve o que Leal chamou de “democratização da imagem”, antes apenas para os mais abastados economicamente, agora acessível a uma maioria mais significativa da população, o retrato. Vale ressaltar que no Brasil no início do século XX e até meados dos anos 70, a fotografia ainda significava um custo considerável para os padrões de renda familiares, muitas fotos eram tiradas em estúdios e máquinas fotográficas em casa era raridade. Atualmente com o advento das máquinas digitais, incluindo aí a possibilidade do registro das imagens até em aparelhos celulares houve um avanço e realmente uma democratização da imagem citada acima.

O retrato do século XIX, “[...] surge na época em que se acentua o processo de individualização, sobretudo na Europa. Passam a existir novos tipos de preocupações com o corpo e vestimentas como forma de se produzir a imagem ideal que se quer perpetuar” (COBIN apud LEAL, 1995, p. 436).

A invenção da fotografia pode, além do retrato, democratizar também as grandes obras de pintura, antes acessíveis apenas em museus do mundo inteiro, agora se encontram também nos livros escolares, em revista e até jornais.

Para Debray (1985), citado por Leal (1995, p. 437), “[...] para uma imagem alcançar eficácia simbólica, não basta que seja vista, tem que ser interpretada por um sujeito, que compartilhe dos códigos simbólicos carregados pela imagem”, o autor dá o exemplo da imagem do patriarca da família em cima da lareira que impõe ainda após sua morte, reverência; ou seja, envolve também as crenças associadas à imagem da fotografia.

Leal (1995, p. 418) diz que as fotografias assumem um papel de catalisadores de informações; pois:

“[...] frente a sua própria imagem fotografada, as informantes invariavelmente remetem-se ao passado, a outras ‘idades da vida’. Revelando um conjunto de imagens-representações inseridas num código simbolicamente dimensionado. Mas do que evocadoras da memória (a fotografia tomada como metáfora de vida e morte ao registrar ausências), são imagens evocadas de conteúdos sígnicos”.

Essas imagens só podem ser lembradas por aqueles que a vivenciaram resgatando os sentimentos daquele momento, revelando em que acreditavam e associando a imagem observada no presente a outras situações vividas na mesma época; lembrando de pessoas, lugares, ausências de entes queridos, de saudades, dos tempos que se passaram e não retornam mais.

A fotografia só é valorizada quando ela transmite uma mensagem, seja ela de recordação, ou informação. Sendo assim, a significância da fotografia é centrada na recordação ou indagações

que ela provoca a quem a observa. Para Dubois, a fotografia vai além da imagem grafada no papel, para ele:

“[...] a foto não é apenas uma imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar, um verdadeiro *ato* icônico, uma imagem, se quisermos, mas *em trabalho*, algo que não se pode conceber fora de suas *circunstâncias*, fora do jogo que a anima sem *comprová-la* literalmente: algo que é, portanto, ao mesmo tempo e consubstancialmente, uma imagem-ato, estando compreendido que esse ‘ato’ não se limita trivialmente apenas ao gesto da produção propriamente dita da imagem o gesto da ‘tomada’, mas inclui também o ato de sua recepção e de sua contemplação” (DUBOIS, 2006, p. 15).

Para o autor a fotografia satisfaz a necessidade de “ver para crer”, que é percebida como uma espécie de prova. Em sua obra, ele retrata um percurso histórico sobre as diferentes formas como eram entendidas as fotografias por diferentes críticos e teóricos; dentre eles uma articulação trata “[...] a fotografia como transformação do real, não sendo um espelho neutro, mas um instrumento de transposição, de análise, de interpretação [...]” (DUBOIS, 2006, p. 25 e 26).

Dubois (2006, p. 314) diz que a fotografia pode ser compreendida como uma arte da memória, “[...] uma foto é sempre uma imagem mental”; e complementa dizendo que “[...] nossa memória é feita de fotografias”.

A foto como instrumento da memória é utilizado por Bruno (2003), cuja investigação procurou oferecer princípios de uma reflexão metodológica em torno da memória de pessoas idosas, estudo este trabalhado a partir de dois suportes da comunicação humana: a verbalidade e a visualidade.

Outros trabalhos, envolvendo fotografias, foram citados pela autora, e serão expostos abaixo ressaltando o aspecto do uso de fotografias vinculado à memória:

- Sinsom (1991), afirma que a foto funcionou como “[...] elemento desencadeador da memória do entrevistado”, contribuindo para o estabelecimento de uma ponte mais

consistente entre pesquisador e informante, sugerindo novas questões, às vezes não previstas no roteiro, e criando uma empatia ao dar ao entrevistado o papel de “[...] conhecedor do conteúdo da foto”.

- Leite (2000), diz as imagens fotográficas têm modos peculiares de combinação e a transmissão da imagem por meio das palavras freqüentemente é “empobrecedora”. Fornece um exemplo de pessoas que não se lembram do que aconteceu, mas se lembram do retrato do que aconteceu: “[...] a memória da imagem pode ser completa ou parcial, o que não impede que evoque uma série de outras imagens análogas ou contrárias”.
- Lucena (2002), para uma perspectiva de *suporte desencadeador de lembranças* para a produção de palavras na construção da narrativa, utiliza a fotografia em conjunto com os relatos orais em pesquisa sobre as práticas culturais de migrantes em São Paulo. Para ela, a leitura da foto, enquanto produção de palavras, é um recurso que permite significados extras, “[...] desdobram a experiência vivida em várias nuances. Trata-se de equiparar a fotografia à memória...”.
- Ferreira (1995), utiliza a observação e leitura da imagem fotográfica produzida em campo, desenvolve, neste artigo, um estudo etnográfico que trabalha “com base empírica” formada por pessoas idosas, no ambiente doméstico – casa familiar ou pensionato geriátrico –, em Pelotas, RS. A autora vê a fotografia como um texto a ser lido, que possibilita o mapeamento de um conjunto de representações expressas no discursos verbal e não verbalizado. “O material fotográfico assume aqui não o sentido de um instantâneo mimético da realidade, mas é ele mesmo, um catalisador de informações”.

Dessa forma a fotografia assume um papel instigador da memória, traduzindo a imagem impressa em imagem verbal, socializando sua significância e contribuindo para o entendimento dos modos mnêmicos, dos valores sociais revelados através de suas crenças, atitudes e associações.

3.6 - O Idoso

3.6.1 - Termos utilizados

Os termos mais usados para determinar a pessoa que está em processo de envelhecimento são velho, pessoa idosa, terceira idade, melhor idade, maior idade, idade feliz, longo, ancião, etc.

As sociedades contemporâneas têm criado novos termos para definir envelhecimento como, por exemplo, recentemente, *terceira idade*. O estudo de Guita Grin Debert alerta que é típico da transformação do envelhecimento em problema social a criação de novas definições da velhice e do envelhecimento, registrando o novo vocabulário que se opõe ao antigo: “[...] terceira idade x velhice; aposentadoria ativa x aposentadoria passiva; centro residencial x asilo; Gerontologia x ajuda social; animador x assistente social” (Bruno, 2003).

Néri; et al. (2000, p. 14) falam sobre diversos nomes encontrados pela sociedade para definir os idosos, inclusive fala do pavor de algumas pessoas que preferem ser chamadas de “maduras” ou “da terceira idade” ao invés de “velhas” ou “idosas”; provavelmente por estes termos estarem correlacionados por incapacidades. As autoras dizem que o significado da expressão “terceira idade”, “faz parte de um do campo semântico que estamos considerando. (...) é igualmente metafórico, pois foi cunhado na França, na década de 1960, para designar a idade em que a pessoa se aposenta”. Explicam que o interessante é que, “[...] a preferência por termos como ‘terceira idade’ ou ‘idade madura’ pode parecer um eufemismo (palavra de origem grega que significa ‘que soa bem’), [...] mascarando o preconceito e negando a realidade”.

Mazo; Lopes e Benedetti (2004, p. 58) citam vários autores e suas análises dos termos utilizados, dentre eles (Peixoto, 1998) que chama a atenção para a diferenciação de velho e idoso de acordo com a camada social (velho = pobres) e (idoso = ricos).

Para Martinez (1997), citado pelas autoras acima, a expressão “terceira idade” não indica exatamente qual a faixa etária exata, mas tenta desfazer a idéia de inutilidade causada pelo termo “velho”.

Para Novais (1992) apud Mazo; Lopes e Benedetti (2004, p. 59), a expressão “terceira idade” está conotado com coisa de segundo plano, por exemplo, “país de terceiro mundo”, por analogia, seria melhor a “primeira, ou segunda idade”. De qualquer forma é necessário cautela na utilização dos termos, pois estes estão inseridos na cultura, no contexto histórico em que vivem, além de sempre estar atento para não utiliza-los de modo pejorativo ou discriminatório, onde a valorização da pessoa humana é o valor ético têm extrema relevância.

3.6.2 - Processo de envelhecimento

A idade cronológica é muito utilizada para determinar o início do processo de envelhecimento, mesmo sendo imprecisa em muitos aspectos, ainda é essencial para a determinação de faixas etária em estudos e pesquisas, índices demográficos, etc.

A Organização das Nações Unidas – ONU através da resolução 39/129 (Mazo; Lopes e Benedetti, 2004), dividiu o ciclo da vida de acordo com o valor de produção e consumo de bens; desta forma a “primeira idade” (crianças e adolescentes – que apenas consomem); a “segunda idade” (jovens e adultos – que consomem e produzem) e a “terceira idade” (idosos – que não produzem e só consomem).

Rodrigues (2000) define as idades em idade cronológica (tempo de vida a partir do nascimento); idade biológica (condição do estado que o corpo se apresenta); idade psicológica (é o resultado das experiências pessoais) e a idade social (determinada por regras e expectativas da sociedade).

O processo de envelhecimento se caracteriza principalmente pelas alterações físicas mais aparentes como o engelhar da pele e o embranquecimento dos cabelos. Outros que iniciam, a partir dos 30 anos de idade, mas que se acentuam mais tarde que são a diminuição das

capacidades físicas como velocidade, força, resistência, agilidade e equilíbrio; devido ao envelhecimento dos órgãos que os compõe, conhecidos como sistemas orgânicos (respiratório, cardíaco, digestório, urinário e musculo-esquelético). Além da diminuição da acuidade visual, paladar, olfato, audição e diminuição da produção de hormônios e enzimas.

O processo de envelhecimento é caracterizado pelo declínio de nossas capacidades físicas, mas que refletem diretamente na condição social e psicológica do indivíduo. De acordo com Simões (1998), os teóricos Nadeuau, Peronnet e Pikunas classificam, respectivamente, esse declínio de duas maneiras:

- Senescência: é um fenômeno fisiológico, arbitrariamente identificado pela idade cronológica, pode ser considerado um envelhecimento sadio, onde o declínio físico e mental é lento, sendo compensado, de certa forma, pelo organismo.
- Senilidade: caracteriza-se pelo declínio físico associado à desorganização mental; não é exclusiva da idade avançada, mas pode ocorrer prematuramente, pois identifica uma perda considerável do funcionamento físico e cognitivo, observável pelas alterações na coordenação motora, a alta irritabilidade, além de uma considerável perda de memória.

Mazo; Lopes e Benedetti (2004, p. 56), citam os diferentes tipos de envelhecimento formulados por Santos (2000), de forma sucinta, são:

- Envelhecimento biológico: é um processo contínuo durante toda a vida, com diferenciações de um indivíduo para outro, e até diferenciações no mesmo indivíduo, quando alguns órgãos envelhecem mais rápido que outros.

- Envelhecimento social: ocorre de formas diferenciadas em culturas diversas e está condicionado á capacidade de produção do indivíduo, tendo a aposentadoria como seu referencial mais marcante.
- Envelhecimento intelectual: começa a acontecer quando o indivíduo apresenta falhas na memória, dificuldades na atenção, na orientação e na concentração, enfim, apresenta modificações desfavoráveis em seu sistema cognitivo.
- Envelhecimento funcional: acontece quando o indivíduo começa a depender de outros para o cumprimento de suas necessidades básicas ou de suas tarefas habituais.

Bruno (2003, p. 14), em sua dissertação fala que o sentimento de velhice, passa pela imposição social na contemporaneidade e pela experiência que transcende o pessoal: a idade é aquela que o outro vê. E cita a autora Alda Britto Motta (1998) que diz: “a velhice é um choque que primeiro chega pelos olhos dos outros”. E complementa dizendo que o caminho que perseguimos é inverso.

O desafio de uma discussão, sobre o entendimento de velhice, em termos próprios, para além dos processos biológicos e psicológicos, pois a individualidade procede ao envelhecer diferente e único, não existindo assim um único modo de ser velho.

Propiciar o entendimento sobre o envelhecimento, promovendo oportunidades de reconhecimento das potencialidades do corpo em idade avançada, de forma que ele possa transmitir suas experiências vividas – individuais ou coletivas – sua história de vida, a outros indivíduos mais jovens e aos seus pares; é um meio de garantir um envelhecimento saudável.

Bruno (2003, p. 25), apresenta o pensamento de Neusa Maria Mendes Gusmão: “não basta olhar os velhos em sociedade para descobrir-lhes as marcas cronológicas; é preciso um olhar que lhes descubra as propriedades, vale dizer, a alma”.

De acordo com Bruno (2003, p. 24), o velho para a sociedade moderna não é mais a sua história. Se o envelhecimento, por um lado, é um processo de perdas, na velhice, conforme refletem as autoras Olga Rodrigues de Moraes von Simson e Zula Garcia Giglio, por outro, é possível conservar as competências e habilidades intelectuais, bem como, do funcionamento do ego permitindo por meio da acumulação de experiências alcançar elevado grau de especialização e domínio.

A pessoa idosa pode passar horas contando fatos vividos do passado, sua alegria e contentamento podem ser indescritíveis; ela se sente valorizada, acredita que tem alguma utilidade para aqueles que a cercam, e isso os motiva a buscar mais, o que ajuda a manter a chama da alegria de viver.

3.6.3 - Qual o objetivo da atividade física para idosos

No início da evolução humana sobre a terra, o homem necessita caçar e pescar para poder se alimentar e viver, isto requereu movimentos e longos deslocamentos, pois a oferta de alimentos também era escassa. O homem nesta época não era sedentário; a prática de atividades físicas fazia parte de o seu existir. Diferentemente, o homem moderno que com o advento da tecnologia e a oferta exagerada de alimentos, principalmente os conhecidos como fast-food (comida rápida); está cada dia mais sedentário e acumulando energias no tecido adiposo. Essa combinação (sedentarismo e excesso na alimentação) esta gerando milhões de pessoas com problemas de saúde, principalmente correlacionados a risco cardíaco (hipertensão arterial, ataque cardíaco e acidente vascular cerebral); além de outras como o diabetes tipo II; problemas estes que se agravam na pessoa idosa.

Manidi e Michel (2001) relatam que muitos idosos iniciam a prática de atividade física devido à preocupação com a saúde ou por medo de adoecer, ou seja, preocupam-se com a sua capacidade funcional. O conceito de saúde segundo OMS (1958) citada por Manidi e Michel (2001), considera o homem como um ser total, abrangendo os aspectos físicos, social e psíquico e afetivo.

Néri; et al. (2000), falam de como manter a integridade mental e física até os últimos anos de vida, para termos um envelhecimento bem sucedido, com menos problemas e ônus para a família e também para a sociedade; para isto são necessários uma dieta adequada, exercícios, um ambiente adequado e disposição para enfrentar problemas inerentes ao processo. Sendo assim, uma boa qualidade de vida dos idosos, estando cientes dos direitos e deveres do cidadão idoso, atividades físicas regulares, saúde mental e participação social.

A gerontologia procurou investigar as características positivas do envelhecimento humano, e essa busca foi simbolizada pelo lema da Gerontological Society of América nos anos 50: “Acrescentar vida aos anos e não apenas anos a vida” (NÉRI; et al., 2000, p. 26).

As mesmas autoras citam estudiosos que dizem: “a velhice satisfatória não é apenas uma qualidade da pessoa, mas o resultado da interação do indivíduo em transformação vivendo numa sociedade também em transformação”; e complementa dizendo que “segundo alguns estudiosos, a auto-estima parece ter uma ligação muito forte com os objetivos e planos que estabelecemos para nós e que dão significado à nossa vida”, e conclui que devemos adequar nossos objetivos a cada nova realidade (NÉRI; et al. 2000, p. 29 e 42).

A tendência natural do ser humano após atingir a idade adulta é à procura de um parceiro para a formação de uma família, sendo este um dos objetivos e planos de vida. Ao atingir este objetivo e ter seus filhos já adultos, estes começam a sair da casa dos pais e a consequência deste seguimento é o sentimento de ausência dos filhos associados à tristeza e solidão. Neste aspecto é

importante que a pessoa idosa refaça os seus planejamentos encontrando outros horizontes de vida, preenchendo seu tempo com atividades prazerosas.

NÉRI; et al. (2000 p. 42) dizem que: “segundo alguns estudiosos, a auto-estima parece ter uma ligação muito forte com os objetivos e planos que estabelecemos para nós e que dão significado à nossa vida”, e conclui que devemos adequar nossos objetivos a cada nova realidade”.

Desta forma, para o idoso o mais importante é seus pares, que confirme sua auto-imagem, por isto são seletivos em seus relacionamentos. Para a autora “não se trata de formar um “gueto” de idosos, de isolá-los de outras influências, mas de facilitar comparações favoráveis que resultem numa auto-imagem positiva” (NÉRI; et al. 2000, p. 46).

De acordo com as autoras o padrão de comportamento esperado pela sociedade, de acordo com a faixa etária, acaba impedindo o idoso de realizar o que realmente é capaz; e os meios de comunicação enfatizam o declínio, as formas negativas do envelhecimento. Para elas a auto-estima acompanha nosso desenvolvimento e muda ao longo da vida. Sendo assim: “Boa saúde física é a condição básica para ter boa aparência, sentir-se bem e ter reservas necessárias para usufruir uma variedade de interesses, o que significa que essa condição é um poderoso preditor de bem-estar na velhice” (NÉRI; et al. 2000, p. 85).

Mazo; Lopes e Benedetti (2004, p. 110), citam os autores Buchner e Wagner (1992), Elward e Larson (1992) e ACSM (2000) que afirmam que a prática regular de exercício físico, realizado pela pessoa idosa pode causar:

“[...] maior longevidade, redução das taxas de morbidade e mortalidade, redução do número de medicamentos prescritos, melhoria da capacidade fisiológica em portadores de doenças crônicas, prevenção do declínio cognitivo, manutenção de *status* funcional elevado, redução da frequência de quedas e fraturas, manutenção da independência e autonomia e benefícios psicológicos, como, por exemplo, melhoria da auto-imagem, da auto-estima, do contato social e prazer pela vida”.

A atividade física para o idoso busca ampliar o tempo de vida saudável do mesmo, para que ele tenha “qualidade de vida” por um número maior de anos, evitando o agravamento de doenças, o seu sofrimento e retardando o tempo de sua dependência para com terceiros na realização das suas necessidades básicas da vida diária.

3.6.4- Situação demográfica atual no Brasil

No Brasil é considerada idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos de acordo com a Lei N 8.842/94 e regulamentado pelo Decreto N° 1948/96 e confirmado pela Lei N° 10.741, de 1° de outubro de 2003, do Estatuto do Idoso (SENADO FEDERAL, 2003).

Nosso país considerado jovem está envelhecendo, este processo está ocorrendo velozmente, além da diminuição da fecundidade, está aumentando a expectativa de vida das pessoas que chegam aos 60 anos de idade, passando de 17,5 anos em 1998 para 21 anos em 2004, ou seja, aqueles que chegavam aos 67 anos no passado, agora chegam aos 71 anos. Ao compararmos a proporção de crianças e idosos verificamos que para cada 6 idosos em 1981 havia 12 crianças de até 5 anos de idade, em 2004 a cada 6 idosos havia apenas 5 crianças com até 5 anos de idade (BRASIL, 2006).

Borges (2007) diz que “esta transição demográfica leva conseqüentemente à transição epidemiológica, com mudanças nos indicadores de saúde, onde as doenças infecto-contagiosas são substituídas pelas doenças crônico-degenerativas”.

Algumas mudanças sociais já foram iniciadas como a instituição do Estatuto do Idoso, por exemplo: do surgimento de Conferências Municipais, Regionais e Estaduais que resultaram na I Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa (1ª CNDPI) realizada em Brasília (DF) em

maio de 2006, onde com relação à saúde algumas deliberações já estavam contempladas como o Pacto pela Saúde firmado pelo Ministério da Saúde (COSTA, 2007).

Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido onde novas políticas sociais possam ser implantadas para garantir um melhor processo do envelhecimento populacional.

4 - APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo será apresentado em cinco subitens. O primeiro subitem irá expor os indicadores sociodemográficos encontrados com os sujeitos da pesquisa; no segundo um balanço das fotografias selecionadas pelos idosos; no terceiro subitem a especificação das categorias e subcategorias encontradas; no quarto a caracterização das categorias e das subcategorias e no quinto o levantamento das atitudes, crenças e associações reveladas nas entrevistas.

4.1 – Sujeitos da pesquisa: totalização e situação sociodemográfica

A pesquisa foi realizada com vinte e seis idosos, sendo vinte e dois do sexo feminino, que representou 84,6% da amostra; e quatro do sexo masculino representando 15,4%. Com relação às idades dos participantes, houve grande variabilidade entre os mesmos. Entretanto, a variável sexo não tem significação na análise dos resultados. Observe a Tabela 1 abaixo:

Intervalo de Idade (4 anos)	Frequência (n)	Porcentagem (%)
70 - 74	13	50
75 - 79	10	38,5
+ 80	3	11,5
Total	26	100

Tabela 1 – Quantificação das idades dos idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino).

O grau de escolaridade entre os idosos apresentou que a maioria havia cursado até o primeiro grau incompleto, não ultrapassando o sexto ano de ensino. Por outro lado, a quantidade entre aqueles que haviam cursado o nível superior e o segundo grau foi significativo devido às dificuldades vividas nos tempos passados para alcançar um patamar mais alto de escolaridade.

Entre os idosos que não estudaram todos sabem escrever o próprio nome e dizem terem aprendido sozinhos o pouco conhecimento que possuem. Observe a Tabela 2 abaixo:

Grau de Escolaridade	Frequência (n)	Porcentagem (%)
Superior Completo	2	7,7
2º Grau Completo	6	23
1º Grau Incompleto	14	53,9
Não estudaram	4	15,4
Total	26	100

Tabela 2 – Grau de escolaridade dos idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino).

Quanto à naturalidade dos idosos participantes da pesquisa, a maior parte é amazonense, oriundos das cidades do interior e da capital; os demais são de estados da região norte e nordeste.

Observe a Tabela 3 abaixo:

Naturalidade	Frequência (n)	Porcentagem (%)
Amazonense (interior)	12	46,2
Amazonense (capital)	7	26,9
Outros estados	7	26,9
Total	26	100

Tabela 3 – Naturalidade dos idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino).

O estado civil entre os idosos participantes da pesquisa a maioria apresentou-se como viúvas, mas também foi significativo o número de gerontes casados. Observe a Tabela 4 abaixo:

Estado Civil	Frequência (n)	Porcentagem (%)
Casado	9	34,6
Viúva	13	50
Divorciada/Separada	2	7,7
Solteira	2	7,7
Total	26	100

Tabela 4 - Estado civil entre os idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino).

Quanto à religião, praticamente todos os idosos participantes da pesquisa declararam-se pertencentes ao catolicismo, e apenas uma idosa declarou ser evangélica. Abaixo poderá ser visualizada a quantificação:

Religião	Frequência (n)	Porcentagem (%)
Católica	25	96,2
Evangélica	1	3,8
Total	26	100

Tabela 5 – Religião entre os idosos participantes da pesquisa (feminino e masculino).

4.2 – Balanço das fotografias selecionadas pelos idosos

Foram observadas 78 (setenta e oito) fotografias, selecionadas pelos idosos. As imagens são registros de suas relações sociais em diversas manifestações, como em: momentos de religiosidade; passeios; festas de aniversário; em eventos promovidos pelo PIFPS-U3^{IA}; junto com filhos; netos e bisnetos; em suas formaturas e de seus filhos; com os irmãos; sozinhos; com a família; em seus casamentos, suas festas e casamento de seus filhos; entre os casais, marido e mulher; com a mãe e em companhia de seus amigos. Essas fotografias serão ser expostas abaixo,

como figuras, e serão numeradas em ordem crescente, da esquerda para a direita. Abaixo da exposição das fotografias será colocado um breve histórico de cada imagem.

4.2.1 – Religiosidade



Figuras 1 a 7 – Imagens selecionadas pelos idosos em companhia de pessoas religiosas.

A Figura 1 foi registrada na casa do geronte durante a missa em comemoração ao 45º aniversário de casamento.

Em uma visita à parentes em um convento na cidade de Tefé em novembro/1955, a Figura 2, eterniza o momento em branco e preto.

A Figura 3 foi tirada pelo esposo da geronte, que na época havia comprado uma máquina fotografia, na cidade de Icoarari ao lado da igreja, acompanhado pelo Cônego Monsenhor Azevedo; a geronte não soube precisar a data, mas disse que com certeza foi a mais de 30 anos.

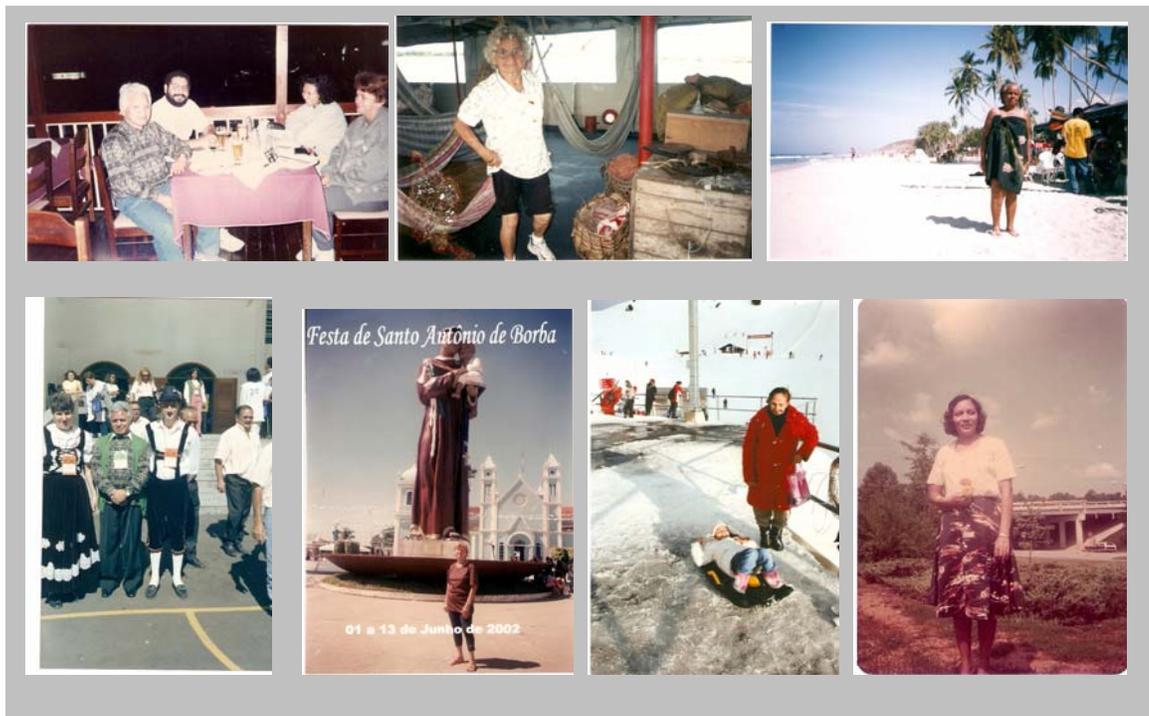
Ao lado do padre querido, a Figura 4 foi registrada em uma Igreja do bairro Coroado II, em novembro de 2001.

A Figura 5, retrata a comemoração dos 50 anos de existência da Escola Preciosíssimo Sangue no ano de 1997, ao lado da geronte a irmã Vivian que veio dos Estados Unidos da América especialmente para a festa.

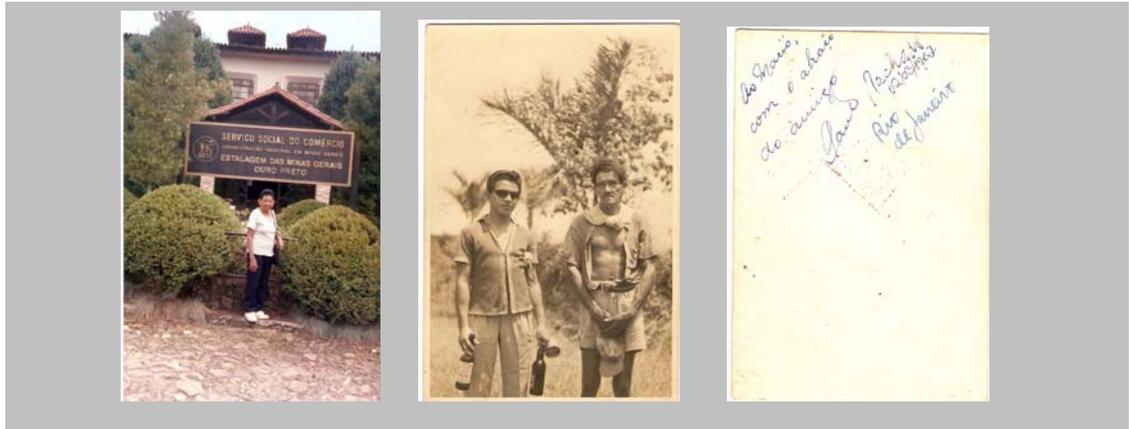
Durante uma festa de casamento a Figura 6 foi registrada, ao lado do casal de gerontes o missionário, que de acordo com o depoimento da geronte, ele a fazia se sentir feliz quando estava ao seu lado.

A última Figura, 7, foi tirada na quadra do PIFPS-U3ªIA, durante uma missa de confraternização em dezembro/2006.

4.2.2 - Passeios



Figuras 8 a 14 - Imagens selecionadas pelos idosos em passeios e viagens.



Figuras 15 a 17 – Continuação das imagens seleccionadas pelos idosos em passeios e viagens.

A Figura 8 foi registrada durante uma viagem à cidade de Campinas (SP), durante um jantar em companhia de amigos que estavam realizando seus trabalhos para adquirir o doutorado na universidade.

O registro seguinte, Figura 9, foi feito durante uma viagem à Itacoatiara, a geronte não soube precisar a data.

A Figura 10 foi registrada em sua primeira viagem a Margarita (Venezuela), organizada pelo, no ano de 2003.

Durante uma viagem à Santa Catarina, em um encontro do Movimento Familiar Cristão, a Figura 11 foi registrada pela esposa do geronte.

Em outra viagem organizada pelo PIFPS-U3^ªIA, foi registrada a Figura 12, agora no município de Borba, durante a festa de Santo Antonio, em junho/2002.

As Figuras 13 e 14 foram registradas em países do exterior; a primeira na Suíça, em uma viagem para visitar os filhos e netos que estão trabalhando neste país, mas a geronte não conseguiu precisar a data, e a outra, nos Estados Unidos da América em 1980.

A Figura 15 registra a viagem à Ouro Preto (MG), para a e foi a primeira vez que a geronte entrou em um avião.

Após vários anos vivendo fora da cidade de Manaus, o geronte registra um passeio no Igarapé do Franco, como era conhecido o local na época, onde atualmente é o bairro da Compensa, exposta na Figura 16, e a Figura 17 retrata a prática de anotar a data da ocasião através da fotografia com uma dedicatória.

4.2.3 - Festas



Figuras 18 a 23 - Imagens selecionadas pelos idosos em companhia de parentes e amigos em festas de aniversário.

A Figura 18 foi registrada durante a festa de aniversário da primeira neta da geronte, na casa de seu filho.

O registro feito na Figura 19 trata a comemoração do 70º aniversário da geronte, há sete anos atrás.

A Figura 20, também registra o aniversário de uma geronte, aos 63 anos, apesar dela ter gostado da festa, neste dia ela se lembra que estava doente e não estava se sentindo bem.

A próxima Figura, 21, trata o aniversário da mesma geronte aos 70 anos.

As figuras 22 e 23 são registros do aniversário da neta da geronte em anos diferentes, mas não soube precisar a data.

4.2.4 – Eventos promovidos pelo PIFPS-U3^aIA



Figuras 24 a 38 - Imagens selecionadas pelos idosos em eventos promovidos pelo PIFPS-U3^aIA.

A Figura de número 24 foi registrada durante uma dança no FFATIAM (Festival Folclórico para Acadêmicos da Terceira Idade do Amazonas), mas a geronte não soube precisar a data.

A Figura 25 foi em uma apresentação de dança no ginásio da FEF-UFAM (Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Amazonas).

Durante um evento no auditório do Colégio Dom Bosco a Figura 26 foi registrada, a geronte recorda que foi logo após ela ter ingressado para o programa, mas não recorda a data.

O registro da Figura 27 foi durante uma festa em que os convidados iriam dançar valsa no salão do Rio Negro Clube, logo que a geronte começou a freqüentar o programa, mas também não soube precisar a data.

A Figura 28 trata o registro de uma comemoração do dia das mães realizado durante um “banho”, em maio/2007.

A Figura 29 registra o dia em que a geronte foi eleita Miss Amazonas da Terceira Idade.

As Figuras 30, 31 e 32, retratam o casal de gerontes durante as Olimpíadas da Terceira Idade em setembro/2002, durante o FFATIAM em junho/2007 e na FEMAP (Feira de Motricidade e Arte Popular) em dezembro/2001.

As Figuras 33 e 34 registram a participação do geronte ao receber a medalha das mãos do secretário de esportes em agosto/2006 e também durante o desfile para eleição do miss masculino no FEMAP em dezembro do mesmo ano.

A Figura 35 registra o orgulho dos gerontes, principalmente da primeira colocada que trouxe a imagem, durante as Olimpíadas da Terceira Idade em setembro/2002.

A Figura 36 retrata uma festa no Ideal Clube, na qual a geronte está acompanhada pela família, mas não conseguiu precisar a data do evento.

Ao estar acompanhada por amigas do PIFPS-U3ªIA, e por sua professora, a geronte eternizou o momento registrado na Figura 37.

Em março do corrente ano, durante a comemoração dos 15 anos de existência do PIFPS-U3ªIA, a Figura 38 foi registrada, ao lado da geronte sua neta, que neste dia a deixou muito alegre por ter dançado com ela.

4.2.5 – Fotos com os filhos, netos e bisnetos



Figuras 39 a 45 – Imagens selecionadas pelos idosos acompanhados por seus filhos, netos e bisnetos.

Na Figura 39, a geronte está acompanhada por seus dois filhos, não soube precisar a data, mas, disse ter sido no início da zona franca de Manaus.

A Figura 40 mostra o momento em que a geronte amamentava seu filho, poucos meses após ter chegado em Manaus, a data não é precisa, mas ela acredita ter sido em 1973.

A próxima Figura 41, foi feita em um estúdio fotográfico, sendo o mesmo local onde também fez a foto de sua formatura a ser exibido adiante.

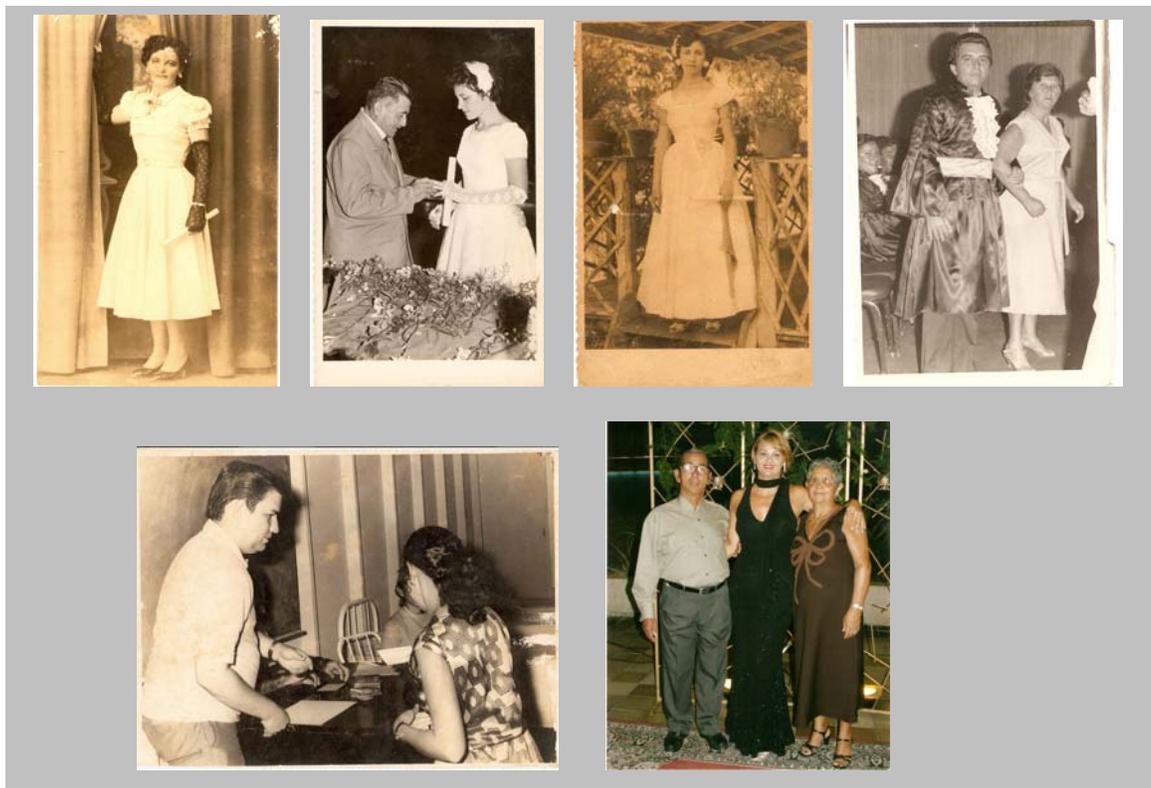
Durante uma formatura militar de juramento à bandeira, o momento foi retratado na Figura 42, a geronte que está acompanhada por seu filho não soube precisar a data, mas disse que hoje ele está com quase 45 anos e na época ele tinha 19 anos.

Na Figura 43 a geronte abraçada com seu filho que mora em Belém, o reencontro logo após ela ter chegado na cidade para a missa de aniversário de falecimento de seu outro filho.

A Figura 44 retrata há onze anos, segundo a geronte, que está junto com sua neta.

A última Figura desta seleção, 45, a geronte está acompanhada pelo neto com o bisneto recém-nascido em seus braços.

4.2.6 - Formaturas



Figuras 46 a 51 – Imagens selecionadas pelos idosos no dia de suas formaturas e de seus filhos.

A Figura 46 foi registrada no dia 07 de dezembro/1952, no dia da formatura da geronte no conhecido Colégio Industrial, na época estava com 19 anos de idade e de acordo com a mesma a roupa usada na imagem foi confeccionada por ela, pois fazia parte da avaliação final. A próxima Figura 47 também é da mesma geronte, só que dessa vez a formatura foi aos 26 anos do Técnico Industrial.

A colação de grau ocorrida no dia 15 de maio/1945 foi registrada na Figura 48, imagem retratada na varanda de sua casa em Coaraci (PA), emoção duplicada, pois foi no mesmo dia de seu aniversário.

A Figura 49 registra o dia da formatura do filho da geronte, que se graduou no curso de medicina. A formação na escola de enfermagem foi retratada na Figura 50, onde a geronte eternizou a realização de seu sonho. E a Figura 51 foi registrada na cidade de Recife (PE) no dia da colação de grau em direito da filha do geronte, o mesmo não soube precisar a data.

4.2.7 - Com os irmãos



Figuras 52 a 57 – Imagens selecionadas pelos idosos no dia de suas formaturas e de seus filhos.

A Figura 52 registra a viagem que a geronte realizou no ano de 1974 à sua cidade natal de Lagoa Lego, próximo de Teresina (PI), ao lado sua irmã que estava grávida e segurando outro filho nos braços.

A única foto que a geronte têm com os irmãos está retratada na Figura 53, ela a filha mais velha, na imagem seus irmãos estão com 5 e 6 anos de idade.

A Figura 54 foi registrada na cidade de Terra Nova em 1954, na época a geronte estava com 22 anos de idade e está acompanhada por sua irmã, ter fotografia nesse tempo era muito difícil de acordo com a geronte, aproveitando a oportunidade ela registrou o momento, pois queria uma fotografia para dar à um pretendente, que depois se tornou o pai de seus filhos.

Na Figura 55 está retrata a primeira vez que a geronte pisou na cidade de Manaus (AM), vinda da cidade de Alto Tejo (AC), nunca tinha visto um carro fora das revistas, emocionada foi recepcionada por seu irmão que havia mandado buscá-la.

A Figura 56 é o registro da data feito atrás da fotografia.

Em 1992, durante uma viagem de férias, a geronte registrou a visita feita à sua irmã retratada na Figura 57.

4.2.8 – Sozinhos



Figuras 58 a 61 – Imagens selecionadas pelos idosos em que estão sozinhos.



Figuras 62 a 64 – Continuação das imagens selecionadas pelos idosos em que estão sozinhos.

A Figura 58 retrata o dia que a geronte realizou um passeio de barco na rua Quintino Bocaiúva, na cidade de Manaus, na época ela conta que era tudo muito diferente do que é hoje.

Enquanto compartilhava com suas colegas um pedaço de bolo, a Figura 59 foi registrada nas dependências do PIFPS-U3^aIA.

A imagem da Figura 60 foi feita em um estúdio fotográfico e contou a produção de figurino, maquiagem e penteado, a geronte não soube determinar a data.

Na Figura 61, trata-se da mesma geronte, que selecionou esta imagem por achar-se serena.

A Figura 62 foi registrada na casa de alguns amigos da geronte que moravam na rua Epaminondas na cidade de Manaus, ela acredita que esse momento ocorreu em 1973.

Em janeiro de 1990, a Figura 63 foi registrada na casa da geronte, ela quis que o filho tirasse esse retrato, pois acreditada que não estava tão velha e queria guardar a imagem.

A Figura 64 retrata o dia do aniversário da geronte, na mesa todas as tortas, doces e salgados que ela mesma fez questão de preparar.

4.2.9 – Com a família



Figuras 65 a 69 – Imagens selecionadas pelos idosos em que estão acompanhados pela família.

A Figura 65 retrata a reunião da família da geronte no dia de natal, os filhos acompanhados por seus presentes, ela não soube precisar o ano.

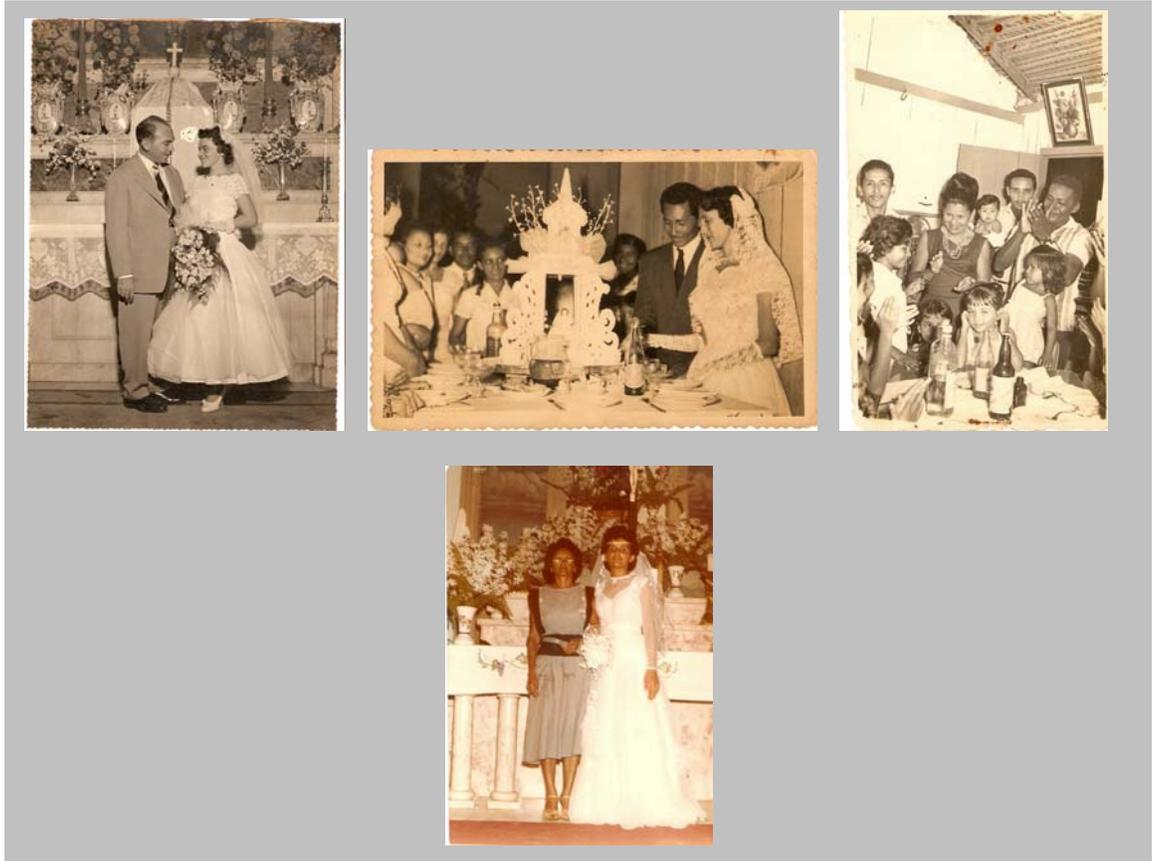
Diante da dificuldade em se conseguir uma fotografia, a Figura 66 registra a família da geronte na cidade de Itamarati, na época ela acredita que tinha 45 anos de idade.

A reunião das quatro gerações no sofá da casa do filho da geronte foi registrada na Figura 67.

A confraternização entre os filhos todos adultos, na casa da geronte foi retratada na Figura 68.

Após a missa em comemoração ao 45º ano de casamento, a reunião com os filhos para um jantar especial, registrado na Figura 69.

4.2.10 – Festa de casamento



Figuras 70 a 73 – Imagens selecionadas pelos idosos em que estão se casando, em suas festa e na de seus filhos.

A cumplicidade e o amor do casal esta retratada na Figura 70, a geronte declarou que foi a melhor coisa que havia acontecido na vida dela.

A Figura 71 registra a festa do casamento da geronte em sua cidade natal Coaracica (PA).

A Figura 72 retrata a festa dos 10 anos de casamento da geronte, na ocasião a foto foi tirada em sua residência na rua Parintins, no bairro Cachoeirinha em Manaus.

O registro da lembrança do dia do casamento da filha está retratado na Figura 73, mas a geronte não soube especificar a data.

4.2.11 – Marido e esposa



Figuras 74 a 76 – Imagens selecionadas pelos idosos em que estão acompanhados por suas esposos e esposas.

A Figura 74 foi registrada no dia em que o esposo acompanhou a geronte a uma festa de aniversário, ela ficou muito feliz, pois ele não gostava de sair de casa.

Na festa de casamento de sua sobrinha, o momento da chegada do casal na festa foi retratado na Figura 75.

O casal sorridente e unido, a imagem perfeita nas palavras do geronte, momento registrado na Figura 76.

4.2.12 – Com A mãe



Figuras 77 – Imagens selecionadas pela idosa em companhia de sua mãe.

A Figura 77 registra o momento eterno da presença da mãe na vida da geronte, na cidade de Autazes (AM).

4.2.13 – Com amigos



Figuras 78 a 81 – Imagens selecionadas pelos idosos em que estão acompanhados por seus amigos.

Na Figura 78 registrada nos jardins do colégio Santa Dorotéia, ao lado da geronte a amiga dos tempos da escola, ambas com 15 anos de idade.

A Figura 79 registra a data, 22 de agosto/1950, e a dedicatória no verso da fotografia como mais um recurso da memória.

A Figura 80 retrata a imagem de uma apresentação de coral, ao lado do geronte, suas colegas de canto. Já a Figura 81, as amigas da geronte tomam água de coco gelado na praça em frente ao hotel em que estavam hospedadas, na cidade de Ouro Preto (MG).

4.3 – Especificação das categorias e subcategorias

Categoria 1 – Porque selecionou a fotografia. Refere-se ao motivo, o significado maior que o levou a selecionar a fotografia dentre as demais existentes em seu álbum.

Categoria 2 – A imagem da fotografia. Está relacionada a memória, aos detalhes da imagem, as suas associações, sua atitude, seus sentimentos, suas experiências gravadas no eu corporal.

Categoria 3 – O que mais lembra a fotografia. Busca insistir em lembrar mais fatos, mais detalhes que estejam relacionados com a imagem, é a busca pela memória, por suas crenças e associações.

Categoria 4 - A fotografia o que se lembra de bom e/ou ruim. Aborda o sentimento do geronte com relação às lembranças da imagem, é um balanço sobre o significado e a busca por mais memórias retratadas através da linguagem.

Categoria 5 - Significado na sua vida. Estabelecem a reflexão sobre as experiências vividas, seus sentimentos, as atitudes, crenças e as associações.

Categoria 6 - O que percebe em você quando vê essa fotografia. Suscita sobre os sentimentos em relação ao eu existencial, recordando de como era sua aparência física, sua vida, suas atitudes, associações e crenças e como estão agora.

As fases técnico-metodológicas da análise de conteúdo proposta por Bardin (1991), foram seqüenciadas em três períodos: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e

interpretação, construindo-se categorias e subcategorias. As categorias apresentadas no Quadro 1 abaixo refletem a investigação realizada através de entrevistas semiestrutura, gravadas, transcritas e após serem analisadas resultaram em subcategorias através da análise de conteúdo.

Categorias	Subcategorias
1- Porque selecionou a fotografia	Viagem Lembrar Festa Família Felicidade Representou muito
2 – A imagem da fotografia	Feliz Roupas Bonita Bem Festa Importante
3 – O que mais lembra a fotografia	Paisagens Alegrias Família Saudade PIFPS-U3 ^ª IA
4 – A fotografia o que lembra de bom e/ou ruim	Bom Ruim De bom e de ruim
5 – Significado na sua vida	Felicidade Lembrança Estudo Muita coisa Momento bom
6 – O que percebe em você quando vê essa fotografia	Me vejo bem Alegre Aparência Física Diferente Vontade de voltar

Quadro 1 – Categorias e subcategorias encontradas como resultado da entrevista com os gerontes.

4.4 - Caracterização das categorias e das subcategorias

Para investigar os elementos atitudes, memórias, associações e crenças e estudar a imagem corporal de idosos maiores de setenta anos de idade, participantes do Programa Idoso Feliz Participa Sempre – Universidade da Terceira Idade Adulta da Universidade Federal do Amazonas surgiram seis categorias: porque selecionou a fotografia; a imagem da fotografia; o que mais lembra a fotografia; a fotografia o que se lembra de bom e/ou ruim; significado na sua vida e o que percebe em você quando vê essa fotografia.

Os destaques a serem apresentados das entrevistas serão diferenciados pelo termo Geronte (G), por gênero feminino (F) e masculino (M) e em ordem numérica progressiva por idade. Desta maneira a ordem será alfanumérica, por exemplo, GF7 e GM2. As falas destacadas estão escritas conforme foram ditas pelos entrevistados.

4.4.1 – Porque selecionou

Solicitamos aos gerontes que selecionassem três fotografias de maior significado para eles. Foi grande a variedade de significância; dentre as evidenciadas foram agrupadas as subcategorias: viagem, lembrar, festa, família, felicidade, representou muito.

4.4.1.1 – Viagem

“Porque foi tão gostosa esta **viagem**... passei com os amigos, fui até no Convento em Michigan, visitar minha mãe... então foi uma viagem gostosa, planejada, e ainda tenho esses amigos na Carolina do Norte...”. (GF1)

“Porque essa foto foi assim... eu nem me lembro qual 1900 foi, eu tava de **férias** da universidade [...]”. (GF2)

“Isso aí eu ia pra um **passeio** de barco, na rua Quintino bocaiúva, antes era muito diferente mesmo... ainda eu calcei o sapato pra tira a foto depois eu tirei de novo e fui descendo... naquele tempo agente usava calça comprida mas não era tão colada...”. (GF6)

“Por que esse **passeio** marcou muito a minha vida, meu filho serviu a marinha aqui em Manaus, depois ele teve que ir pra Belém, porque lá que era o quartel, eu chorei tanto que eu perdi 2 quilos de repente, quando ele foi... [...]” (GF11)

“Porque eu achei que pra mim é muito emocionante eu estar num **lugar** tão lindo, tão longe daqui... da onde eu vim do Cruzeiro do Sul e me achar aqui em Minas Gerais [...]”. (GF13)

A significância da viagem ou de um passeio que ficou guardado na memória revela pontos importantes do evento para cada indivíduo, pois foram experiências diferentes e únicas; nas quais associações às roupas usadas, à saudade de uma partida; acreditar em uma conquista, na qual não havia imaginado antes e se encontrar em um lugar tão distante.

4.4.1.2 – Lembrar

“Porque me deu muita vontade de **lembrar** delas, da madre Vivian, elas tão alegre, nos tínhamos um coral e ela que dirigia esse coral, nos ensaiávamos músicas, cantos tudo com ela, todos dias nos tínhamos aula de piano com ela, na capela nos tínhamos o coral, o coral era famoso. Neste dia nosso coral de reuniu, foi um dia de festa...”. (GF1)

“Porque digamos assim... agente se **lembra**, tudo é recordação, tudo é recordação... meu filho aqui tinha uns treze, quatorze anos, e ela também uns doze [...] isso trás boas lembranças, pra gente, agente vai se lembrando, tudo... é bom.... ajuda a gente viver, né”. (GF2)

“Eu achei que devia trazer ela, por **recordar** meu passado, com o meu esposo vivo, meus filhos pequenos e eu aqui é uma recordação muito boa, então foi no primeiro ano, que meu filho ganhou esse carro muito bonito, esse carro tinha luz, freio e tudo [...]” (GF4)

“Para mim **recordar** tudo que eu tinha aqui dentro, colocar tudo pra fora, e pra lembrar ele com saúde e eu também [...]”. (GF4)

“Pra **lembrar** que eu viajei muito de barco...”. (GF5)

“Porque eu disse assim, eu vô fazer assim esse foto com toda a minha família porque um dia quando eu morrê eles vão vê e vão se **lembrar** de mim [...]”. (GF7)

“Sabe porque ela tem uma **lembrança** muito forte do papai, sabe... ele sempre teve uma.... eu achava estranho, mas ele tinha uma predileção por mim [...]”. (GF9)

“Por causa da **lembrança** dos filhos crianças ainda, sabe... hoje ainda eu sinto muita falta, apesar deles me dar assistência, mas eu não tenho mais aquela companhia que eu tinha, deles três [...]”. (GF9)

“Eu selecionei porque quando a gente vai assim pra um lugar agente tira uma foto e guarda como uma lembrança, pra mostra pros neto...”. (GF12)

“Bom essa fotografia eu selecionei porque me faz **lembrar** o meu tempo de jovem, estudante... [...]”. (GF15)

“Pra **lembrar** né, do meu tempo de solteira e aqui do meu primeiro dia de casada, né, onde eu to aqui com pessoas amigas, a minha madrinha, com meu esposo que morreu muito cedo, me deixou com muito problema, com muita saudade... [...]. (GF15)

“Porque você pediu para eu separar as fotos que mais me guardassem uma **lembrança**, então eu escolhi essa que tem uma lembrança especial”. (GF19)

“É porque eu costumo tirar foto e guardar como **lembrança**... [...]”. (GF20)

“Pra me lembra da Suíça... [...]”. (GF22)

“Porque me chamo mais à atenção sabe, me **recorda** muito... [...]”. (GM2)

“É porque eu to com a esposa né, e ai eu tava na minha casa e essa foto é uma **lembrança**, né... [...]”. (GM3)

“É uma **recordação** das olimpíadas, né...”. (GM3)

Ao falar sobre lembranças, estas vêm associadas aos lugares, à pessoas, à épocas vividas, aos diversos sentimentos que estão contidos e que afloram ao olhar a imagem da fotografia e que foram compartilhados durante a entrevista. Essas recordações são pontuadas significativamente pelos gerontes porque ao pergunta-los porque haviam selecionado a fotografia foram categóricos em afirmar que seria para recordar, lembrar da sua história, do seu mundo. Ressaltando as palavras de Bartlett (1932) apud Bosi (1987, p. 27), que diz: “fica o que significa”, ou seja, a memória registra o que é significativo, no qual há um longo processo a ser percorrido envolvendo as percepções e sentimentos.

4.4.1.3 – Festa

“[...] pra mim ela foi uma **festa** assim que eu nunca tive... porque nos meus quinze anos eu nem lembro quando eu fiz os meus quinze anos... porque a minha família era humilde então eu nunca depois de muito tempo, já nos tempo de agora e que eu vim sabe que existia a festa de 15 anos e debutante... [...]”. (GF3)

“Por que quando nos tínhamos 10 anos, nos morávamos na rua Parintins, na Cachoeirinha, ai nos ia fazer 10 anos, ele falou vamos **festejar**, e eu não... ele mandou imprimir convite, parecia que nos íamos casar de novo...”. (GF4)

“[...] eu gosto de fazer **feira**, me lembro que já estou completando aí 71 anos de idade então eu já não tenho muito tempo então eu aproveito pra fazer tudo pra comemorar o dia 27 de dezembro, é a data do meu aniversário, é isso”. (GF7)

“Porque, era pequenininha, tinha uma comemoração, é uma data que agente guarda né, porque eu tenho outros netos... é então é assim eles faziam a **feira** e me convidava e eu ia né... e aí ficou guardada a foto...”. (GF10)

“Ah! Eu selecionei isso porque no final é uma **feira** aqui do projeto... aí eu convidei meus filhos, meus netos pra esta festa, tem minha nora no meio... e pra que eles participassem pra ver como era, não é... como eu me achava aqui... com minhas colegas também, né... eles senti o meio que eu tava vivendo... [...]”. (GF18)

“Ah! Porque pra nós foi uma **feira** muito importante, né... o aniversário do projeto... eu to com a minha neta... eu quase não ia pra festa porque eu não tinha com quem ir... o pessoal tava todo ocupado...e aí ela disse eu vou lhe leva... a senhora não vai deixar de ir pra sua festa... sempre ela vai comigo... [...]”. (GF18)

Nessa subcategoria a importância da festividade apresentou-se em variações em aniversário deles próprios, dos netos, de casamento, em festas promovidas pelo PIFPS-U3^aIA; inclusive houve uma associação a uma festa que não teve quando mais jovem. O convívio para eles entre familiares e seus pares (outros idosos), é significativo, pois esses laços de amizade, carinho e atenção são reforçados nesses eventos sociais o que auxilia no ajustamento psicossocial. Além de promover, de acordo com Tavares (2003, p. 79) “uma identidade corporal integrada e positiva”.

4.4.1.4 – Família

“Porque eu assim, por causa dos meus **irmãos**... [...] porque eu sou a mais velha né... depois era eles”. (GF6)

“Foi um dia de um aniversário, tava **todos** junto em casa todos feliz, né, com saúde e eu selecionei essa”. (GF8)

“Porque, foi assim... eu achei essa daqui, porque eu tenho muito foto, né assim das viagem que eu faço... mas essa daqui ta mais antiga... e essa daqui é **família**, né”. (GF10)

“Não porque esse **neto**, eu criei ele... eu tenho uma afinidade muito grande... igualzinha que eu tenho com um filho eu tenho nele”. (GF10)

“Por que ele foi um bom **esposo**, nunca nos faltou nada, eu tenho três filhos, uma moça e dois rapazes, fomos sempre muitos felizes, trabalhamos muito para construirmos nossa casa, para organizar nossa vida, hoje eu me sinto uma mulher realizada, pena que ele foi embora muito cedo [...]”. (GF11)

“Por que eu estou aqui com a minha **mãe**, sabia... minha mãe era uma pessoa que não reclamava de nada, a minha mãe cabocla de Autazes [...]”. (GF11)

“Eu selecionei porque eu tirei a foto junto com a minha **irmã** e a gente morava no interior e eu queria te uma foto e era muito difícil tira a foto... e então eu guardei e até hoje eu guardo [...]”. (GF12)

“Porque meu **irmão** era tudo pra mim e foi a primeira vez que eu pisei em Manaus [...]”. (GF13)

“Porque é muito difícil reunir as quatro gerações de uma **família**, então eu tive que pegar aproveitar a oportunidade de pegar as quatro mulheres vivas”. (GF14)

“Eu selecionei porque essa foto ta o meu **esposo**, né... [...]”. (GF15)

“Essa, porque eu gostava dela, eu tava com **ele**, dando mamaderinha pra ele”. (GF17)

“É porque foi a única né... e aqui tem a minha **filha** tudinho, olha bem aqui, essa que ta bem aqui mal você vê... essa é a minha **mãe** [...]”. (GF21)

“É... Então nossa **família** lá em Tefé tinha um padre, ele era nosso primo legítimo... então tinha as nossas primas e esse padre era dessa igreja, então nos fomos passear lá... [...]”. (GF21)

Pessoas da família, ou a representação de toda a família na imagem da fotografia impetrou grande significado para eles. A fotografia neste caso foi a prova, o registro de uma fase vivida, onde nas palavras de Néri; et al. (2000, p. 42) “seus objetivos e planos haviam estabelecidos e deram significado às suas vidas”.

4.4.1.5 – Felicidade

“Aqui eu tava me achando muito **feliz**, eu tava freqüentando aqui... daí eu sentia assim muito feliz mesmo, não tinha tristeza, não tinha nada, pra mim a gente tava vivendo muito bem [...]”. (GF8)

“Mostrar que a gente **não** pode viver **só de tristeza** [...]”. (GF8)

“Eu selecionei esta fotografia porque nois estamos aí tudo cada qual mais **alegre**, cada qual mais entusiasmada de ta ali no meio, tudo alegre... não tinha nada de tristeza... tudo alegre”. (GF13)

“Porque aqui eu gostaria de seleciona era muitas delas porque aqui eu encontrei a **alegria** que eu não tinha e que eu tenho, continuo tendo [...]”. (GF16)

A imagem da fotografia, ao ser vista novamente, reportou o sentimento que estava sendo vivido por eles naquele e que foi registrado naquele instante, que foi a alegria e felicidade. Sentimento esse que não está presente constantemente em suas vidas e que para eles foi importante recordá-los.

4.4.1.6 – Representou Muito

“Porque ela **representou muito** para mim, não somente para mim como para minha família, porque era a primeira da família que se formava, mesmo porque naquela época, só da pessoa ter os quatro anos ginásiais a pessoa já se sentia mais... [...]”. (GF9)

“Bem ela **representa**, ela registra né, a eleição de representa de miss do projeto, e eu entre aquelas outras colegas, fui eleita a candidata, e esta foto aqui tem um significado muito importante pra mim, você vê que esta, você conhece esta pessoa, é a Ártemis, a diretora da faculdade de educação física, e ela foi minha aluna lá no IEA do curso de pedagogia, então têm um significado muito grande pra mim.” (GF14)

“Porque essa, se eu erra me ajuda, porque essa fotografia tem **muito significado** pra mim... é onde eu vim mora no coroado... e entrei no apostolado da oração, essa aqui é a fita comprovando... [...]” (GF16)

“Porque ela é **importante**... pra mim... pra ela é também porque tava casando né... [...]” (GF16)

“Porque faz muito tempo que eu tenho ela e é uma coisa **importante** pra mim, nos tiramos retrato nesse tempo, passei dois ou três dias na casa dela, isso aqui era um amor de pessoa pra mim, foi em que anos isso aí, foi em 75 mais ou menos... [...]”. (GF17)

“Ah, porque pra mim foi **muito importante** os meus 70 anos, né... eu estou com meus filhos do lado todinho, e isso aqui nos estamos em casa, viemos da igreja, né...que houve a missa tudinho... e aí nos estamos em casa comemorando em casa, com filhos, netos, filhas.... tem até bisneto aqui.” (GF18)

“Porque eu tenho **muita consideração**, do acontecimento de guardar um acontecimento, uma relíquia, né”. (GF20)

“Porque isso é uma coisa **muito importante** na minha vida, viu professora, porque eu agradeço muito a deus ..por esse dia que ele me deu, tá entendendo... de ter um filho como este que é ministro de eucaristia , ele faz, ele batiza as criança também... tem autorização do Dom Luis pra batizar, tá entendendo, eu preferi e não chamei nenhum padre, tá entendendo, o próprio meu filho pra celebrar, essa é minha filha, tá entendendo, essa aqui é minha mulher, sou eu, aqui tem outra filha minha, toda a família tava toda reunida... ta entendendo, os 45 anos de casado, então... [...]”. (GM1)

“É porque eu selecionei pra mostra pro pessoal , ta entendendo, pra senhora e pra muitos que querem ver porque isso é uma data **muito importante** na minha vida, né... o pessoal ver meus filhos eu e minha mulher como nos eram, nos era umas pessoa de baixa renda, como até hoje em dia... agora não porque nossos filhos são bem empregado...essas coisas toda.. mas quando eu vim de Coari pra Manaus, professora, nois viemos empregado na repartição mais nois não conhecia ninguém.. [...]”. (GM1)

“Porque isso aí... eu pertenço ao movimento familiar cristão... aquelas reuniões, aqueles encontros, aí nos fomos.... aí eu fui aí pra Santa Catarina.... só tem loira aí... alemão....isso aí também **marco muito**.... esses aí são meus amigos.... de vez em quando eles mandam cartão de natal”. (GM2)

A diversidade de significados revelou-se na expressão “muito importante”, porque cada indivíduo é único, observou e registrou o que foi significativo nas experiências por qual passou. Neste caso as relações entre a família e a religiosidade foram evidenciadas.

4.4.2 – A imagem da fotografia

Foi solicitado aos gerontes que falassem sobre a imagem da fotografia, essa verbalização está relacionada a memória, aos detalhes da imagem, as suas associações, suas atitudes, seus sentimentos, suas experiências gravadas no eu corporal. As mais evidenciadas foram agrupadas nas subcategorias: feliz, roupas, bonita, bem, festa e importante.

4.4.2.1 – Feliz

“Eu estava **feliz**, alegre, descontraída... já tinha ajeitado a minha casa toda aqui, não tava mais preocupada com nada... [...]”. (GF1)

“Ai eu tava **feliz** aqui..., muito feliz, não tava preocupada com nada, nem com a pressão... só alegria, felicidade, cada uma tirou sua foto com a madre, foi bom que ela estava aí, veio só para a festa”.(GF1)

“Ótima... com muita **alegria**... não me lembro de nada triste que aconteceu...”. (GF5)

“Essa imagem eu tava muito **feliz** mesmo, eu não tava sentindo nada, eu já podia andar... [...]”. (GF8)

“A imagem que eu vejo é de uma **felicidade** na casa de deus... [...]”. (GF16)

“Essa foto pra mim é uma **alegria**, uma satisfação... que além de eu ta com os meus filhos, meus neto e ainda to com o meu bisneto no colo... [...]”. (GF18)

“Imagem da fotografia, para mim a imagem dessa fotografia é que eu estou assistindo a emoção de ver ele tão **feliz**... [...]”. (GF19)

“Nesse tempo eu me sentia **feliz**, não sabe, eu vivia tão bem lá em Itamarati, eu gostava muito de lá, então lá era muito difícil tira fotografia, porque ninguém tinha máquina, e o meu primo foi daqui pra lá e aí então ele tirou essa fotografia [...]”. (GF21)

“A imagem dessa fotografia é o sorriso do padre... né... a **alegria**... a missa que ele celebrou.” (GF22)

“A imagem dessa foto me representa pra mim uma **alegria** na minha vida, ta com o meu neto aí... a colega Joana.... . de estar recebendo um premio, um presente... [...]”. (GF22)

“É de uma pessoa alegre, né... se divertindo... de não ta pensando em coisas... que passô... só pensando em coisas... (GM3)

“Essa imagem aí eu tava me sentindo **alegre**... bem, no meio dos meus companheiros, eu tava feliz”. (GM4)

A alegria, de acordo com Barbosa (2003), “é um fenômeno social, pois depende de outras pessoas para acontecer, sendo assim, a imagem corporal de um é completada pelo do outro”. Os sentimentos de alegria estão direcionados em eventos com familiares, amigos e religiosos, sendo que, as associações feitas durante a memória foram sobre o estado de saúde, à ausência de problemas e à dificuldade em ter fotografias na época.

4.4.2.2 – Roupas

“Olha essa imagem da foto tava começando a zona franca... eu trabalhava já na área da saúde e eu que fazia todas as nossa **roupas** em casa e também costurava pras colegas nas horas vagas... então todas essa roupas foi eu que fiz... [...]”. (GF2)

“A imagem eu nem sei lhe falar, eu sou sei que a diretora do meu colégio ela gabou muito a escolha do meu modelo, e como eu confeccionei a **roupa**... Mas a roupa a senhora teve que confeccionar porque fazia parte (eu)? Era fazia parte do curso, mas teve colegas que escolheram modelos diferentes, mas ela achou que o meu era adequado para o tecido porque naquela época isso era falho sabe... mas no dia da formatura a minha cunhada me levou no salão, meu cabelo não estava assim não estava de outro jeito, mas depois eu fui no foto e mandei tirar já não era o cabelo feito... [...]”. (GF9)

“É não tirei o diploma da mão, ele tava aperriado para coloca o anel, era assim a nossa formatura, a família tinha o prazer de dá a anel, o irmão deu a anel da outra formatura, o papai deu dessa, estão guardados até hoje... A **roupa** o tecido esta na costa, leva um laço grande de cetim, aqui atrás, sabe... e forma as duas pontas, era muito bonito... não era coisa muito valiosa o tecido, mas a moça que costurava pra nós ela era muito caprichosa... [...]”. (GF9)

“Essa fotografia minha filha, olha... eu estou com meu esposo... porque naquela época não existia negócio de **roupa** pronta de noiva não, né... eu fui na casa, numa loja que ficava perto do garapeiro ,eu me lembro muito bem... era de um senhor, trabalhava ele e a esposa dele... era assim uma loja meio apertada mas que tinha tanta fazenda linda... naquele tempo se usava muito organdi.. essa minha roupa não sei se dá pra ver... ela é organdi bordado o corpo e a saia era organdi liso, tem um debruado de cetim... foi tudo a minha irmã que fez... era uma roupa muito bonita ... o veuzinho... porque eu disse não quero véu grande não, quero véu pequeno... eu comprei a renda nessa loja... foi tudo organizado pela minha irmã... ela fez as mitene, né... [...]”. (GF15)

A roupa usada na imagem da fotografia foi destacada pelos gerentes com riqueza de detalhes. De acordo com Schilder (1999), podemos brincar com nossa imagem corporal mudando-a de forma e tamanho ao utilizar roupas ou adornos, sendo assim “os seres humanos são cercados e cerceados por suas imagens corporais [...]”.

4.4.2.3 – Bonita

“Nesta fotografia nos estamos é **bonita** nós três”. (GF1)

“Essa imagem eu digo, essa imagem... eu me sinto **bonita** aqui... (...)”. (GF3)

“Eu acho muito **bonita**, naquele tempo, não tinha colorida, só tinha em preto e branco... eu também morava numa casa muito bonita e eu gostava muito da casa tinha um jardim na frente, nos tiramos assim de lado, minhas filhas estavam estudando, para se formar no acordeom, assim a sanfona, elas estavam estudando e se formaram pro acordeom, e se formaram já grande e foram dá aula e eu tenho muitas recordações delas, muitas lembranças boas e triste... (...)”. (GF4)

“Ah é, é fico muito **bonita**, muito boa essa imagem, só não gostei melhor porque as colegas quase não aparece porque ela ficou um pouco escura, agente vê as pessoas e não sabe quem é.... mas de qualquer maneira as minha colega tão toda aí e foi uma satisfação pra mim... (...)”. (GF18)

A imagem bonita, ou estar bonita na imagem é o reconhecimento, a aceitação do seu eu corporal. São percepções observadas e registradas na memória com relação a si próprios e a outros contidos na imagem.

4.4.2.4 – Bem

“Bem essa imagem eu me sinto que eu to **bem** boa, bem, bem nessa foto, eu tava mais nova, cabelo bem pretinho, mais comprido, eu tava bem arrumada nesse dia, eu tive muito pessoal me elogiando, me elogiaram nesse dia que eu tava lá”. (GF7)

“Essa eu não sei nem dizer... eu me sentia assim muito **bem**... [...]”. (GF8)

“Essa imagem eu to me achando muito **bem** aí... mais nova... mais alegre... [...]”. (GF20)

“Ah, eu acho que eu tô muito **bem**, eu estou muito bem aí,... eu tô muito feliz por ter participado dessa dança, eu me acho bem aí”. (GF20)

“Essa imagem minha porque tá **melhor** do que outra imagem... eu acho...” (GM4)

A percepção de estar “bem” na imagem está associada a sua corporeidade e sua relação com o meio externo.

4.4.2.5 – Festa

“Foi um motivo de **festa** de alegria, tinha muita gente, muita comida, muita bebida, na época eu também tomava uma cervejinha, é foi uma festa na casa do meu filho, tal, esse aqui é caçula”. (GF10)

“Naquela época eu era nova, eu me divertia bastante, ia pras **festas**, eu dançava, eu não pensava em mais nada, né... só pensava em me diverti... [...]”. (GF10)

“Nos estávamos na casa da minha filha, numa **festinha**, ele quase não ia, mas nesse dia ele foi, era aniversário da minha neta Viviane... [...]”. (GF11)

“Esse dia foi alegre, foi uma **festinha** lá em casa, de reuniões de irmãs, essa menina e a minha neta, mas nova é a Lara, foi a que casou das filhas da minha filha, eu chamei mamãe pra participar da festa...”. (GF11)

“Essa foto foi um dia especial porque também é o aniversário do pai dela... aqui tem três **aniversário** aqui... porque é o aniversário de nascimento da minha filha... casamento da minha filha e aniversário de casamento do meu genro... porque ela nasceu no dia que ele nasceu...”. (GF19)

“A imagem dessa fotografia pra mim é uma coisa muito importante na minha vida, porque é uma **celebração** porque sem Deus nois não vamos chegar lá... então por isso eu exigi, eu queria essa celebração dentro da minha casa com minha mulher e dos meus filhos aonde eles foram todos criados nesta casa que até hoje em dia nós moramos nela... [...]”. (GM1)

A imagem da fotografia apontou novamente que fenômenos sociais, no caso a festa, além da relação entre as pessoas, também há uma interação entre as imagens corporais devido à proximidade entre os corpos (Barbosa, 2003). Essa interação ocorreu, mas expressivamente no meio familiar.

4.4.2.6 – Importante

“Eu vejo esse imagem pra mim ela **vale tudo**... porque o meu irmão já morreu... [...]”. (GF13)

“Eu vejo essa imagem **muito importante** pra mim, sabe... porque aí está as colegas que considero, que eu gostei, que me deram a maior atenção, sabe por isso então pra mim foi uma coisa muito importante”. (GF13)

“Essa imagem pra mim **representa muito**, porque ela caiu no dia do meu aniversário... foi no dia 15 de maio... e essa fotografia eu não morava nessa época em Belém, só fazia estudar eu morava nesta cidadezinha em Coaracica, em vinha de ônibus pra lá... [...]” (GF15)

“Sabe porque eu nem sei explicar sobre imagem, é porque eu peguei essa e trouxe... mas ela é **importante**, faz muito tempo que eu tirei né, ainda tava legal, eu era mais nova né... [...]”. (GF17)

“Então essa imagem é a coisa de mais **importante** que eu tenho de lembrança da minha maninha, olha ela é a mais nova e eu sou a mais velha... [...]”. (GF17)

“A imagem dessa fotografia pra mim é uma coisa muito **importante** porque eu to vendo eles todos aí alegre, tudo alegre... tá entendendo... [...]”. (GM1)

Nesta subcategoria a imagem foi evidenciada como “importante”, pois ao observar a fotografia o ato de lembrar está associado a proximidade com entes queridos, amigos ou a uma data significativa na vida do geronte.

4.4.3 - O que mais lembra a fotografia

Ao perguntar aos idosos sobre o que mais lembrava a fotografia, buscamos insistir em relembrar mais fatos, mais detalhes que estejam relacionados com a imagem, é a busca pela

memória, por suas atitudes, crenças e associações. Após a análise dos dados foram agrupadas as subcategorias: paisagens, alegrias, família, saudade e o PIFPS-U3^aIA (Programa Idoso Feliz Participa Sempre – Universidade da 3^a Idade Adulta).

4.4.3.1 – Paisagens

“Lembra as **paisagens**, né... os lugares por onde eu ficava andando neste período, esse aqui foi na Carolina... nos estávamos viajando, justamente, vindo de Kevin, paramos no meio do caminho para comer e tiramos essa fotografia aí”. (GF1)

“Então eu morava com as duas idosas e os meninos ficavam nas outras dependência da casa... não ali uma, na Joaquim Nabuco, de esquina com um prédio bem grandão que tem ali, era ali o colégio.... ali era o cinema o Politeam... [...] **Manaus** Mudou demais... por exemplo no Itaú era o cinema Guarani, que eu achei um absurdo ter derrubado aquilo ali.... [...] Manaus perdeu demais, Manaus era muito bom de se viver, muito calmo, as famílias todas se conheciam... mesmo aquela mais tradicionais.... [...] Naquele tempo se podia sentar na calçada bater papo, hoje em dia deus me livre... era o tempo do bonde.... [...]”. (GF6)

“Eu me lembro das **viagem**, porque é tão maravilhoso a gente viaja assim com a turma toda aqui... [...]”. (GF12)

“Lembra que era tudo estranho pra mim, tudo novato, **cidade estranha**, agente sai de dentro da mata e chega na cidade, né... que eu me senti entusiasmada com tanta beleza... [...]”. (GF13)

“Eu lembro do dia que eu **viajei**... viajei junto com minhas colegas... [...]”. (GF13)

“Só isso, porque eu gostava muito, tinha muita vontade de ir à **Borba**...porque eu não conhecia então eu aproveitei a oportunidade e fui”. (GF19)

“Ah, me lembra muito, de tanta coisa que se eu pudesse eu ia lá todo dia quase... porque é uma cidade bonita **Recife**... nunca eu tinha ido, mas eu achei bonito, ta entendendo... [...]”. (GM1)

“Eu me lembro assim que... fazia tanto que não tinha, que não vinha a Manaus né... eu não gostava de andar na cidade, eu gostava muito de **andar no mato**, eu sempre gostei do mato... [...]”. (GM2)

“Aí eu me lembro de quando eu morava no **Rio de Janeiro**, aí o pessoal tomava mais bebida forte e eu tomava chope... eles tomavam vinho... com tira gosto de tubarão”. (GM2)

Ao recordar mais sobre a imagem, foram revelados pelos gerentes os lugares, as paisagens por onde passaram no passado. A fotografia foi motivadora para revelar outras imagens registradas na memória associada ao momento vivido. Desta maneira a foto é compreendida

como uma arte da memória e que de acordo com Dubois (2006, p. 314) “nossa memória é feita de fotografia”.

4.4.3.2 – Alegrias

“Lembra o tempo que eu morei lá, que eu estudei, passei a minha adolescência lá, minha juventude. Só **alegria** e coisas boas, nos jogávamos voleibol lá...”. (GF1)

“Aquele sensação, aquela **alegria** de ir lá, competir, faz dois anos que eu não vou para competição, na só ano passado, ano retrasado eu fui”. (GF1)

“Não... só aconteceu **coisas boas** dentro do barco... [...]”. (GF5)

“Lembra aquele tempo de colégio, que eu passei seis anos no patronato, eu fiz dois anos primário e quatro industriais, foi a nossa primeira turma industrial, foi a nossa em 1952 e aquilo era uma **felicidade** muito grande porque na naquele colégio era tudo de graça a gente não pagava nada, lá eu fiz curso de datilografia também foi muito bom”. (GF9)

“Lembra muita **alegria**, professora, a senhora sabe... vivia muito feliz, não só pra mim, como pra toda a minha família, todo mundo reunido... [...]”. (GF11)

“Me lembra **coisa boa** e coisa ruim, a coisa boa é que a minha mãe estava viva e a coisa mais ruim foi quando a minha filha adoeceu, e eu tenho muito carinho por esta imagem, pelo o que ela representa”. (GF14)

“Lembra que eu já tinha um certo tempo aqui no projeto, mas lembra assim que eu estava muito **alegre**, momentos de alegria que são tão raros hoje, mas eu sempre procuro tirar a coisa boa mesmo do ruim, não tem sido totalmente ruim nem totalmente bom”. (GF14)

“Lembra muita coisa, lembrar as **coisas boas** na minha vida, lembra o desfecho do namoro, que acabou no casamento, e você pode ver ai a expressão de carinho e de felicidade, eu acho que ta no ar né”. (GF14)

“[...] eu tinha tanta vontade de ser filha de Maria quando eu era criança, porque eu via aquelas mocinha sendo filha de Maria, ate quando eu me casei o meu cunhado era filho de Maria, ele foi mariano, o meu cunhado era mariano, e eu nunca consegui fazer nada, e agora depois de velha vim aí pro coroado e consegui esta **felicidade**, pra mim é uma felicidade”. (GF16)

“É que nois estamos todas **felizes** que nos íamos se apresentar, né... cada uma queria que saísse melhor...cada uma tava feliz porque tava no grupo...então eu também”. (GF20)

“Eu lembro a **felicidade** de viver com minha mãe, e eu era feliz com meu marido, nesse tempo eu não sabia, sei lá, eu não entendia, às vezes eu via uma pessoa separada do marido e tudo, mas eu nunca que eu entendia como é que é, e eu achava que nunca, nunca, nunca ia chega pra mim... porque eu não me separava dele não... [...]”. (GF21)

“Ai agente ta **alegre**, não tamo brigando... acho melhor ta aqui do que ta brigando... [...]”. (GM3)

Novamente os sentimentos estão envolvidos com os fenômenos sociais que foram vivenciamos com estímulos diferentes, mas que convergem para o mesmo ponto, que foi o de lembrar de acontecimentos bons, de felicidade e alegria. Segundo Tavares (2003, p. 20), “cada estímulo existe para nós à medida que corporalmente o vivenciamos”; sendo assim, essa vivência é marcada no eu-corporal, registrada na memória e reconstruída durante a rememória.

4.4.3.3 – Família

“Porque é assim... agente os **filhos** vão crescendo... e agente vai amadurecendo mais... agente não consegue explica... eu digo puxa vida... como agente tem os filhos pequenininhos, agente arruma faz tanta coisa... parece assim que pode ser que agente não aceita a perda... [...]”. (GF2)

“É assim, que eu estou com minha **irmã**, do lado dela... [...]”. (GF2)

“Essa fotografia lembra que quando eu cheguei em casa... não, não foi quando eu cheguei foi quando a minha **mãe** viu essas foto, poxa ela me valorizo tanto.... que eu era tudo pra minha mãe... ela me achou tão bonita nessa foto.... ela falo tão bem de mim. Ela tem tinha tanta confiança em mim que a senhora nem imagina... [...]”. (GF3)

“[...] aí eu me senti... me lembro assim com a **família** unida... porque geralmente assim essas festa uni as família né... e essa daí realmente uniu a que eu convidei, ela foi levo a filha, o marido e me empresto o marido, e eu com os meus filhos... [...]”. (GF3)

“Lembra assim **deles** (filhos), de criança... nós construímos uma casa muito boa, tinha o quarto deles, foi preciso eu colocar uma porta comunicando com a nossa suíte, por causa deles terem medo, principalmente por causa do menorzinho... mas era os três homens tudo no mesmo quarto”. (GF9)

“O amor que eu tenho **nele** (neto), e agora ele tem um filhinho, o bebezinho... né o meu bisneto”. (GF10)

“Lembra tanta coisa, porque nessa festinha que **ele** (esposo) me acompanhou, foi tão bom que até fotografia nos tiramos... [...]”. (GF11)

“Lembra o dia que eu cheguei lá, que abracei **ele** (filho) sabe, com aquele amor tão grande, tanto chorava, que ria, era tanta alegria, que eu não sabia o que eu fazia”. (GF11)

“Viche! Eu lembro da minha **mãe**... do meu **pai** também... meu pai era um homem, um negão mesmo bem irado, ele era muito ruim, bravo... [...]”. (GF12)

“Lembra também um pedaço assim triste, do meu **irmão**, o meu irmão mais novo, que adoeceu também... nos passamos junto, nos tivemos muito trabalho com ele... o médico não descobriu... ia pra médico, pra esse pessoal que trabalha com macumba lá, eles disseram que ele ia fica bom, mas ele nunca teve cura... [...]”. (GF12)

“Lembra a minha **família** antes de eu me casar, né... meus irmãos que ficaram tão contentes, minhas irmãs, meu pai que ficou muito orgulhoso de ver uma filha se formando”. (GF15)

“Lá da casa dos meus **pais**, né... eu saí dela pra ir morar na minha casa, não é... ainda virgem, né... naquela época a gente tava virgem... porque naquela época... (...) porque casamento hoje em dia já era, né... não é... [...]”. (GF15)

“Ah, me lembra muito a vida como eu vivia com meu **esposo**, né... apesar de não ser uma cidade muito grande essa, mas agente passeava muito... ele era uma pessoa assim muito dedicada a família, né... [...]”. (GF15)

“Ah! O dia do casamento dela... aí eu vejo **ela** (filha) lá na igreja... [...]”. (GF16)

“Lembra de quando **ele** (filho) era pequenininho, né, que ele era neném”. (GF17)

“De lá, da Lagoa Lego, da minha **mãe**, eu não trouxe da minha mãe, é assim tenho muita lembrança da minha vida com ela [...]”. (GF17)

“Que eu tava perto do meu **filho** né, este ano eu nem fui, ele ficou até triste, não dava pra mim não, porque eu não vivo ainda muito bem, um dia eu to bem outro eu to ruim né, ai a doutora disse pra mim não ir viajar, no ano passado ela disse pra mim não viajar... [...]”. (GF17)

“Me lembra também que podia o **pai** dele estar e ele não estava porque já era falecido... [...]”. (GF19)

“Me lembra de eu ta junto com **meus filhos**, todo o tempo, é...”. (GM1)

Nessa subcategoria a associação à família, ou a pessoas que pertençam à família é contundente, pois há um interesse emocional envolvido fazendo com que o idoso o perceba sua importância guarde-a na memória. A fotografia expôs os desdobramentos da vida desses gerentes, sendo também uma comprovação de sua existência. Foram revelados associações com relação a virgindade das mulheres que na época e a banalização dos casamentos da atualidade, a valorização de suas atitudes pela família, a não aceitação do falecimento do filho e a união das famílias em festas.

4.4.3.4 – Saudade

“Ah, se eu for dizer... muita **saudade** dos tempos deles, meus filhos são casados eu moro no canto e eles moram em outros. Sinto saudade e ele esta no hospital a quatro anos, ta um homem toda semana eu vou lá visitar... [...]”. (GF4)

“Só mesmo **saudade**, de todos aqui, só muito amor e saudade todos daqui... O chefe da casa morreu e acabou tudo pra mim, só não acabou a minha vida, ainda estou aqui”. (GF4)

“**Saudades** daqueles tempos de colégio, era uma animação na Aparecida... era um divertimento ...fazia jogo de bicho... ia pra tudo que é canto pra professor... [...]”. (GF5)

“O que eu lembro é **saudade**, o tempo que eu era liberta... só tinha preocupação, né, mas não era assim... [...]”. (GF6)

“Só me lembra assim a **saudade**, né... porque casaram e foram embora todos... [...]”. (GF8)

“O que, que eu posso dizer dela... [...] Me da **saudades** de ta... saudade de ver ela, alegre e satisfeita...”. (GF22)

A diversidade de sentimentos contidos em uma palavra “saudade”, faz emergir da memória experiências vivenciadas no passado, revelando um “álbum existencial”, dito por Barbosa (2003), “no qual ficam marcados, de alguma forma, todos os acontecimentos pertinentes a vida do ser humano que o possui”. O sentimento de saudade está associado à ausência dos filhos em casa, ao marido que faleceu e levou com ele a alegria de viver, à liberdade do tempo da juventude e a atividade profissional.

4.4.3.5 - PIFPS-U3^aIA

“A **minha vinda pra cá**... a nossa primeira festa lá no ICHL... todas as nossa festinha que tinha... quando nois ainda nem tinha que temos agora agente já fazia a aula de baixo das arvore... ali naquela quadra agente saia e ia pra debaixo das arvore lembra tudo isso”. (GF16)

“Essa fotografia pra mim ela ta lembrando dos **anos todos que eu to aqui**, né... apesar de eu não ter os quinze anos (riu), mas de qualquer maneira pra mim é uma satisfação muito boa, me lembra muita coisa essa foto, por isso que eu trouxe ela”. (GF18)

“Que eu lembro é que agente **tá aqui nesse meio na faculdade da terceira idade** participando de tudo... [...]”. (GF20)

“[...] ela fez Educação Física igual a Nazaré aí ela disse mamãe vai ter um projeto lá e eu vou lhe matricular, **aí eu vim e gostei** e estou aqui até hoje... e não pretendo sair daqui não... só quando eu morrer”. (GF21)

As imagens evocadas do passado fazem lembrar o que tem significado para o idoso, e neste caso, a participação ou a vinda para PIFPS-U3^aIA. A interação com os indivíduos da mesma idade e com os mesmos interesses favorecem a inter-relação da imagem corporal. De acordo com Halbwachs (1925) citado por Bosi (1987, p. 17), “[...] a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”.

4.4.4 - A fotografia o que lembra de bom e/ou ruim

Para buscar mais subsídios de memórias e os sentimentos do geronte em relação às suas lembranças, enfatizamos o aspecto do lembrar e buscamos uma classificação dessas lembranças. As subcategorias encontradas foram: bom, ruim e bom e ruim.

4.4.4.1 – Bom

“De ruim não me lembrar nada (riu)... só coisas **boas**, conhecer outro país, porque, por exemplo, eu que estudei com ela, estudei com os americanos, quando era criança, morei na paróquia dos Redentoristas... [...]”. (GF1)

“De ruim nada, só coisas **boas**, tudo que eu aprendi valeu a pena, ta valendo até hoje”. (GF1)

“De ruim não lembra nada, só lembra de **bom** tudinho... [...]” (GF2)

“Não de ruim ela não me lembra nada, só de **bom** na minha vida... [...]”. (GF3)

“Não de **ruim não** me lembra nada, eu não lembro nadinha, nadinha, nadinha... [...]”. (GF3)

“Lembro quando ele era vivo, que era muito **bom** pra mim... [...]”. (GF4)

“Só muito **amor**, muita paixão, eu amava demais esse homem... [...]”. (GF4)

“De **bom** ele era muito bom, não deixava eu fazer nada, ele chamava a empregada, olha ela só vai administrar, ai eu não vou ver o pessoal fazer e ficar olhando, ele então você que sabe... [...]”. (GF4)

“Só me lembro de coisas **boas**, porque eu gostava muito de ioiô, jogava muito ioio na rua, figurinha que eu comprava ali na banca, tinha revista... que eu colecionava junto com os menino do Dom Bosco e do Colégio Militar... [...]”. (GF5)

“De **bom**, só coisa boa... de ruim não... graças a deus muito bom”. (GF6)

“De ruim não lembra nada, de **bom** lembra tudo, as viagens que agente fazia de navio passava um mês viajando...”. (GF6)

“De **bom**, só me lembra de coisa boa, coisa boa de minha vida, muito boa, agora eu já tenho mais tempo não tenho mais bebe pra cuidar, a não ser os netos, né que de vez em quando eles aparecem em casa pra mim cuidar... [...]”. (GF7)

“De **bom** eu me lembro porque a festa esteve muito bonita... com todas essas coisas..., uma festa que deu muita gente... [...]”. (GF7)

“Não só de **bom** mesmo...”. (GF8)

“De **bom** só que foi uma animação da minha família e a minha também, porque eu estava me formando, eu acho que é só isso...”. (GF9)

“Olha sinceramente não lembra **nada de ruim**, meus filhos, graças a Deus eram sadios, só uma coisinha ou outra, mas eram muito sadios... [...]”. (GF9)

“De **bom** né, que de ruim não tem nada...”. (GF10)

“**Ruim não**... Lembra, muito boas, tão boa que ele me acompanhou na festa, ruim não”. (GF11)

“Há de **bom** tudo, só de ta lá com ele era tudo de bom que eu queria, tudo bom, tudo bom, a festa foi muito bonita, ruim não lembra nada”. (GF11)

“Só lembra tudo de **bom**, porque eu fui passeá eu fiz uma ótima viagem, fui bem com a amigas assim, ficava seis em cada casa... agente fazia comida pra gente... é muito gratificante... [...]”. (GF12)

“Lembra de **bom**, porque meu irmão foi tudo pra mim, ele me deu toda a atenção, todo apoio, só eu e ele em Manaus... [...]”. (GF13)

“Não tudo de **bom**, nada de ruim... aí essa colega que tão aí... são quatro colega que me consideraro como uma irmã... [...]”. (GF13)

“Eu lembro que estávamos reunidos na casa de meu filho, é uma coisa **boa**”. (GF14)

“De ruim não me lembra nada essa foto, não lembra nada, e de **bom** lembra muito... [...]”. (GF14)

“De ruim não tem nada de ruim não, só de coisa **boa**, olha... só me lembro vendo esta foto... [...]”. (GF15)

“Que eu me lembre... não tem **nada de ruim**, não... [...]”. (GF15)

“Ah! De ruim não lembra nada, essa foto só lembra tudo de **bom**... [...]”. (GF16)

“De **bom** o casamento dela, de ruim não tem nada... [...]”. (GF16)

“De ruim nada... tudo de **bom**... [...]”. (GF16)

“De **bom** de muito bom... [...]”. (GF17)

“Tubo de **bom**, e na memória também muito, porque eu tava abraçada com ele e pensando no outro que tinha ido também... [...]”. (GF17)

“Olha de ruim, ruim não... porque as coisa de ruim eu deixo pra trás... eu penso mais em coisas **boa**... eu não gosto de me lembrar o que é ruim... [...]”. (GF18)

“Não, de ruim não... de ruim não lembra nada não, só lembra tudo de **bom**...”. (GF18)

“Só me lembra de **bom**, tudo de bom ela me lembra...”. (GF19)

“Só lembra de **bom**, graças a deus, que foi o aniversário...”. (GF19)

“Só lembra de **bom**, viagem muito ótima, boa mesmo... [...]”. (GF19)

“Tava acontecendo tudo de **bom**, porque aqui nunca tive nenhuma diferença com ninguém, nem com as colega... então pra mim tava tudo bem... [...]”. (GF20)

“Tudo de bem... tudo de **bom**...”. (GF20)

“Não de ruim não, não tem nada, só de **bom**...”. (GF21)

“Não, eu me lembro que depois que eu tirei essa fotografia tudo de **bom** me aconteceu...”. (GF21)

“Não, só lembro coisa **boa**, não lembro coisa ruim... [...]”. (GF22)

“[...] só de coisa **boa**”. (GF22)

“Só lembra de **bom**, de quando eu tava passeando, comendo e bebendo no restaurante... [...]”. (GF22)

“Pra mim é uma coisa muito **boa**, professora, porque de ruim eu graças a deus e nossa senhora agente supera todas as coisas... ”. (GM1)

“Tudo de bom mesmo, de ruim nada... tudo de **bom**”. (GM1)

“Pra mim tudo é de **bom**, sabe professora, tudo de bom, esse aí é momento muito importante, como eu já coloquei... [...]”. (GM1)

“De **bom** que eu tava no restaurante... [...]”. (GM2)

“É que pra mim, eu vejo assim... porque eu não tive mãe né... essa mulher pra mim é minha mãe é meu pai é minha mãe é **tudo** né, porque é só eu e ela né... [...]”. (GM3)

“Não, de **ruim** pra mim **não** lembra nada não, porque de ruim agente deixa, esquece né...”. (GM3)

“De **ruim** não... nesse tempo vivemo bem...”. (GM3)

“Só isso mesmo de **bom**... [...]”. (GM4)

“Não só de **bom** mesmo...”. (GM4)

Nesta subcategoria os gerontes afirmaram que as lembranças que tinham em relação as fotografia, incluindo os aspectos das associações, atitudes e crenças, eram boas; muitos além de afirmar, reafirmavam usando a expressão “de ruim não”, o que aponta que mesmo que alguns tenham durante a entrevista revelado algo ruim, no presente momento eles já haviam superado tais questões e procuram se lembrar apenas dos bons momentos. O que demonstra a memória é reconstruída com outras vivências. De acordo com Halbwachs (1925), citado por Bosi (1987, p.17) “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje as experiências do passado”.

4.4.4.2 – Ruim

“Eu lembro um pouco **ruim**, porque eu deveria estar com a carinha mais nova, eu envelheci muito porque eu vivia muito contrariada, me contrariei muito na minha juventude... só tenho a agradecer a minha família... [...]”. (GF5)

“Dexa eu ver... só mesmo da segunda filha também... depois que o pai dela morreu ela fico seis meses no **hospital**... aquela luta da casa pro hospital... depois ela melhora... eu comecei a trabalhar aí ela teve uma recaída, era hepatite né.... depois de três meses, depois saiu, depois passou um ano bem e voltou de novo, foi desenganada dos médicos, mas ta aí resistindo.... ela é magrinha... [...]”. (GF12)

“Essa fotografia me lembra também de uma coisa **muito triste**, porque na época do meu casamento o meu cunhado irmão do meu esposo, tava muito mal, sabe tava tão doente... mas assim mesmo a mulher dele botou uma cadeira na casa dele e no dia do casamento eu passei em frente da casa dele e eu ainda acenei pra ele e poucos meses depois ele faleceu, sabe... é a única tristeza que me faz lembrar desse casamento, foi isso”. (GF15)

“[...] de ruim, ah professora se eu for falar... [...] de **ruim** mesmo que eu passei, eu já lhe disse foi à doença do meu marido, eu me casei muito nova, o meu marido era muito namorado... muito namorado e aí quando eu me casei com o meu marido ele não bebia e depois ele deu pra beber... [...]” (GF18)

“Ah! No tempo que eu entrei aqui eu tava assim muito **depressiva** precisando de estar aqui mesmo... de comunicar com as pessoas, de ter uma comunicação [...] eu só chorava, lembrava do meu marido e tal... dos compromisso... [...]”. (GF20)

As lembranças categorizadas como ruins não foram expressivas com relação à quantidade, mas todas estão vinculadas aos laços da família, aos sentimentos de perdas e sofrimento devido a doenças ou contrariedades sofridas. Houve relatos durante a entrevista de que não gostavam de falar de coisas ruins, mas as expuseram porque são lembranças guardadas e marcadas na memória. Bérgeon (1896) apud Bosi (1987, p. 9), diz que as lembranças estão junto com as percepções atuais, “como a sombra junto ao corpo”.

4.4.4.3 – Bom e Ruim

“De **ruim** só que eu tava longe do meu pai, né... mas de **bom** foi o tempo melhor que eu passei no colégio, da saudade... da muita saudade... [...]”. (GF6)

“De **bom**, porque agente vivia em harmonia em casa, não era assim uma família briguenta não, era assim uma união saudável... de **ruim** era ruim mesmo, agente tinha as coisa assim um vestidinho porque meu irmão que comprava e mandava pra gente.... [...]”. (GF12)

“De ruim não lembra nada, de **ruim** só lembra que acabou muito cedo, durou pouco, essa é a parte ruim, mas durou pouco, mas **deu fruto** né”. (GF14)

“Uma **parte ruim**, outra **parte boa**, boa porque eu tinha ele né, mais muito ruim nesse tempo aí, na época do marido viveu quase me matando né, me judiava muito, me maltrava, com todo problema eu agüentava tudo, sabe... [...]”. (GF17)

“A princípio as mil maravilhas, depois que a gente vai se acostumando... vai vendo as diferenças né... o bom e o mal... [...]”. (GM2)

A dualidade entre sentimentos bons e ruins também revelou estarem entrelaçados aos entes da família, o importante é que mesmo ao aflorar algum tipo de sofrimento, esse sofrimento está vinculado a algo bom e importante na vida do geronte, o que demonstra que a experiência dolorosa já foi superada. Para William Stern (1967) citado por Bosi (1987, p. 28), “a memória poderá ser conservação ou elaboração do passado”, neste caso se houver a conservação apenas o instinto estará atuando no ato de repetição da experiência, mas se houver uma elaboração a inteligência sobressairá.

4.4.5 - Significado na sua vida

Para estabelecer uma reflexão sobre as experiências vividas, seus sentimentos, as atitudes, crenças e as associações perguntamos sobre a significância da imagem da fotografia para a vida do geronte. As subcategorias encontradas foram: felicidade, lembrança, estudo, muita coisa e momento bom.

4.4.5.1 – Felicidade

“Significa um período de **felicidade** [...]”. (GF1)

“Bastante **alegria** porque depois que eu vim pra cá eu melhorei muito... [...]”. (GF5)

“Alegria, só... muita **alegria**...”. (GF5)

“Ela significa muita coisa assim, muita **alegria**, assim me lembrando das coisas tudo, é realizei muita coisa, ajudei meus filhos e tudo, graças a deus estão todos trabalhando empregados né, não sei nem o que falar mai”. (GF7)

“[...] alegria, **felicidade**, união...”. (GF16)

“Alegria, bondade, **felicidade**... a vontade de ficar aqui até o ultimo momento... [...]”. (GF16)

“A minha **felicidade**... por que eu nunca fui tão feliz como no dia que eu recebi a fita do apostolado...”. (GF16)

O significado de felicidade voltado às relações sociais entre familiares, amigos e com a religião; revelado por meio de fotografias, que de acordo com Ferreira citado por Leal (1995, p. 417), “possibilita o mapeamento de um conjunto de representações, expressas no discurso verbal [...]”. Esse significado só poderia ser abstraído quando revelado pela pessoa que está inserida na imagem, pois ainda trás associações a realizações de vida e desejos futuros.

4.4.5.2 – Lembrança

“Uma **lembrança**, uma lembrança da vida boa, das pessoas que eles estavam começando a viver... [...]”. (GF2)

“Uma **recordação**... apesar de eu não ter dito a minha festa de 15 anos mas ela pra mim representa... então é uma recordação minha... [...]”. (GF3)

“Sempre a **lembrança**, né, dos meus irmãos que separo tudo, esse aqui era muito meu amigo, esse que faleceu... [...]”. (GF6)

“Uma **lembrança**... uma coisa muito boa... me lembra que eu era só, não tive irmã nem nada... aí eu me lembro que essa família pra mim todinha é muita felicidade... [...]”. (GF8)

“Uma **recordação** muito boa, de paz de compreensão, de tudo... [...]”. (GF8)

“Significa **lembrança** quando eles eram criança... saia com os três... aniversários, casamentos, para onde me convidavam eu ia com os três... hoje em dia já não posso ir, porque sozinha... “. (GF9)

“Eu guardo pra **recordação**... [...]”. (GF10)

“Uma **lembrança**, né, uma fotografia sempre é uma lembrança”. (GF10)

“Isso significa assim uma **lembrança** da minha juventude... porque agente não tirava foto, nem nada... [...]”. (GF12)

“Só **lembrança**, eu guardo assim só pra lembrança...”. (GF12)

“Essa fotografia significa **lembrança** deu te tirado esse retrato, né... [...]”. (GF13)

“Olha, **lembrança né**... [...]”. (GF17)

“Uma **lembrança** que eu tenho sempre comigo...”. (GF19)

“[...] eu guardo de **lembrança** daquele dia...”. (GF19)

“Significa uma **lembrança**, não sei se um dia eu vou voltar lá... e eu já fui e tenho essa lembrança que eu estive lá nessa época”. (GF19)

“Ela significa que é uma **lembrança** que eu tenho, né... [...]”. (GF20)

“Ela significa que eu guardo não é uma **lembrança** que eu participei... é por isso que eu coleciono todas...”. (GF20)

“Uma **lembrança** muito forte dos meus parente, alias eles já falecerem, até o padre já”. (GF21)

“Significa uma **lembrança**, uma lembrança, uma recordação...”. (GM3)

“Significa uma **lembrança**...”. (GM3)

“**Recordação**”. (GM4)

O valor do lembrar, do recordar na vida do idoso fica evidente. Através das fotografias, surgem revelações dos momentos vivenciados, socializados por meio da linguagem que categorizam a expressão “significa lembrança”; que o ato de olhar as imagens, relembrar é significativo em suas vidas, trás a mente o reviver da experiência, de estar com pessoas que foram marcantes em sua história, e ao reviver ele reorganiza seus sentimentos, seu aprendizado, o seu eu-corporal.

4.4.5.3 – Estudo

“O meu **tempo de colégio**, né... das amigas, que eu só tenho de amiga daquela época, não sei se você se lembra a Isabel Nascimento, ela é daqui também...”. (GF9)

“Significa um tempo muito tempo que foi o de **estudar**, depois de trabalhar... [...]”. (GF9)

“Significa um degrau de **instrução** que a minha pessoa obteve, né...”. (GF15)

A importância da formação educacional na vida dessas gerontes fica evidenciada devido às dificuldades da época para alcançar esse objetivo, a percepção na época de que os estudos poderiam trazer outras oportunidades na vida, e foi através dele que almejaram sua profissão e independência.

4.4.5.4 – Muita Coisa

“Significa **muito** amor, muita emoção, muita alegria, tempo bom, como esse tempo agora, é um tempo muito bom da minha vida. [...]”. (GF1)

“Significa **muito**, de estar aqui no projeto, participando, tendo uma atividade fora da casa, e igual a uma escola, que eu tenho agora, é uma escola, significa muito eu vim para cá, de vim aqui encontrar com vocês, faz bem danado, encontrar com as amigas, colegas, vem abraçar uma, abraçar outra, aquela alegria, esse projeto para mim foi muito bom”. (GF1)

“**Muita coisa**, muita saudade, tristeza, solidão... [...]”. (GF4)

“**Tudo** né... uma saudade, uma lembrança gostosa do tempo da juventude... foi boa a minha juventude... aproveitei direitinho... aproveite”. (GF6)

“Ela significa assim... **muita coisa**, né... muita felicidade porque eu sinto prazer de fazer as coisas de ta junto da minha família ali... [...]”. (GF7)

“Tudo, **muita coisa**, quando eu to muito assim, eu olho para essa foto que esta no quadro... [...]”. (GF11)

“Ave Maria, meu Deus... na minha vida significa **muita coisa**, ele é o meu filho muito querido, nunca me deu trabalho, nunca usou droga, fumou, na tenho nada pra dizer dos meus filhos”. (GF11)

“Significa **toda** a minha vida, eu tenho do meu pai, da minha mãe, eu gosto de olhar, essa fotografia não me traz tristeza, aqui ela tava com saúde, eu também... a minha felicidade”. (GF11)

“Ela significa, sabe... **muito** porque agente já ta nessa idade e ta com saúde ainda... [...]”. (GF12)

“Pra mim significa **tudo**, me lembra o meu irmão... porque ele morreu né... desde que agente nois era criança agente estudava junto, ele me considerava muito, agente era muito unido... agente brincava muito, pra mim ele era tudo... [...]”. (GF13)

“Pra mim significa **grande coisa**, quando eu vejo essas colega, agora eu digo se eu soubesse onde elas morava eu ia... [...]”. (GF13)

“Significa **tudo** que eu tenho de bom que eu tive de bom, que eu ainda tenho de bom essa fotografia me lembra”. (GF14)

“Significa **muita coisa**, olha... porque aqui ta representado o meu esposo que é o pai de todos os meus filhos, os seis filhos que eu tenho... e tem essa pessoa que esta aí porque ele foi um padre meu, padrinho do meu quarto filho... era uma pessoa muito bondosa ele... [...]”. (GF15)

“Essa foto **tudo isso** me traz isso ai de bom e do ruim ai ele foi embora e me deixou e pronto”. (GF17)

“Significa **muita coisa**, muita coisa porque primeiro eu tô com a minha família... com meus filhos do lado... esse aqui é o meu filho caçula... [...]”. (GF18)

“Ah! **Muito**, muito... porque eu tiro, de vez em quando, eu tiro essas foto pra ver... [...]”. (GF18)

“Significa **muita coisa**, alegria, prazer, minha saúde, aqui eu to com saúde, to andando, graças a deus...”. (GF22)

“Significa **muita coisa**... que eu tenho vontade de voltar o que eu era... [...]”. (GF22)

“Como é que eu posso dizer... porque antigamente não é, professora, ninguém podia haver uma fotografia assim, então isso é uma **grande conquista**... [...]”. (GM1)

“Ah, significa **muita coisa** porque num dia que muita gente que vê, as vez ta dentro do álbum, né e aí as agente puxa pra mostra pros amigo... aqui tem uns álbuns com as nossa fotografia, tá entendendo... muita gente se admira das nossa fotografia... porque agente ta sempre todo tempo junto... [...]”. (GM1)

“Significa **muito**... eu sempre digo, eu era magro, né... hoje eu me transformei mesmo, a idade vai chegando e a gente vai mudando... é assim”. (GM2)

“Significa, significa **tudo** pra mim, pessoa que eu amo, né, apesar que ela tem ciúme, né... [...]”. (GM3)

A diversidade de sentimentos que afloraram sobre o significado da imagem fotografada destacou-se nas expressões “muito”, “muita coisa”, ou suas variações como “grande coisa”, “tudo”, e conjeturou sobre a importância da família, de amigos, do tempo da juventude, da saúde, da tristeza e solidão, da saudade, de momentos bons, de estar participando em atividades; são experiências únicas, diferentes, mas que se convergeram na mesma direção. A fotografia foi o desencadeador dessa memória oral, mas para ela alcançar a sua real significância, de acordo com Debray (1985) citado por Leal (1995, p. 437), “[...] não basta que seja vista, ela tem que ser interpretada por um sujeito que compartilhe dos códigos simbólicos carregados pela imagem”.

4.4.5.5 – Momento Bom

“É **uma passagem** da minha vida... [...]”. (GF2)

“Não sei dizer. Eu já falei o significado dela, o que representa assim, é uma fase boa, apesar de um motivo ruim, é uma coisa boa, porque foi um **momento bom** em que estava reunido as quatro gerações”. (GF14)

“Uma **fase boa** onde agente estava sentindo alguns indícios da jovem que foi bonita... e que estava se sentindo mais jovem e mais bonita agora depois dos sessenta”. (GF14)

“Significa que eu passei de **uma fase** que não tinha muita responsabilidade pra outra fase que eu tinha que ter maior responsabilidade, né... [...]”. (GF15)

A conotação dada ao tempo, tendo como significado “momentos” e “fases”, correlacionados aos sentimentos, assinala a perceptibilidade de vida desses gerontes e suas reflexões sobre o passado rememorado.

4.4.6 - O que percebe em você quando vê essa fotografia

Tem como causa identificar as reflexões dos gerontes sobre seus sentimentos passados e os atuais, sobre as diferenças físicas percebidas, sua condição de vida, suas crenças, associações e atitudes. As subcategorias encontradas foram: me vejo bem, alegre, aparência física, diferente e com vontade de voltar.

4.4.6.1 – Me Vejo Bem

“Eu **me vejo bem**, gosto de mim, tenho até hoje ainda essa sainha...”. (GF1)

“Eu **me sinto bem**... [...]”. (GF3)

“Eu **me acho bem**, porque o envelhecimento é isso mesmo, você tem que aceitar do jeito que ele vem a velhice...”. (GF5)

“Eu percebo que eu **to bem**, eu to bem de saúde graças a Deus, eu to bem em tudo, porque graças a deus eu não gosto de ficar triste... [...]”. (GF18)

A aceitação da imagem atual comparada ao do passado reflete que o processo de envelhecimento está sendo aceito de forma natural, desta forma o se “ver bem” ou “se sentir bem” se reflete sobre as adaptações biopsicossociais que o corpo idoso passa. De acordo com Néri; et al. (2000, p. 42), “[...] a velhice satisfatória não é apenas uma qualidade da pessoa, mas o resultado da interação do indivíduo em transformação vivendo numa sociedade também em transformação”.

4.4.6.2 – Alegre

“Percebo que eu era **alegre**, tinha saúde, neste tempo já tinha a minha casa, foi uns dez anos atrás eu estava bem, não tinha dificuldade nenhuma”. (GF1)

“Eu percebo que naquele dia eu estava muito **feliz**, mas tava meia gorda ainda, eu tava nova, estava 62 anos ainda tava nova, quando a gente é nova é tão bom, mas eu não to velha...”. (GF1)

“Essa imagem do passado, essa imagem do passado eu percebo não que eu não seja feliz na minha vida... eu sou feliz ao meu modo de ser... essa imagem do passado ela me lembra que eu era mais **feliz** ainda... porque, porque eu tava com a família completa porque a minha família pra mim é tudo na minha vida... [...]”. (GF3)

“Que quando eu vim pra cá foi os momentos mais **felizes** da minha vida, que se eu tivesse ficado em casa eu não teria tido essa oportunidade, que foi logo que eu entrei aqui, eu não me lembro bem.. mas pra mim foi o primeiro ano... [...]” (GF3)

“Eu percebo aí que eu estou satisfeítíssima no meio delas... pra mim eu to contudo... eu tava **feliz** mesmo, porque eu to no meio delas e elas são uma colega legal... [...]” (GF13)

“**Alegria** né, a diferença de fisionomia, era assim, foi um dia muito feliz, o cabelo já estava começando a ficar branco, e olhe aí o da minha mãe branquinho”. (GF14)

“Ah, eu me reconheço como uma pessoa **feliz**, que batalho, que fui uma moça que fez muito sacrifício, né... [...]”. (GF15)

“Ai meu deus... o que eu percebo em mim... **alegria**, de ta na igreja, ser do apostolado, de ta ao lado do padre... eu não sei lhe explica bem, como é que eu to dizendo pra senhora... que eu não tenho muito saber então... [...]”. (GF16)

“Em mim, não em mim nada só a felicidade de ta em braço com ela... de ela te ficado de braço comigo aí perante o altar... porque a minha **alegria** é essa, é a felicidade, é alegria, é tudo... ainda mais na casa de deus... [...]”. (GF16)

“**Alegre**, feliz junto das minhas amigas... eu queria poder ta com todas aí... mas só tem aí seis, comigo sete... parece conta de mentiroso... mas não é não... [...]”. (GF16)

“Eu tava muito **feliz**...”. (GF20)

“Muita **alegria**, que eu tenho, ter essa imagem nessas condições...”. (GM4)

O sentimento sobre o estado de ânimo “alegre”, “feliz” é percebido pelo geronte correlacionado à saúde, à família, à amigos, à sua aparência física, a participação do PIFPS-U3ªIA-UFAM e à religião. Essa percepção é uma reflexão sobre as memórias evocadas do passado, que neste caso foram de experiências boas, e que ficaram marcadas em sua imagem corporal de forma positiva.

4.4.6.3 – Aparência Física

“Lembro que eu já **fui novinha**, bonitinha... tinha de tudo, e a minha vontade é só chorar, chora não voltar mais aqueles tempos bons, eu tive vida de princesa... [...]”. (GF4)

“Percebo que aqui eu **era nova**, muito simpática... [...]”. (GF4)

“Eu acho que eu já **diminui mais**... [...]” (GF5)

“Poxa, eu me sinto **velha**, às vezes eu fico pensando, mas meu deus como é que eu to velha, mas sempre com aquela energia... [...]”. (GF7)

“Eu me sinto, assim, eu me sinto que eu to também velha, já, **meio velha**, meio velha, né, mas pra que eu estou agora... né... [...]”. (GF7)

“É que a gente **muda** muito, né... muda muito”. (GF9)

“Nessa época eu **era jovem**... faz muitos anos, olhe... mas eu não me arrependo eu gosto da minha idade, toda a vida eu aceitei minha velhice chegando... numa boa... deixa passar eu não posso fazer nada...”. (GF11)

“Que já passou muitos anos, professora... como eu **envelheci** [...]”. (GF11)

“Pensando assim como eu já fui e como eu estou... [...]”. (GF12)

“O que eu percebo, que eu aqui eu era **mais simpática** né, agora eu to com o olho torto, né... [...]”. (GF13)

“Só que eu **engordei** um pouquinho... [...]”. (GF14)

“É que nesse tempo eu ainda era gente... agora eu só to o cadáver, mas assim mesmo eu ainda **era tão magrinha**, é que na foto agente não vê, mas era muito magrinha, só tinha cor e osso também... [...]”. (GF17)

“Olha... eu aqui eu percebo só uma mudança, eu to ficando **mais velha**, eu to ficando mais velha eu já não sou a mesma que eu era pra traz... mas eu me orgulho muito da minha idade... [...]”. (GF18)

“Percebo assim que agente assim que agente tem uma coisa dentro do passado agente lembra que naquele tempo agente **tinha uma feição** e hoje **agora agente é outra**, né... isso tudo é... [...]”. (GF19)

“O quê que eu percebo? Eu tava **mais nova**, né... mais nova e agora eu já me acho mais caída...”. (GF20)

“Ah! **Mais nova**, mais nova, né, bonita não, mas mais nova... eu me sinto mais nova... [...]”. (GF20)

“Eu era **mais nova**, eu era mais competente pra fazer alguma coisa mais do que de hoje... [...]”. (GF21)

“Percebo que eu já fui mais nova e agora eu to mais velha... [...]”. (GF22)

“Ah! Ta... Agora nessa época eu tava **mais novo**, eu percebo e agora eu to **mais velho**... é isso que eu percebo... [...]”. (GM1)

“No passado, como eu disse ainda agorinha naquela, naquele tempo eu tava mais novo e agora eu to mais velho, né... é isso que eu vejo... [...]”. (GM1)

“É assim a **transformação**... puxa vida como é que pode... [...]”. (GM2)

“Hoje? Eu to percebendo que eu **não to mais com aquele talento** que eu tinha, ta diferente, vai mudando o nosso modo de ser... eu quero dizer... não é quando a gente é mais novo que é outra coisa... [...]”. (GM4)

“Há acho que a gente para falar a verdade a gente acha que **não esta com aquele físico**, eu sacava por baixo, mas não era bem, melhor por cima, meu saque era forte uma vez eu fiz trezes pontos... A gente vai decaindo, não tem conversa como agente vai decaindo, nesse tempo eu tava bem”. (GM4)

As percepções em relação á unidade corpo apontaram para as mudanças tanto no aspecto da aparência física, quanto da capacidade física. A conscientização da mudança, ou mesmo da “transformação” como eles colocaram é uma realidade para o geronte. Essas percepções vão ser incorporadas às imagens formadas pela mente, à imagem corporal; pois de acordo com Tavares (2003, p. 79), esse processo ajuda a “[...] reconhecer o corpo como ele é realmente [...]”.

4.4.6.4 – Diferente

“Olha, ela é completamente **diferente**... hoje eu me sinto já outra pessoa... não sei se é da convivência aqui do projeto... porque, sabe quando eu me casei, agente tinha que ter duas personalidade, o que eu acho errado, né... (...)”. (GF6)

“O que eu percebo, a **diferença** de agora a idade vai pesando... a gente se lembra com saudade... o meu deus como eu era antes e como eu estou agora... (...)”. (GF6)

“Ah, **diferente** né, a vida era completamente diferente... aqui eu era uma meninazinha... eu só queria era brincar né, estuda, porque eu era muito estudiosa, muito estudiosa eu era... (...)”. (GF6)

“Eu, aí meu deus, mas como eu to **diferente**, eu já não sinto a mesma alegria não sei se é a doença... mais de vez em quando aquilo passa eu digo não vou mais passar... eu já fui muito feliz...”. (GF8)

“Não tenho idéia não... eu acho que eu estou tão **diferente**...”. (GF9)

Se “sentir diferente”, ou “estar diferente”; essa percepção não está vinculada apenas á aparência física, mas pode ser conotada às experiências de vida acumuladas durante tantos anos de existência que resultaram em aprendizados e em seus comportamentos. Para Tavares (2003, p. 20), “[...] a imagem corporal reflete a história de uma vida, o percurso de um corpo, cujas percepções integram sua unidade e marcam sua existência no mundo a cada instante”. Ao

perceberem-se diferentes, revelam também associação ao modo de ser ainda na juventude, imposto por outras pessoas e acreditam que essa mudança de comportamento possa ter sido influenciada pela participação no programa de envelhecimento (PIFPS-U3^aIA).

4.4.6.5 – Vontade De Voltar

“Eu percebo que os anos se passaram, né... atrás eu **não posso voltar**, né... só me lembro de coisas boas dessa foto... alegria... pra você vê que eu guardei essas fotos”. (GF5)

“Uma **vontade de** que **voltasse** todinho”. (GF14)

“Percebo que eu tenho saudade de **voltar novamente** a fazer a mesma excursão que eu fiz naquele dia... [...]”. (GF19)

“Eu percebo que eu queria **voltar** o que eu era... mais saudável, de estar lá na Suíça, de estar com minha família lá”. (GF22)

O sentimento percebido de querer reviver o passado, mesmo sabendo não ser mais possível, revela o grau da importância e satisfação da experiência vivenciada.

4.5 – Levantamento das atitudes, crenças e associações

Durante o curso das entrevistas, à medida que os idosos iam adquirindo confiança na entrevistadora, os elementos atitudes, crenças e associações foram sendo revelados, entre as categorias da entrevista e não seguiram uma ordem específica, pois de acordo com o resgate desses momentos vividos, buscados pela memória através da motivação das fotografias, foram sendo adicionados entre as linhas da linguagem falada. Sendo assim os destaques dos quadros abaixo não fizeram parte das subcategorias como parte da análise de conteúdo, mas se faz relevante a sua exposição, pois estão inseridos na memória, no modo de pensar e viver perfazendo a imagem corporal dos idosos. Abaixo será apresentado o Quadro 2, contendo os elementos atitudes e crenças e no Quadro 3, o elemento associações. A seguir serão destacadas

algumas falas contendo esses elementos, na mesma ordem de apresentação do quadro e organização alfanumérica explicada anteriormente, além de comentários por parte da pesquisadora. Durante a leitura das falas, poderá ser verificado o aspecto da memória dos idosos; a riqueza dos detalhes, as construções de linguagem simples, expressivas e sinceras, que apontam para um envelhecimento cognitivo saudável.

Atitudes	Crenças
<ul style="list-style-type: none"> ▪ competir para ganhar ▪ ir ao estúdio ▪ ir para o PIFPS ▪ aproveitar a juventude ▪ não colocar em colégio interno ▪ gostar de se arrumar ▪ mudança de vida ▪ mudança de pensamento ▪ sair do interior 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ ser outra pessoa ▪ desvalorização dos idosos ▪ oportunidade aprendizado ▪ não morrer junto com ente ▪ sobre religião ▪ está melhor agora ▪ sobre timidez ▪ medo de pessoas mortas ▪ envelhecimento ▪ sobre casamento

Quadro 2 – Apresentação dos elementos atitudes e crenças reveladas nas entrevistas pelos idosos.

Associações	
<ul style="list-style-type: none"> ▪ estado de saúde ▪ o pior tempo vivido ▪ estar novo e estar velho ▪ relacionamento com os filhos ▪ aparência física ▪ família ▪ não ter retrato mais jovem 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ rigidez colégio ▪ não conclui os estudos devido ao casamento ▪ saída dos filhos de casa ▪ nunca pensou em chegar onde chegou ▪ escola pública e escola privada ▪ ida do marido e o término do sofrimento ▪ dificuldades financeiras

Quadro 3 - Apresentação do elemento associações reveladas nas entrevistas pelos idosos.

4.5.1 - Atitudes

“[...] nos mesmo **temos que se virar** para ganhar nossa medalha de ouro”. (GF1)

Essa atitude revela o desejo de continuar participando, da melhor maneira possível, para ganhar uma “medalha”, que no caso representa uma valorização da sua pessoa.

“[...] a minha filha trouxe um papel pra mim assiná que eu pagava menos pra mim ir lá numa foto, não to lembrada.. num estúdio que faz revelação de foto... **aí eu fui** lá naquele dia e conversei com a mulher e ela marcou pra mim ir lá, aí eu fui, e fiquei só assim de saia, de sutiã.... aí eu butava uma blusa, butava um pano, penteava meu cabelo de um lado, penteava de outro [...]”. (GF3)

A atitude de ir ao estúdio para tirar uma foto produzida, romper com medo e preconceito, é a realização de um desejo de ser ver diferente, de ver a imagem de uma pessoa que ela gostaria de ser, que foi revelada durante a entrevista.

“[...] me aposentei em 93... e depois a Lourdinha que eu me dava com ela no colégio, ela era funcionária, secretária lá... ela disse você não quer ir pra UFAM... lá é tão bom... **eu disse eu quero**, aí ela me trouxe”. (GF5)

“[...] aí depois quando ele se aposentou agente ficou assim mais liberal, liberto pra sai... aí agente passeava e **viemo aqui pro projeto**, né... [...]”. (GF8)

A atitude de iniciar em um programa de envelhecimento, iniciando novos planos e objetivos de vida, fazer novas amizades, vivenciar atividades físicas que, em alguns casos, nunca haviam sido experimentadas.

“[...] eu era levada, mas eu levava o estudo a serio... eu nunca perdi o ano... nunca fiquei de segunda época... eu sempre passei de ano direitinho... **eu aproveitei**... [...]”. (GF6)

A atitude de aproveitar a vida em idade escolar de forma saudável, fazendo as peraltices da infância, que surtiram histórias para serem contadas.

“[...] Por isso que eu dizia que eu **nunca ia bota** meus filho interno, nunca eu ia me separa deles”. (GF6)

A atitude que ela tomou de não colocar os filhos em colégio interno foi devido à sua experiência na infância, na qual sentiu muita falta da vivência com seus pais.

“[...] pô! Tem mulher ai com 75 anos quem, né, nem parece, bem velha se joga na avenida, eu não me joga não, **gosto de me preparar**, a professora Nazaré gosta de me chamar de bonitona, eu gosto de me preparar, de me arrumar, eu sou muito vaidosa, sou vaidosa demais [...]”. (GF7)

A atitude de se cuidar, se arrumar, é destacada por essa geronte, pois ela gosta de estar bem na sua aparência física.

“[...] e aí foi uma **mudança muito grande na minha vida**, pois já dormia cedo comecei a dormir tarde, nessa época eu estava com 63 quilos, eu perdi três quilos, por dormir mais tarde, onze horas meia noite era a hora que a gente chegava do colégio, mas aquilo era uma satisfação, pois depois que eu comecei a estudar o técnico eu me empregue também, porque já estava no ramo, e foi uma felicidade muito grande, eu conseguir bolsa de estudo pelo fundo nacional, passei dois anos com bolsa de estudo... no final do ano a gente ainda teve uma ajuda para a formatura, naquele tempo as coisas eram diferente de hoje, né..”. (GF9).

“[...] eu dava aula na minha casa pra primeira, segunda, terceira e quarta série dentro de casa **pra mim ter o meu dinheiro**, pra mim pagar a minha passagem, pra mim comprar a minha meia o meu sapato... pra não depender muito do meu pai... porque eu via que ele tinha muitos filhos, nos éramos onze filho, né.. e era só o meu pai trabalhando, e minhas irmão que naquela época era muito difícil emprego pra mulher, né... tudo isso e é isso que me recorda...”. (GF15)

A atitude de voltar a estudar provocou uma mudança de vida significativa na vida da GF9, o que lhe permitiu iniciar na vida profissional o que era difícil para a época. Também foi o caso da GF15, que se dedicou aos estudos e iniciou ministrando aula para sua independência financeira. Ambas, foram mulheres modernas para a época e que romperam barreiras para alcançar seus objetivos.

“[...] então eu tenho fotos das coisas de quando eu era mais nova que agora **eu não faço mais**, eu não bebo, não fumo, eu não sou nada mais, né... quer dizer não sou nada não... porque eu sô alguma coisa pro senhor, né...”. (GF10)

“[...] eu não pensava em mais nada, né... só pensava em me diverti... hoje **eu já tenho uma cabeça já mais...** como assim eu me divertia não de fazer besteira, né por aí... porque a vida interia eu fui reservada sobre isso... eu andava e passeava com minhas colegas tudo mais longe de homem... porque a barra com meu marido foi pesada... eu quero distancia de homem... eu nunca quis”. (GF10)

“[...] tudo a gente tem que enfrentar com realidade, já que foi assim, o negocio é não abaixar a cabeça, **levantar a cabeça...** [...]”. (GF10)

“(...) eu ainda tava assim naquele problema na minha cabeça... eu não tinha, eu pensava tanto... a minha filha fazia questão que eu voltasse com meu marido... mas **eu tenho opinião...** não tem porque... porque se você me fizé uma coisa e eu dissé que eu não lhe quero mais pra nada... eu não lhe mau trato, eu não desejo mal pra você, mas não quero nem sabe... [...]”. (GF21)

A atitude de mudar o comportamento ou pensamento resultou em mudança de vida para a GF10, isso foi devido à separação do marido, o que havia lhe causado muito sofrimento. Para a GF21, o fator motivador também foi a separação do marido, mas neste caso ela manteve o pensamento e não reatou a união. Nos dois casos as separações ocorrerem por vontade do marido.

“[...] a **primeira vez que eu pisei em Manaus...** o maior sonho meu era conhece... porque eu vivia lá no meio das mata... porque eu nasci em cruzeiro do sul e me criei no Alto Tejo... ali passava uma pessoa hoje outra amanhã... quando eu via passá bem grande um avião... Não tinha nada,só um radinho... mas a minha família era tudo reunida, meus pais, meus seis irmão, e tia e tudo fica tudo em casa... aí conclusão quando o meu irmão foi corta no seringal... quando ele resolveu deixa lá o seringal o meu irmão veio trabalha com ele e fico por aqui e depois mando me busca... [...]”. (GF13)

“[...] mas **quando eu vim** de Coari pra Manaus, professora, nois viemos empregado na repartição mais nois não conhecia ninguém... [...] então nós viemos na coragem, sabe empregado, aluguei uma casa, e trouxe eles todinho... aí nós almoçava, professora aquelas latas de sardinha, a minha mulher fazia com arroz e nois jantava com torrada, isso era a janta... quando eu vinha e quando eu não vinha a cantiga era a mesma... nois não conhecia ninguém né... a depois o negócio foi miorando mais... foi miorando e a minha filha começou a estudar... então aí o negócio foi se ajeitando... [...]”. (GM1)

A atitude de sair da cidade do interior e vir para a capital ficou marcada na experiência de vida desses dois gerontes (GF13 e GM1), pois as dificuldades encontradas devido a distancia, o pouco conhecimento, eram grandes, mas que foram vencidas com trabalho e dedicação.

4.5.2 - Crenças

“[...] , mas essa foto aqui ela mostra assim o meu outro lado... assim como diga... que **eu queria ser uma outra pessoa e não consegui...** pouco de estudo que eu tive, não consegui fazer uma faculdade e o meu desejo era fazer uma faculdade pra eu ser enfermeira, mas eu não consegui...”. (GF3)

“[...] porque tem muita gente as vez, né professora... que as vez **mostra uma coisa e é outra...** nos não, nos mostramos o que nos somos, né...é o que nos somo... [...]”. (GM1)

Através da fotografia, a GF3, revela a crença de querer ser outra pessoa, um desejo frustrado, mas que está contido na imagem da foto e em sua mente. Já o GM1, eternaliza a falsidade no comportamento humano, para ele as pessoas deveriam agir e falar da mesma forma.

“[...] significa que hoje nos somos **desvalorizados os idosos**, não tem dúvida onde agente chega nos somos desvalorizado.... não há preconceito!.... há sim... e muito... muito preconceito.... tanto de raça, de cor quanto como das pessoas idosas, então essa fotografia significa pra mim que um dia eu também fui jovem, como eles são que não me valoriza... [...]”. (GF3)

A geronte acredita que é desvalorizada pela sociedade devido a sua condição de “idosa”, e reforça mostrando através da fotografia que uma dia ela também foi jovem.

“[...] eu digo assim que você veio e você volta e Deus te dá uma oportunidade pra gente saber tudo que vai acontecer aquela coisa tudinho... então isso ele ta me dando essa oportunidade então eu to pedindo, toda vez eu to pedindo, uma **oportunidade pra mim me conhecer** mais... [...]”. (GF3)

“[...] eu não participava dessas atividades, né, quando eu era pequeno eu não tive oportunidade de brincadeira nenhuma... aí to aqui porque veio a **oportunidade...** [...]”. (GM3)

Acreditar em novas oportunidades, para o GM3 ele acredita que não teve essa chance na juventude e hoje quer experimentar novas experiências; para a GF3 é a oportunidade de se melhor interiormente que a move.

“[...] tenho uma recordação boa, assim um pouco triste por que eu não tenho mais ele, mas eu vou vivendo, porque **a gente não vai morrer junto né...** [...]”. (GF4)

Essa geronte têm em seu eu-corporal uma marca profunda de dor pelo falecimento do marido, pela vida que ela tinha com ele, revelando durante a entrevista, sentimentos de tristeza e saudade; e crê que deve continuar vivendo, mas esse viver é um viver só, vazio, sem alegria.

“[...] também comecei a **freqüentar o centro de umbanda** da Dona Terezinha Tribuzio... Você gostava de freqüentar lá (entrevistadora)? Gostava, eu pegava a linha dos meninos, Cosme e Damião, corria que só a danada, pedia bombom que só, levava bombom, cocada... comprava bolo pronto pra leva... festejava meu aniversário na Terezinha Tribuzio... Quanto tempo você freqüentou (entrevistadora)? 30 anos... e o Jesus aqui diz o que tu ganhou fulana? Nada vezes nada, só ganhei trabalho, trabalhei muito em conga e em limpeza de conga...”. (GF5)

“[...] e aqui nos tamos dentro de uma coisa assim porque nos não somos de outra religião nós **somos católicos**, nois nascemos nessa, ficamos nessa e pretendemos ir até o fim né... da nossa vida, todo mundo é católico e participam da igreja, todos ele, né”. (GM1)

As crenças quanto à religiosidade também foram reveladas, a GF5 depois de anos freqüentando o centro de umbanda se tornou católica. E o GM1, faz questão de afirmar e reafirmar sua opção religiosa, assim como o da sua família.

“[...] **agora eu me sinto muito melhor** do que nessa época, apesar de ser jovem, na minha mocidade, eu passei por todas as etapas da minha vida, criança, infância, juventude... mas graças a deus, agora eu acho muito melhor... [...]”. (GF6)

“[...] eu era nova mais sofria muito, e hoje eu estou velha mais **minha vida é dez vez melhor** do que aqui”. (GF17)

Acreditar que a vida é melhor na condição de pessoa idosa, do que na condição de pessoa jovem, revela que, os ajustamentos às adaptações durante o processo do envelhecimento foram efetivos.

“[...] sempre fui muita quieta, **muito tímida**, quando nós fomos tirar retrato pro quadro, a irmã diretora que era diretora do ensino, não era do colégio, disse vê se vocês fazem ela rir porque ela estar muito séria para tirar retrato... [...]”. (GF9)

“[...] eu nunca fui uma pessoa assim divertida... eu sempre fui uma **pessoa caladona**... sei lá eu sei tratar bem as pessoas... eu sei que as pessoas que gostam assim do meu jeito assim... mas eu tinha vontade de ser assim bem serelepe... mas eu não consigo assim”. (GF12)

As GF9 e GF12, acreditam ter um comportamento tímido e gostariam de ser mais extrovertidas.

“[...] eu fiquei na mesma casa onde nos moramos, quando os filhos ainda eram pequenos, eu não tenho um pingão de medo, por que antigamente **eu tinha medo quando as pessoas morriam**, sabe... mas dele não, nunca vi, nunca sonhei... [...]”. (GF11)

Crenças aprendidas que motivaram na GF11 ter medo de pessoas mortas, foram revistas após a morte do marido.

“[...] , mas eu estou **envelhecendo em paz**”. (GF11)

“[...] eu sempre pedi a Deus que **eu não queria passar dos cinquenta anos**, que ele me tirasse... porque eu via tanto sofrimento, tanta coisa tinha uma senhora, uma vizinha, ela era cearense... ela passava devagarinho... ela dizia vem cá minha filha vem coça a minha costa... aí eu tinha raiva... a minha mãe dizia se você tem raiva porque vai... eu dizia mamãe mas eu não judeio dela não... eu coço mas eu fico assim porque Deus não devia deixar a gente fica sofrendo tanto assim, ele devia tira agente, quando eu tive cinquenta anos eu quero que ele me tire que eu não quero fica dando trabalho pra ninguém... [...] hoje com 75 anos é berando os 76... não sei se chego lá [...]”. (GF12)

As crenças com relação ao envelhecimento, a aceitação do processo para a GF11 é uma realidade, mas para a GF12 é um processo de reconstrução, pois na infância acreditava que envelhecer era ruim, e não queria passar dos cinquenta anos, hoje com 75 anos não sonhava em chegar nessa idade.

“[...] mas toda mãe, todo pai, quer ver, **deseja ver seus filhos casado**, né... e bem casados... [...]”. (GF16)

“[...] as vez eu via uma pessoa separada do marido e tudo, mas eu nunca que eu entendia como é que é..e eu achava que nunca, nunca, nunca ia chega pra mim....porque **eu não me separava dele não**... [...]”. (GF21)

“[...] você sabe que o marido que não se incomoda comigo, que eu fosse pra onde eu viesse... só que eu não ia... não ia mesmo de jeito nenhum porque **não gostava de deixar ele...** [...]”. (GF21)

“[...] como é que eu ia viver com o marido se ele não tinha mais..., se ele já tinha ido embora... Quando ele foi embora a senhora também queria a separação (entrevistadora)? Não, não só ele... foi só ele que quis eu não queria... [...] é ruim agente construí um lar e depois ver destruído, então foi isso né... a minha **família destruída...** [...]”. (GF10)

“[...] o marido com a licença da palavra, só sabia fazer né, e aí si mandava de casa, naquele tempo agente **tinha que obedecer o marido,** né.

“[...] só essa filha que **não deu certo o casamento...** mas agora ela ta... mas essa aqui é casada tem dois filhos, esse aqui é casado e tem dois filhos que são homens e essa aqui tem um casal... eu só tenho uma neta e o resto tudo é homem”. (GM1)

“[...] Você é casada (idoso)? Eu sou casada (entrevistadora). Você sabe como é que pra gente **viver com uma pessoa** assim tem que aceitar, porque são duas pessoas diferente... eu tenho um jeito ela é de outro e não tem ninguém igual aí, mas eu... quando ela ta violenta, brava... eu fico calado, né... [...]”. (GM3)

As crenças sobre o casamento se voltam para a sua valorização para a manutenção da família, o desejo em ver os filhos casados também é evidenciado. A dedicação da esposa ao marido, a surpresa pela separação solicitada pelo marido e a ligação da destruição da família pelo afastamento do casal.

4.5.3 – Associações

“[...] **tinha saúde... não tinha doença,** não tinha pressão alta, bem que desde os 30 anos eu tenho pressão alta... [...]”. (GF1)

“[...] eu estava satisfeita, os meus filhos eram **todos sadios, não tinha doença,** não tinha nada, eu só concordei, porque tudo tinha saúde.” (GF4)

“Que eu não sô aquela mesma... **vivo doente...** não podendo fazer o que agente queria... [...] e aí apareceu a doença, né essa tal de diabete”. (GF8)

“[...] To melhor mais não é muito não, **eu não vivo muito bem não,** é porque eu venho faço as coisa que é pra ver se eu amioro mesmo, eu não quero entregar os ponto oia eu fico dançando mas faço tudo, no dia da abertura aqui eu tava no pronto socorro, no 28, quando foi segunda que eu pra mim vim aqui que começo as aulas eu tava no pronto socorro, no 28 de novo. [...]”. (GF17)

Associações ao estado de saúde; a GF1 e a GF4 evidenciaram a saúde e a ausência de doença, que para a primeira está correlacionado à pressão arterial elevada e para a segunda o problema de deficiência mental, congênito por parte de pai, apresentado em dois filhos ao se tornarem adolescentes. Para a GF8 e a GF17 a doença está vinculada a privação das atividades da vida diárias das mesmas.

“[...] O tempo **pior da minha vida foi quando eu era criança**, quando meu pai ficou cego, aí eu sofri, estudava no colégio nossa senhora de Nazaré, esse período foi meio ruim, meu pai veio para Manaus, nos ficamos lá eu era a mais velha, a minha prima ficou conosco, que a minha mãe veio acompanhando meu pai, porque naquele tempo era devagar, não tinha emprego [...]”. (GF1)

O sofrimento associado ao tempo de juventude foi revelado pela GF1 devido à doença do pai que fez com que a família se separasse.

“[...] quando a gente **é nova é tão bom**, mas eu não to velha”. (GF1)

“[...] daqui uns tempo não vô mais poder fazer também estas festas devido a minha **idade que tá alcançando**, né”. (GF7)

“[...] é que aí eu tô **novo e agora eu to velho**... o que eu quero dizer é isso... tem muita diferença... quando ta novo e quando ta velho... [...]”. (GM4)

As associações feitas entre estar novo e estar velho, essa dicotomia percebida, mas que não é caracterizada pela inutilidade, apenas por diferenças.

“[...] eu **convidei meus filhos, meus netos** pra esta festa, tem minha nora no meio... e pra que eles participassem pra ver como era, não é... como eu me achava aqui... com minhas colegas também, né... eles senti o meio que eu tava vivendo... [...]”. (GF18)

“[...] porque hoje em dia, professora, é muito difícil você encontrar um casamento, uma família assim, nois todos somos unidos assim como, desde de que eles eram criança comigo, nos conversamos, sentamos e vamos conversar, **eu converso com meus filhos**, são quatro mulher e dois homens..são seis filhos... [...]”. (GM1)

“[...] eu fico pensando assim... porque minha filha é totalmente diferente, foi muito desobediente, muito teimosa, me deu muito problema, uma briga danada... foi embora e tá pra lá... ela mora no Rio de Janeiro a mais de trinta anos... **ela não foi uma filha que me acalentasse**, não... ela só foi de fazer muita briga... eu digo assim pra onde ele ia ele telefonava... onde ele estava ele pegava um pedacinho de papel ele me escrevia, não tinha correio, era aquele posta restante... ele dizia mamãe aqui é tudo muito bom, mas a senhora não está então é muito ruim... [...]”. (GF2)

As associações sobre o relacionamento com filhos e netos se caracterizaram pela importância da família, sendo que, para a GF18 e para o GM1 esse relacionamento é positivo e que promove união e cumplicidade. Para a GF2, esse relacionamento com a filha é problemático e gera insatisfação e tristeza.

“[...] eu ainda **era magra**... essa roupa foi eu que fiz, eu ainda era magra, é”. (GF2)

“[...] pois é era muito bom, eu **não era gorda**... a cintura fininha”. (GF6)

As associações sobre a aparência física, revelaram a conscientização da mudança da imagem corporal, enquanto jovens mais magras e agora com o passar da idade o ganho de quilos extras.

“[...] eu tenho muita preocupação, agente não deixa de ter preocupação com a **família** da gente... com filhos com netos, tudo... [...]”. (GF20)

“[...] mas isso aí é uma coisa muito importante na minha vida, né... **ta junto com meus filho é o maior prazer da minha vida**... quando eles vão lá pra casa, assim... no dia de domingo, feriado, dia santo...que eles não trabalham... eles vão lá pra casa, né... [...]”. (GM1)

Associações sobre a família, a preocupação e o prazer do convívio para o geronte.

“[...] muito importante porque eu nunca pude tirar retrato, né, **com minha família eu nunca tirei retrato**... (...)”. (GF5)

“[...] porque antigamente não é, professora, ninguém podia haver uma fotografia assim, então isso é uma grande conquista... [...] porque naquela época que nois casemo **eu não tenho nenhum foto do dia do meu casamento**... [...]”. (GM1)

A associação da fotografia observada com outras que não foram tiradas mas que teriam grande importância em suas vidas.

“[...] até o tempo que agente estudava o único professor homem, era o professor Agenor Ferreira Lima, porque já faleceu...ele era professor de latim... mas **ele não ficava só com agente** não, a freira ficava sentada lá na sala... hoje em dia ta tudo misturado... [...]”. (GF6)

“[...] naquele tempo era **tudo censurado**... tudo elas achavam feio... se você ia pra um banho, às vezes elas faziam banho pra gente í tinha que tomar banho de camisolão... não podia mostrar o corpo (entrevistadora)? Não... no colégio, eu que não tomava, a minha roupa fedia, eu jogava no chão, o banheiro era individual, né... elas ficavam lá fora e de vez em quando elas batiam na porta... agente corria e vestia aquele camisolão, agente não podia tomar banho sem roupa... Uma não podia mostrar o corpo pra outra (entrevistadora)? Não, não podia... era muito rigoroso...olha, era demais, agente usava aquela meia preta, no dia a dia era meia comum mesmo.... manga comprida....era tudo coberto.... era assim a nossa farda... [...]”. (GF6)

A censura ao corpo e ao gênero oposto é revelada pela GF6 durante o tempo em que ficou interna no colégio de freiras.

“[...] eu vivia pra estudar, eu **não tenho curso superior porque me casei**... naquele tempo se casava e não se ia mais estuda, me casei muito nova, com dezessete anos de idade e larguei meus estudos no quinto ano... [...]”. (GF7)

A desistência nos estudos foi associada ao casamento, uma justificativa apresentada que aparentemente transpareceu um sentimento de contrariedade.

“[...] porque casaram e **foram embora** todos [...]”. (GF8)

“[...] **hoje ainda eu sinto muita falta**, apesar deles me dar assistência, mas eu não tenho mais aquela companhia que eu tinha, deles três... [...] quando eles eram criança, saia com os três... aniversários, casamentos, para onde me convidavam eu ia com os três... hoje em dia já não posso ir, porque sozinha...”. (GF9)

“[...] porque às vezes eu adoço e não tem ninguém nem pra me da um copo d’agua, me faça um chá, vá compra um pão... porque **eu não tem ninguém** perto de mim, é difícil... [...]”. (GF10)

“[...] ele era solteiro morava comigo, e agora ele é casado e está mais velho já e mora longe de mim... mora longe da minha casa... eu fico sempre emocionada, fico triste de sabe que **ele ta longe** tudo... a vida é assim né..

“[...] e agora **tudo saíram** eu só to com uma filha...”. (GF22)

“[...] eu tinha uma parenta que fazia calça de roupa de homem, né... então ela me dava os moldes... então eu cortava e fazia, nas horas vagas... eu tinha tempo pra tudo... ainda hoje eu tenho... mas hoje sabe o que quê tem a **casa é muito vazia** então eu não tenho paciência... naquele tempo eu chegava do hospital, descansava, eles eram pequenos, cobrava as tarefas de casa, eles que tinham que fazer a arrumação de casa, e ainda tinha tempo de ir pra máquina... e naquele tempo a máquina ainda era de pedal... e hoje a máquina é elétrica e hoje eu não tenho muita paciência... [...] eu digo mesmo assim a velhice a solidão é o que tira a paciência da gente... que dá o estresse, que dá a depressão eu não quero saber disso nem nada... [...] então eu digo assim de você não tá acompanhada, de não ter aquela coisa, é o vazio mesmo... porque todo o tempo eu tava com ele... e os colegas diziam que ele chamava muito mamãe 24 horas... no rádio, na televisão... como eu vou te dizer é aquele vazio... e não tem mais mamãe pra aperriá... fulano vem almoça em casa... então eu ia fazer aquele serviço... então não tem mais aquela coisa... então todas essas coisas dão um vazio... [...]”. (GF3)

A saída dos filhos de casa foi uma associação bastante revelada durante as entrevistas, pois esse ajustamento social, apesar deles terem consciência de que seus filhos estão adultos e têm os seus afazeres; afloram sentimentos que se traduzem em solidão e saudade. Para a GF3, além da solidão e da saudade, a ausência do filho que morreu prematuramente ainda não foi aceita, e a não aceitação é transportada para o vazio da casa e pela falta de paciência em realizar os trabalhos que fazia antes.

“[...] pra mostra, ao pessoal, não pra me ixibe daquilo, não, não, não é por aí pra mostra para o pessoal **da onde nós viemos pra chega a este ponto...** tá entendendo... como eu acabei de le fala aquela hora porque nos jantava até pão torrado... pra pode ir dormi...com esses filho.....eu fico até emocionado... [...]”. (GM1)

“[...] antigamente eu só ficava no meio da mata... [...] **nunca que eu pensei...** as vezes eu tava no interior e passava um avião e eu pensava quando é que eu vou andar num desse... e graças a deus, foi uma boa viagem [...]”. (GF13)

A conquista, depois de uma vida de trabalho, observada através de uma imagem. Foi isso que foi revelado pela GF13 e pelo GM1, pois não acreditavam que um dia pudessem chegar até onde chegaram em suas vidas.

“[...] e eu não estudei em escola pública não... isso aqui era uma escola bem tradicional, não sei nem se ela ainda existe em Belém, porque ela ficava bem no centro da cidade na rua Manoel Barata... e eu estudei e era uma escola particular... mas de muito renome... antiga... [...]”. (GF15)

“[...] todos eles formados, bem encaminhados só o que não é muito bem porque não quis estudar é o meu filho mais velho... mas os outros todos eles... e não foi com aula particular, viu professora, foi com aula do governo... só estudo **no colégio do governo**... [...]”. (GM1)

Evidenciar a origem dos estudos, público ou particular; foi importante para a GF15 para diferenciar a sua graduação, já para o GM1 o orgulho em dizer que a conquista dos filhos se deu pela dedicação deles próprios em se empenhar nos estudos, pois ele não tinha condições de pagar uma escola particular.

“[...] ai ele **foi embora** e me deixou e pronto”. (GF17)

O término do sofrimento durante os anos de casamento após o marido ir embora, e abandonado-a com os filhos ainda pequenos.

“[...] **um sofrimento muito grande** porque não era dize que meu pai não trabalhava, malandro não, meu pai trabalhava demais, plantava de tudo que tinha, plantava, mais não tinha pra quem vende... tirava as coisa, aquelas verdura tudinha, passava aqueles comprado lá, aí eles comprava umas coisinha e deixava as outra tudinha... então foi muito ruim... com sete irmãos... agora três estava pra Manaus, o papai tinha mandado pra aprender algum ofício, um era marceneiro, um carpinteiro e o outro mecânico , então era muito ruim, muito difícil mesmo as coisa”. (GF12)

“[...] como eu sempre digo pros meu filho essa dor só vai ter fim quando eu morrer... porque **eu não tinha condições**, professora, de dar o que meus filhos precisava... quando chegava em dezembro, né.. eu não ia lá na cidade, lá em baixo com eles... porque, porque em dezembro tem muito brinquedo, tem isso, tem aquilo e eu não podia compra, não tinha com que eu compra... E aí eles ficavam olhando (entrevistadora)? É ficavam olhando e aquilo me dava muita emoção e eu não tinha com que compra...então isso eu digo pro meus filho... papai esquece isso... não esqueço não... só quando eu morre... porque vocês quando foram pequeno nunca brincaram com brinquedo, sabe... porque eu não tinha capacidade de compra... eu não vou menti, não eu falo o que é verdade... o que eu passei na minha vida com esta mulher, né... nos passemos muita dificuldade... [...]”. (GM1)

Associações à dificuldade financeira foram reveladas pela GF12, mesmo reconhecendo o esforço do pai que trabalhava, mas a atividade do labor não o ajudava. Para o GM1, depois da

vinda do interior para a capital, ele revela a mágoa que tem por não ter tido condições de comprar brinquedos para os filhos enquanto eram pequenos.

As falas dos gerontes expostas acima retratam as atitudes e crenças que só podem ser compreendidas identificando o contexto sociogeográfico e cultural em que estão inseridos. Dessa forma os relatos acima são fontes de conhecimento para que essas informações sejam identificadas, pois se tratam de representações cognitivas aprendidas através das relações sociais, de uma faixa etária que contém vastas experiências vivenciadas. O que pode ser corroborado pelas palavras de Silva (1999, p. 16), que diz: “[...] crenças e atitudes baseiam-se em quatro atividades: pensar, sentir, comportar-se e interagir com os outros [...]”.

As associações estão correlacionadas às percepções, e estas são registradas em nossa mente dependendo da importância sentimental, ou outros interesses. Dessa forma as associações estão intimamente ligadas aos outros dois elementos de atitudes e crenças, e os três interagem no modo comportamental do indivíduo, neste caso dos idosos. E todo esse processo perceptivo e de registro também se reflete na imagem corporal, pois novas informações, gerarão adaptações e novas atitudes e experiências.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo é o registro vivo de todas as suas experiências de vida. Ele revela de alguma forma seus pensamentos, sentimentos, histórias esquecidas, mas que estão guardadas na memória. Mas o que este corpo percebeu e associou, creu e agiu se refletiu para a imagem que ele tem dele mesmo, do seu corpo, em sua mente, a imagem corporal, hoje.

Consideramos que as fotografias selecionadas pelos idosos foram de grande relevância para colhermos a variedade de informações ao qual chegamos. As fotografias neste caso atuaram como mola propulsora da memória, em busca do resgate do momento eternizado na imagem e de outras lembranças que ela reportava à mente.

Isso proporcionou entrevistas interessantes, tanto no aspecto da riqueza de detalhes em que a lembrança retratava, mas também ao fato de que os idosos, a maioria, gostaram de falar e por bastante tempo, chegando algumas entrevistas a ter a duração de uma hora. A relação de confiança entre entrevistador e entrevistado foi confirmada ao término de algumas; quando os idosos declaravam que não contavam sobre as suas vidas para outras pessoas e que na ocasião conseguiram externar com tranquilidade como havia sido as suas experiências, além do fato de terem alguém para conversar e principalmente para serem ouvidos.

Durante o levantamento dos idosos matriculados no PIFPS-U3^aIA, foi com surpresa que verificamos a existência de um número significativo de gerontes com mais de 70 anos de idade, que foram 67 ao todo. Isso significa que, comparado com a década de 80, quando teve início as atividades do programa, houve um acréscimo com relação à expectativa de vida dos gerontes, que na época era de 62 anos de idade.

As anotações realizadas pela acadêmica pesquisadora verificaram que os idosos participantes da pesquisa freqüentavam há muitos anos o PIFPS-U3^aIA, e muitos estão integrados desde a criação do mesmo há 15 anos.

Com relação ao grau de escolaridade entre os participantes, verificamos que a maioria não possui o primeiro grau, não chegando a ter completado o sexto ano escolar. Mas a surpresa se constatou com relação ao número de idosos que possuíam o segundo grau e superior completo; pois devido as dificuldades da época em que viveram para continuar os estudos, este número se faz importante.

Ao analisar o contexto sociodemográfico, observamos que a maioria veio das cidades do interior para a cidade de Manaus, o que revela outra característica vivida, o êxodo rural. Sobre o estado civil, metade de nossa amostra é composta por viúvas e um terço de casadas (os), as demais são separadas, divorciadas e solteiras.

Quanto à religião, praticamente todos os idosos participantes da pesquisa se declararam católicos.

Sobre as categorias e subcategorias. As categorias foram outro meio de interagir com os entrevistados além das fotografias. Sendo assim, como cada indivíduo é um ser único, e tem experiências vividas diferentes, as subcategorias foram a convergência das categorias nas palavras-chaves encontradas na análise de conteúdo.

Contudo, após ouvir exaustivamente, transcrever e analisar, as subcategorias apresentam-se no Quadro 6, aparentemente algumas repetitivas, mas que se trata de significados e valores diferentes no contexto da resposta da categoria.

As subcategorias estão relacionadas às experiências sociais dos gerontes; sendo estas experiências o resultado dos planos e objetivos durante a vida e que possuem características e valores de acordo com o processo de transformação da sociedade e conseqüentemente sua adaptação à essas mudanças. Além disso, esses planos e objetivos vão dar significado em suas vidas. Neste aspecto a relação com suas famílias, em passeios, à participação no PIFPS-U3^{IA}, com amigos e sobre a religiosidade foram destacadas.

Dentre essas relações em que as vivências são concretizadas; com o outro e com o meio em que está envolvido, é que também foram revelados os sentimentos como saudade, alegrias e felicidade contida nas subcategorias, sendo que também estão vinculadas aos planos e objetivos mencionado anteriormente.

As percepções quanto a mudança na aparência física, ou capacidade física, verbalizados pelos idosos, apontam para o nível de conscientização do processo de envelhecimento; mas foram pontuações feitas sem remorsos ou decepções, ou seja, eles estão envelhecendo sim, mas essa mudança física, é uma consequência imutável e natural, passando a ser uma preocupação maior se manterem ativos e saudáveis para ter uma vida com qualidade.

A categoria que indagava o que eles percebiam ao ver a imagem do passado, os idosos expuseram que se achavam bem na imagem, sobre a sua aparência física e também se perceberam diferentes. Estas percepções estão voltadas ao eu corporal e existencial do entrevistado.

As subcategorias, “representou muito” e “muita coisa”, foram manifestações globalizadas de emoções que culminaram para estas sínteses.

Sobre categorizar as lembranças em boas e ou ruins, a maioria dos idosos foram efetivos em afirmar que as lembranças eram boas. Isso demonstra que a memória realizada durante as entrevistas foram positivas, ou seja, mesmo que algum tipo de sentimento negativo tenha sido revelado, ele foi reconstruído com os pensamentos e percepções atuais. Sendo assim o fato de terem participado desse trabalho, pode ter corroborado nesse sentido.

Consideramos que os elementos mnêmicos dos participantes deste trabalho estão adequados com relação ao processo de envelhecimento. Neste caso, por se tratarem de idosos pertencentes a um programa de envelhecimento, praticarem atividades físicas regulares, estarem inseridos socialmente com outros indivíduos que estão experimentando as mesmas mudanças e

adaptações e ainda a participação ativa em festas e palestras; promove um quadro favorável e saudável para este processo.

Analisando ainda os aspectos da memória, o ato de lembrar, recordar, foi bastante significativo para os idosos; neste caso a imagem fotográfica representou para eles lembrança ou havia selecionado a imagem para recordar. Em seus depoimentos revelaram que isto “ajuda a viver”

Os elementos atitudes, crenças e associações foram revelados durante a entrevista a medida que foram se sentindo à vontade com a entrevistadora, onde a memória foi socializada através da linguagem oral. Esses elementos não surgiram de forma sistematizada, mas aleatória entre as subcategorias, as quais foram expostas, também no quadro 7 e 8. Apesar de não fazerem parte da análise de conteúdo das categorias, mas são de grande relevância por se tratar de elementos que integram a imagem corporal no que tange suas percepções e vivências culturais e interpessoais.

Entre as associações apresentadas, a percepção da ausência dos filhos em casa foi bastante significativa; quanto a atitudes a mudança de vida e de pensamento também se destacou e com relação às crenças, acreditar que estão melhor agora do que anteriormente foi o que chamou-nos mais a atenção.

A imagem corporal está em constante formação, pois depende da relação com o corpo, com o meio externo e com o corpo dos outros indivíduos. Sendo assim as percepções, a memória, as atitudes, associações e crenças estão englobadas no dia-a-dia, sendo absorvidas, aprendidas, e guardadas na memória e na formação da imagem corporal dependendo do nosso interesse emocional. Ou seja, o que não for relevante para o eu-existencial, corporal não será significativo e não vai ser registrado.

Desta maneira, ao estudarmos a imagem corporal de idosos acima de setenta anos de idade através de fotografias e os elementos da memória, crenças, atitudes e associações; nos deparamos com uma rica vastidão de informações que poderão contribuir com outros estudos já realizados e citados em nossa revisão literária, como também em outros referentes a imagem do corpo.

O modo de pensar do idoso, as coisas em que acreditam, seus sentimentos, seus anseios estão expostos em suas falas e contribuem para a compreensão do que é ser idoso nos tempos atuais, o que pode mudar nas próximas décadas devido à transformação da sociedade em que vivemos.

As fotografias culminaram para as revelações das histórias de vidas, únicas, vividas e retratas em alguns momentos; resgatadas das fotografias da memória, onde alguns, mesmo com a visão debilitada pela idade descreviam os detalhes das roupas, tecidos, lugares, pessoas, enfim a sua experiência.

REFERÊNCIAS

- ACSM – American College of Sports Medicine. **Teste de esforço e prescrição de exercício**. 5. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- BARBOSA, Rita Maria dos Santos Puga. **Avaliação da Catexe Corporal dos Participantes do Programa de Educação Física Gerontológica da Universidade Federal do Amazonas**, 2003. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 2003.
- BARROS, Daniele D. **Estudo da imagem corporal da mulher: (ir) real x corpo ideal**, 2001. Dissertação, Mestrado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: ed. 70, 1991.
- BOCK, Ana Nerce Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes. **Psicologias – uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BORGES, Paulo César dos Santos. Atividade Física, Idoso e Doenças Crônico-Degenerativas. **REVISTA BRASILEIRA DE CINEANTROPOMETRIA & DESEMPENHO HUMANO**, Florianópolis, v. 9, S.1, p. 64-66, Maio-2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2ª ed. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BOSI, Ecléa. **O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA: ensaios de psicologia social**. Ateliê Editorial, São Paulo, 2003.
- BRASIL. **Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana Saúde**. Painel de Indicadores do SUS, Brasília: DF, 2006.
- BRUNO, Fabiana. **Retratos da velhice - um duplo percurso : metodológico e cognitivo**. Campinas, SP : [s.n.], 2003. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes.
- BUCHNER, D. M.; WAGNER, E. HH. Preventing frail health. **Clinical Geriatric Medicine**. 8 (1) 1992: 1–17.
- COSTA, José Luiz Riani Costa. Novas Perspectivas de Políticas na Área da Atividade Física e Envelhecimento. **REVISTA BRASILEIRA DE CINEANTROPOMETRIA & DESEMPENHO HUMANO**, Florianópolis, v. 9, S.1, p. 15-20, Maio-2007.
- CAMPOS, Dirah Martins de Souza. **Psicologia da Aprendizagem**. 33ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DA SILVA, Ana Luzia dos Anjos. **Reapropriação Corporal e Social dos Idosos Através da Dança Coreografada**. 2003. Especialização, Universidade Católica de São Paulo, 2003.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DAMÁSIO, Antonio R. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à Psicologia**. 3ª ed. São Paulo: MAKRON Books, 2001.

DOLTO, F. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 1984.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 9ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

ELWARD, K.; LARSON, E. B. benefits of exercise for older adults. A review of existing evidence and current recommendations for the general population. **Clinical Geriatric Medicine**. 8 (1), 1992: 35-50.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi. O retrato de si In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **O corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 1995.

GORMAN, W. **Body image and image of the brain**. St Louis, Missouri: Warren H. Green Inc., 1965.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica**, 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

LUCENA, Célia Toledo. “**O uso de imagens em história oral: bricolagem de representações**” in *Historicidade*. Revista Virtual, <<http://www.historicidade.cjb.net>>, 2002, UNIVÁS – MG.

MAZO, Giovana Zarpellon; LOPES, Marize Amorim; BENEDETTI, Tânia Bertoldo. **Atividade Física e o Idoso – Concepção Gerontológica**. 2ª Ed. Sulina, Porto Alegre, 2004.

MANIDI, Marie José; MICHEL, Jean Pierre. **Atividade Física para Adultos com mais de 55 anos**. Malole, São Paulo, 2001.

MARTINEZ, W. N. **Direito dos idosos**. São Paulo: L. Tr, 1997.

MEDINA, João Paulo S. **O Brasileiro e seu corpo**. 10ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2005.

MENDES, Nelson. **Escola, escola, quem és tu**. Porto Alegre: artes Médicas, 1987.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

McCREA, C. W.; SUMMERFIELD, A.; ROSEN, B. Body image: a selective review of existing measurement techniques. *British Journal of Medical Psychology*, v. 55, p. 225-233, 1982.

NERI, Anita Liberalesso; FREIRE, Sueli Aparecida; (orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

NOVAIS, P. A Terceira Idade. **Coleção Tempo e Vida**. Rio de Janeiro: CBCISS e ANG-RJ, n. 1, ano 1, 1992.

PEIXOTO, C. Entre o Estigma e a Compaixão e os Termos Classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: MORAES, M. e BARROS, L. (org.) **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RODRIGUES, N. C. **Conversando com Nara Costa Rodrigues sobre gerontologia social**. In: SHONS, C. R.; PALMA, L. T. S. (orgs.). 2ª ed. Passo Fundo, RS: UFP, 2000.

SANTOS, S. S. C. **Gerontologia: caminhando para a interdisciplinaridade e a complexidade**. Paper apresentado no exame de qualificação do projeto de tese. Doutorado em Enfermagem – UFSC, 2000:18 (mimeo).

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso**. 3ª ed. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

SIMSON, Olga R. de Moraes von. “**Depoimento oral e fotografia na reconstrução histórico-sociológica: reflexões de pesquisa**” in *Boletim do Centro de Memória*. Campinas, SP: Unicamp, v. 3, nº 5, jan/jun, 1991.

SCHILDER, Paul. **A Imagem do Corpo: As Energias Construtivas da Psique**. 3ª ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

SENADO FEDERAL. **Estatuto do Idoso - Dispositivos Constitucionais Pertinentes Lei nº 10.741, de 1º de Outubro de 2003, Normas Correlatas, Índice Temático**. Brasília-DF, 2004, Impresso na Secretaria Especial de Editoração e Publicações.

SILVA, Flávia Pereira da. **Crenças em relação à velhice: bem-estar subjetivo e motivos para frequentar Universidade da Terceira Idade**. Campinas, SP: 1999. Dissertação de mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

TAVARES, Maria da Consolação G. Cunha F. **Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento**. 1ª ed. Barueri, SP: Manole, 2003.

THOMPSON, J. K.; PENNER, L. A.; ALTABE, M. N. Procedures, problems, and progress in the assessment of body image In: CASH, T. F.; PRUZINSKY, T. **Body image: development, deviance and change**, New York: Guilford Press, 1990.

XIMENES, Sergio. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ediouro, 2º ed, 2000.

APENDICES



APÊNDICE 1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS DO DESENVOLVIMENTO ADULTO
PROPESP – ADP - PIBIC 2007/2008



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Projeto de Pesquisa – Imagem corporal: atitudes, memórias, associações e crenças através de fotografias de acadêmicos da 3ª Idade Adulta maiores de 70 anos.

Responsável: Prof^ª. Dr^ª. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa, Adjunto IV – DFT – FEF - UFAM

Bolsista: Kátia Chomiczuk Miguel Garcia – Acadêmica de Educação Física – UFAM

As pesquisadoras, a **Prof^ª. Dr^ª. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa** e as acadêmicas voluntárias de iniciação científica **Kátia Chomiczuk Miguel Garcia e Aliane Augustinho de Castro**, solicitam sua colaboração no sentido de participar de uma pesquisa que objetiva investigar os elementos atitudes, memórias, associações e crenças, que acadêmicas da 3ª Idade Adulta maiores de 70 anos, terão diante de fotografias por si selecionadas. A pesquisa será realizada em espaço físico da FEF-UFAM, bloco PIFPS - Programa Idoso Feliz Participa Sempre, para coleta de dados que será por meio de entrevista da pesquisadora com a (o) participante, tendo livre arbítrio de descrever as situações que lhe remetam cada foto. O estudo a ser realizado não oferece quaisquer riscos, desconforto ou ônus com sua aplicação para o participante. Os envolvidos no estudo serão 30 acadêmicos da U3ªIA - PIFPS.

Precisando de qualquer tipo de informação sobre todos e quaisquer procedimentos abordados na entrevista serão esclarecidos exhaustivamente até que não paire mais nenhuma dúvida, podendo recusar-se em qualquer momento de continuar participando, retirando o termo de consentimento de pesquisa.

As pesquisadoras não darão nenhum benefício em dinheiro ou algo em troca das informações obtidas, as quais serão utilizadas somente para esta pesquisa. Os dados pessoais ou de identificação dos envolvidos, serão mantidos em sigilo por tempo indeterminado, tendo somente os resultados expostos de forma a não identificar os participantes servindo para quais quer tipo de análise de pesquisa para poder ver veiculados em palestras, periódicos e outros meios que possam vir a divulgar conhecimento obtido as autoridades normativas de parâmetros legais de leis. Deixando claro que sua participação nesta pesquisa poderá ter grande relevância em estudos na melhoria da qualidade de vida de gerentes, além de auxiliar em outras pesquisas neste campo de estudo.

Consentimento pós-informação

Eu, _____ portador (a) da Carteira de Identidade número _____, considero-me devidamente informado sobre o conteúdo do Termo de Pesquisa Proposta, expresso de forma livre meu consentimento para inclusão, como sujeito de pesquisa. Sendo informado que meu número na pesquisa é _____, recebendo cópia deste documento por mim assinado.

Contato com a pesquisadora pelo fone 9176-7380; residente na rua Sargento Manoel Chagas, nº. 06, São Jorge, Manaus – AM.

Data: ____/____/____.



Impressão do dedo polegar direito, caso o responsável não saiba escrever seu nome.

Assinatura do (a) Participante



APÊNDICE 2
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS DO DESENVOLVIMENTO ADULTO
PROPESP – ADP - PIBIC 2007/2008

TERMO DE CONSENTIMENTO DE DIVULGAÇÃO DE IMAGEM

Projeto de Pesquisa – Imagem corporal: atitudes, memórias, associações e crenças através de fotografias de acadêmicos da 3ª Idade Adulta maiores de 70 anos.

Responsável: Prof^ª. Dr^ª. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa, Adjunto IV – DFT – FEF - UFAM
 Bolsista: Kátia Chomiczuk Miguel Garcia – Acadêmica de Educação Física – UFAM

As pesquisadoras, a **Prof^ª. Dr^ª. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa** e as acadêmicas voluntárias de iniciação científica **Kátia Chomiczuk Miguel Garcia**, solicitam sua autorização de divulgação, caso necessário, das fotografias apresentadas na entrevista do projeto de pesquisa acima citado, a qual a senhor (ra) está participando e assinou Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE de forma que não lhe cause constrangimento ou aborrecimentos pelo fato. Outrossim, esclarecemos que as imagens fotográficas serão escaneadas e devolvidas ao participante.

Consentimento pós-informação

Eu, _____ portador (a) da Carteira de Identidade número _____, considero-me devidamente informado sobre o conteúdo do Termo de Pesquisa Proposta, expresso de forma livre meu consentimento para divulgação das imagens das fotografias como sujeito de pesquisa. Sendo informado que meu número na pesquisa é _____, recebendo cópia deste documento por mim assinado.

Contato com a pesquisadora pelo fone 9176-7380; residente na rua Sargento Manoel Chagas, nº. 06, São Jorge, Manaus – AM.

Data: ____/____/____.



Impressão do dedo polegar direito, caso o responsável não saiba escrever seu nome.

 Assinatura do (a) Participante



APÊNDICE 3
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE ESTUDOS INTEGRADOS DO DESENVOLVIMENTO ADULTO
PROPESP – ADP - PIBIC 2007/2008

ROTEIRO DAS PERGUNTAS UTILIZADAS DURANTE ENTREVISTA

Projeto de Pesquisa – Imagem corporal: atitudes, memórias, associações e crenças através de fotografias de acadêmicos da 3ª Idade Adulta maiores de 70 anos.

Responsável: Prof^a. Dr^a. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa, Adjunto IV–DFT–FEF–UFAM
Voluntária: Kátia Chomiczuk Miguel Garcia – Acadêmica de Educação Física – UFAM.
Colaboradora: Aliane Augustinho de Castro - Acadêmica de Educação Física

Nome: _____ Sexo: _____

Idade: _____ Religião: _____ Naturalidade: _____

Formação educacional: _____

Profissão: _____ Estado civil: _____.

ROTEIRO PARA CADA UMA DAS TRÊS (3) FOTOGRAFIAS SELECIONADAS PELO SUJEITO DA AMOSTRA

- 1) Por que selecionou esta fotografia?
- 2) Fale sobre a imagem da fotografia?
- 3) O que mais esta fotografia lhe lembra?
- 4) O que esta fotografia lhe lembra de bom e/ou de ruim?
- 5) O que esta fotografia significa na sua vida?
- 6) O que percebe em você quando vê essa fotografia

APENDICE 4

CRONOGRAMA 2007/2008

ATIVIDADE	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
Levantamento referências	R*	R*	R*	R*	R*	R*	P*	P*	P*				
Levantamento dos dados			R*										
Abordagem aos acadêmicos			R*										
Início das entrevistas				R*									
Término das entrevistas								P*					
Apresentação parcial				R*									
Transcrição das entrevistas				R*	R*	R*	P*	P*					
Entrega do relatório semestral						R*							
Análise dos resultados									R*				
Resultados e conclusão										R*			
Inscrição on-line resumo											R*		
Entrega de resumo impresso											P*		
Entrega do relatório final											P*		
Apresentação do relatório público													P*

*R = realizado.

* P = previsto.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM



PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas aprovou, em reunião ordinária realizada nesta data, por unanimidade de votos, o Projeto de Pesquisa protocolado no CEP/UFAM com CAAE nº. 0026.0.115.000-07, intitulado: **“Atitudes, memórias, associações e crenças através de fotografias de acadêmicos da 3ª idade adulta maiores de 70 anos”**, tendo como Pesquisadora Responsável: Rita Maria dos S Puga Barbosa .

Sala de Reunião da Escola de Enfermagem de Manaus – EEM da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus/Amazonas, 12 de abril de 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFAM
M. Rosa
Profª Drª Maria Rosa Lozano Borrás
Coordenadora

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me mantido com saúde e tranqüilidade.

Aos meus filhos, Caroline e Antonio que foram compreensivos com minha ausência, mesmo eu estando dentro de casa.

Ao meu marido, Antonio César pelo incentivo e paciência.

À minha colaboradora Aliane Augustinho pelo apoio.

À minha orientadora, Profa. Dra. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa, pelo carinho e incentivo.

Aos meus colegas, bolsistas do PIFPS-U3^aIA.

E acima de tudo, aos idosos que participaram deste trabalho de pesquisa.

Obrigada.